MARQUÉS DE SAN JUAN
DE PIEDRAS ALBAS
EX LIBRIS

HISTORIA

DO

TOUREIO EM PORTUGAL

POR

Antonio Rodovalho Duro

"ZÉ JALECO"

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND—Livraria Editora
73, Rua Garrett, 75

1907

LISBOA
Typ. de Francisco Luiz Gonçalves
80, RUA DO ALECRIM, 82
—
1907

Ao meu prezado amigo

José Joaquim da Silva Graça

DIRECTOR DO JORNAL «**O Seculo**»

OFFERECE E DEDICA

O auctor.

AOS LEITORES

Para organisar este modesto trabalho, coordenei diversas noticias e referencias acerca das corridas de touros que se teem realisado em todo o paiz, informações essas ainda não citadas em nenhum livro da especialidade, porque até hoje só eu tive a paciencia de as reunir.

Auxiliado por livros que tratam de assumptos tauromachicos, possuindo uma collecção de documentos antiquissimos sobre touradas, obtendo apontamentos fidedignos de *aficionados* de Lisboa e das provincias, e de prestimosos correspondentes do jornal «O Seculo», a quem me confesso altamente reconhecido, assim consegui, não sem grandes difficuldades, alcançar informações absolutamente inéditas, que julgo interessantes para esta obra.

Não foi meu intuito fazer um trabalho completo sobre as numerosas praças e touradas que tem havido em Portugal; é mesmo tarefa que me parece impossivel levar a cabo, não só pela falta de documentos comprovativos, mas tambem por se tornar a leitura bastante fastidiosa.

Compilei apenas os casos dignos de menção, na historia do toureio, annotando devidamente aquelles que foram transcriptos para este livro.

O auctor.

CAPITULO I

Onde e quando se correram touros pela primeira vez em Portugal?

Varios investigadores e publicistas de incontestavel probidade litteraria teem feito curiosas referencias aos antigos combates de touros e transcripto noticias interessantissimas de touradas, mas nenhum, até hoje, nos indicou ainda, onde e quando se correram touros pela primeira vez em Portugal, e, estou certo mesmo, que impossivel se torna dizel o.

As corridas de touros, a meu ver, são uma natural e consequente transformação dos combates singulares da Edade Média.

Nos circos de Roma, entre gladiadores e féras, no numero das quaes figurava o touro, travavam-se as luctas mais horriveis que se podem imaginar e que são bem conhecidas por narrativas de historiadores illustres.

Desde o seculo XI, que o touro foi aproveitado para a briga com os cães, espectaculo muito apreciado pelos arabes.

Pertencendo a rez brava a uma raça que se distingue pelo excellente sabor da carne, é provavel que desde a mais remota antiguidade fosse privada da liberdade, sendo amansada e tornada util á lavoura; comtudo é certo que nunca dei-

xaram de existir até hoje animaes d'aquella especie, para reproducção.

As primordiaes touradas, se este nome se lhes póde dar, foram corridas tumultuarias, que nada differiam das batidas aos lobos e aos javalis, ou um duello em campo cerrado, no meio d'uma estacada de tapeçarias, entre um touro escumante e um homem completamente coberto de ferro. Eram torneios de força e de agilidade, barbaros e sanguinarios, a meio dos quaes se soltava uma matilha de cães de fila, que, n'um momento, cobria e abocanhava a féra.

Absolutamente, nada havia de arte: apenas destreza e força.

N'essas luctas, em que se misturavam na arena os cadaveres dos homens com os animaes mortos, empregava-se o venabulo de caça ou a lança, que mais tarde mudou a fórma e passou a chamar-se garrochão ou rojão, transformando-se ainda na farpa que actualmente usam os cavalleiros portuguezes.

A garrocha foi primitivamente uma arma do toureio a pé e d'ella provem a bandarilha.

Essa maneira de tourear era então exercida por servos ou escravos que sacrificavam a vida pelos seus senhores, e, muitas vezes, eram por elles condemnados á morte em tão renhidos combates. Vieram mais tarde os toureiros volantes, já com outras attribuições, e por fim os capinhas e bandarilheiros.

As sortes do toureio a pé e a cavallo foram pouco a pouco inventadas e aperfeiçoadas por hespanhoes e portuguezes; cabendo tambem parte do invento aos landezes, povos do sudoeste da França, entre o Garona e o Oceano, que em circos praticam ainda exercicios tau-

romachicos, saltando sobre as rezes ou livrando-se d'ellas com quebros do corpo, o que é bem differente da lide que se executa na peninsula iberica.

*
* *

Das inquirições de 1258 de D. Affonso III, citam Herculano e Gama Barros o seguinte:

«Martinus Gonsalui prelatus de Almacaue (Almacave é dentro de Lamego), dixit quod de isto campo in quo modo sunt iste Almonie (almoinhas) solebat domnus Rex Sancius, avus istius Regis, mactare suos tauros et currere caballos et ambulare et ludere.»

Este documento demonstra que D. Sancho II no campo das almoinhas ou almainhas, que quer dizer quintal cercado ou quinta suburbana, corria a cavallo touros, jogava e passeava. Não se entenda, porém, que os jogos eram de batota ou á cabra céga: o quarto monarcha portuguez fazia exercicios de equitação e d'armas, a que então se chamavam jogos.

O depoimento de Martinho Gonçalves, feito annos depois, tem alto interesse na historia das touradas, porque fixa o que se conhece d'este genero de diversões na Peninsula, após o dominio arabe.

*
* *

Em Evora realisaram-se touradas em 1431, 1432 e 1490, as quaes citarei no cap. XXII.

Nos festejos que se fizeram em Lisboa em 1451 por motivo do casamento de D. Leonor, irmã de D. Affonso V, com o imperador da Allemanha, Frederico III, refere Ruy de Pina na sua

«Chronica de D. Affonso V»:—«que depois das justas houve touros a S. Christovam, a par dos paços do Duque.»—

No tempo de D. João II (1481) deram-se touradas em Portugal e na India, a que se refere a obra classica «Os portuguezes em Africa, Asia America e Oceania».

*

* *

No «Corpo Chronologico» (Parte I, m. 9, n.º 33) encontra-se um documento citado na *Revista de Engenharia Militar*, 6.º anno, n.º 10, pag. 471, nota 4, que diz:

«Senhor temos vontade de fazer na Ribeira desta çidade huua picota dalguua culuna de marmore que seja muyto bõoa porque de paao cada dous annos á mester huua nova e he cousa que nõ avullta nada e a cada tormenta ou correr de touros he desmanchada.»

Tem a data de 12 de julho de 1510, reinado de D. Manoel.

A «Ribeira» indicada no documento acima transcripto, era em Lisboa: assim se chamava ao Terreiro do Paço, que teve tambem o nome de «Terreiro do Paço da Ribeira» e na actualidade se denomina «Praça do Commercio.»

O auctor d'aquella prosa de ha perto de quatro seculos, que tão preciosa se torna para esta obra, chama certamente «picota» ao mastro que se collocava dias antes na arena para annunciar a corrida de touros e que o pedinchão desejava que se fizesse de marmore, porque de pau, de dois em dois annos, necessitava de ser substituido, em vista do mau tempo o deteriorar.

Elle lá tinha as suas razões d'ordem economica.

Conforme direi no cap. II, no reinado de D. Sebastião houve touradas reaes no Terreiro do Paço.

Em 1619, veiu Filippe II, de Hespanha, visitar Portugal, realisando-se por isso tres dias de touros, tambem no referido local.

(V. *Lisboa n'outros tempos*, pag. 222.)

Uma carta inédita do tempo, que faz parte dos manuscriptos existentes na Bibliotheca Nacional, (codice B 9-37, dá os seguintes pormenores d'aquellas sumptuosas festas:

A visita de Filippe II, de Hespanha, foi, em Portugal, o inicio das touradas de apparato.

Nunca para um combate de féras o seculo XVII teve mais deslumbrante cerimonial e se revestiu de tapeçarias mais recamadas de ouro. Os palanques foram armados no Terreiro, feitos de madeira dourada, e ornados de riquissimos pannos de seda e de brocado de Flandres. N'uma das janellas nobres do Paço, sob docel brocado de ouro, assistia Filippe II, todo de negro, mostrando o seu queixo austriaco de maxillas alongadas e proeminentes, recoberto de pellos grisalhos— e nas outras janellas formigavam as damas e a nobreza de Hespanha e de Portugal—sob um grande velario vermelho, que o sol incendiava.

Principiou a tourada ás 4 horas da tarde, de 20 de outubro de 1619, pela entrada das danças, que nos seculos XVI e XVII foram inseparaveis de todas as festas a que concorria o elemento popular, — comedias ou romarias, touradas ou procissões.

Tourearam os illustres fidalgos D. Francisco Coutinho, D. João de Noronha (Villaverde), D.

Fernando de Mascarenhas, D. Antonio Correia de Menezes e Estevam de Brito Freire, — ao tempo um dos mais notaveis toureiros e mestres de picaria do Reino, — acompanhados cada um de dez ou doze lacaios de couras e gibões preciosos.

O combate foi renhido em todos os tres dias, — morrendo vinte touros, quatro homens e alguns cavallos, que Filippe II offerecera aos fidalgos toureiros.

N'essa tourada deu-se um facto digno de nota: um tal João Camarão, que commettera varios delictos quando eguariço em casa de D. João de Saldanha, fidalgo de Santarem, saltou á arena e commetteu prodigios de valor, matando touros de rosto a rosto, sendo-lhe perdoados os crimes em troca dos seus corajosos feitos.»

*

* *

O *Mappa de Portugal*, do padre João Baptista de Castro, dá noticia de ter havido o primeiro combate de touros no Rocio de Lisboa, no anno de 1647.

Foram tambem notaveis, pelo deslumbrante fausto e riqueza, as touradas reaes que se deram no Terreiro do Paço, em 1661, quando se celebrou o consorcio do rei de Inglaterra, Carlos II, com D. Catharina, filha de D. João IV, e as que houve na mesma praça, em 1752, pela exaltação de D. José I ao throno, promovidas pelo Senado de Lisboa.

Outras corridas se realisaram em Lisboa, que adeante vão descriptas.

No tempo de D. Maria I foi escolhida a hoje grandiosa Praça do Commercio para se effe-

ctuarem ali corridas de touros, festejando a acclamação d'aquella rainha em 1777.

Para celebrar o nascimento do principe da Beira, filho da referida rainha, deu se tambem no mesmo recinto uma tourada em 1795, á qual vieram picar os hespanhoes Bertholdo Ximénes e o celebre Pedro Romero, o competidor de Pepe Hillo, que ganhou, por tourear n'essa tarde, dois contos de réis.

Foram o marquez de Marialva, D. Diogo, e o conde d'Obidos, que fizeram a medição dos palanques destinados aos fidalgos. (*Livro* v *da Secretaria*, pag. 15).

* * *

Em Lisboa e em toda a provincia da Extremadura as touradas tiveram sempre muitos amadores dilectos e numerosos creadores de gado bravo.

A area de creação de touros póde dividir-se no continente em quatro zonas: campos do Mondego, campos da Gollegã, campos de Villa Franca de Xira e Alemtejo.

Na primeira zona comprehendem se as campinas marginaes, visinhas do Mondego, onde todavia já se encontram touros idos dos campos de Villa Franca; a segunda abrange os campos da Gollegã, Chamusca, Coruche e proximidades, cujos lavradores não tragam terras de pastagem de renda nos campos de Villa Franca; na terceira entram as lezirias de Villa Franca (norte e sul) e limitrophes (Carregado e Azambuja): na quarta figuram os campos do alto Alemtejo, cujos cultivadores não teem terras de renda nas lezirias de Villa Franca.

Póde, comtudo, dizer-se que a quasi totalidade dos creadores de touros, ou pelo menos a mais importante, tem a sua séde em Villa Franca.

O gado ali nasce, cria-se e passa a maior parte do anno, á excepção de dois mezes de inverno, durante os quaes vae para a charneca; mas isto nem sempre succede.

A decadencia das rezes bravas provem da abolição da lei dos morgadios. Houve a divisão de bens por todos os herdeiros, e assim, as casas que possuiam touros, que eram muitas, viram-se forçadas a repartil-os, indo, portanto, parar a mãos que pouco ou nada se interessavam pelo apuramento das raças ou, ao menos, por as conservar; d'ahi resultou, a meu ver, o descredito dos touros portuguezes, outr'ora tão afamados.

*
* *

Não é apenas na provincia da Extremadura que as touradas constituem uma das melhores e mais agradaveis festas do povo; tambem acontece o mesmo n'outras terras de Portugal.

Antes de haver praças de touros, os promotores e os participantes do sympathico divertimento serviam-se dos largos das povoações, dos adros das egrejas, dos pateos dos palacios; todos os locaes apropriavam para corridas.

Apenas no Algarve as touradas não teem grande acceitação.

N'este ponto os algarvios destacam-se dos restantes patricios.

Ainda assim, em 9 d'agosto de 1891 realisou-se uma tourada em Olhão, fazendo se uma pra-

ça, com grande afan e anciedade do publico, para presencear o novo espectaculo. Afinal, o gado saiu manso, os toureiros tambem não prestaram, de maneira que a funcção desagradou, o circo foi logo desmanchado e o empresario não ficou com o desejo de continuar com semelhante negocio.

Suppõe-se tambem que, no tempo em que Castro Marim era a primeira villa do Algarve e para ella foram residir cincoenta fidalgos templarios, (cavalleiros da antiga ordem do Templo), com as suas comitivas e numerosas tropas, ostentando o maior luxo, todos se divertiriam ali á grande, e talvez, para completar as festas, houvesse touradas.

*
* *

Não obstante as varias modificações por que teem passado as corridas de touros, ficou ainda do tempo antigo o costume de obsequiar os santos com touradas.

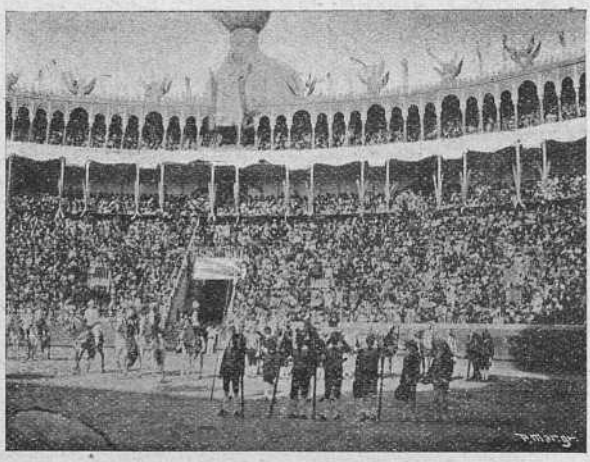
O santo Antonio era um dos mais festejados pela camara de Lisboa, por ser o padroeiro da cidade.

Tambem, para solemnisar o nascimento dos principes ou infantes, se celebravam touradas.

Nas provincias ainda se usa muito, em dias de festividades religiosas, dar corridas de touros, precedidas de exhibições burlescas e de danças.

As touradas foram gratis n'algumas terras; as pessoas mais abastadas mandavam fazer as praças, armavam os seus camarotes ou palanques e gastavam com isso rios de dinheiro.

Na actualidade, as corridas de touros tomaram uma feição perfeitamente diversa da que tinham, conforme se verá n'outros capitulos. Não se comparam, em grandeza e apparato, ás antigas touradas.



CAPITULO II

Monarchas-toureiros

O documento inserido no cap. I prova que el-rei D. Sancho II correu touros a cavallo, sendo tambem provavel que outros soberanos da primeira dynastia tivessem executado exercicios semelhantes, picando rezes bravas.

Entretanto, devemos exceptuar d'esse numero D. Affonso II, que tinha um abdomen tão grande, que nem podia ver os pés, e assim, de certo, não servia para toureiro.

D. Affonso III passava a vida a fazer politica e nas horas vagas ia para os conventos entregar-se ás suas devoções; não me parece, portanto, que lhe chegasse o tempo para as lides tauromachicas.

D. Diniz fazia versos e olhava para a lua; mas, como era o *Lavrador*, talvez aguilhoasse os bois de canga.

D. Pedro I, o *Justiceiro*, não era amigo de fazer mal aos animaes; preferia ás corridas de touros, o bailar pelas ruas da cidade, ao som de trombetas.

D. Fernando, o ultimo da primeira epoca monarchica, era bonito rapaz, mas pouco resoluto, e, a respeito de touros, creio que só gostava d'elles feitos em postas.

D. João I, que começou a dynastia d'Aviz, era dotado de tão *boa memoria*, que até decorou o nome de todos os soldados que derrotaram o rei de Castella, perto de Leiria, ganhando a batalha de Aljubarrota; mas não creio que se mettesse com adversarios de pontas agudas, apesar de ser distincto nos jogos de destreza e ter escripto o «Livro de Montaria».

Seu filho, D. Duarte, que lhe succedeu no throno, tinha força de dizer dominadora do animo alheio; d'ahi o cognominaram «eloquente»; comtudo, parece-me que aos touros nunca fez discursos... Escreveu e publicou um livro intitulado «Ensinança de bem cavalgar em toda a sella», que não sei se teve grande tiragem. A referida obra trata especialmente de regras de equitação, falando ligeiramente n'um golpe de alancear ursos, touros ou porcos.

D. João II tinha tanta força, que cortava com a espada, d'um só golpe, quatro tochas juntas! Ao mesmo tempo era dotado de refinadissima «bolha», porque em Evora mascarava-se de «Cavalleiro do Cysne», cujo fato não era bem o que usam os modernos «chéchés» e, n'aquelle curioso trajo, divertia o povo e divertia-se elle tambem. Affirma se que era um cavalleiro de ambas as sellas, de se lhe tirar o chapéu, e um toureiro de primeira ordem.

Um reinadio é que sem duvida elle era!

D. Manuel, decimo quarto rei de Portugal, tinha mais sorte do que o imperador da China; além d'isso *avezava* uns braços tão compridos e musculosos, que era capaz de pregar um tabefe a dois metros de distancia a quem lhe fizesse uma partida.

Diz Damião de Goes que o rei *Venturoso* era

perito nos jogos de cannas e nas montarias, nas justas e nos touros, e que para estes exercicios o favoreciam os enormes braços que lhe chegavam abaixo dos joelhos.

*
* *

Passarei agora a contar as façanhas d'outros regios toureiros, de quem os chronistas mais se occupam:

El-rei D. Sebastião era de estatura proporcionada, forte e robusto, olhos azues e pequenos, rosto alvo e corado, labios grossos e cabello castanho. Foi monarcha caprichoso, obstinado e de valor tal que chegava á temeridade.

Nas touradas em que tomou parte deu sobejas provas dos seus conhecimentos da arte de tourear e de picaria.

Ficou memoravel certa tarde, em que o soberano rojoneou, em Almada, alternando com o marquez de Torres Novas, que gosava fama de ser o melhor toureiro do seu tempo, e tambem com outros fidalgos dos mais distinctos na arte de picar a cavallo.

Foi uma gloria para o joven rei essa tourada.

Diz uma carta inedita da epoca (*Pomb. codice* 490, fs. 92):

«O marquez de Torres Novas andou esse dia airoso e bem galante e quebrou seis ou sete lanças nas festas dos touros; mas El-Rei Nosso Senhor, D. Sebastião, fez melhores sortes e com mais confiança».

O referido soberano foi um verdadeiro enthusiasta pelos combates de touros, e por sua

iniciativa houve as primeiras touradas reaes no Terreiro do Paço, conforme refiro no cap. antecedente.

Foi tambem a instancias de D. Sebastião que o papa Gregorio XIII revogou a bulla do seu antecessor Pio V, que havia prohibido as corridas de touros (V. cap. III)

Em Xabregas comprovou o mesmo monarcha a sua pericia. (V. cap. V).

N'outras arenas toureou com tanta arte que mais parecia um profissional.

Veiu depois a dynastia Brigantina, que nos trouxe as sortes de tourear, até então desconhecidas.

As corridas começaram a ter maior importancia depois de desapparecer d'este mundo D. João IV, a quem mal chegou o tempo para libertar o reino do jugo castelhano, embora mais tarde os *diestros* hespanhoes o tornassem a invadir, fazendo uma competencia diabolica aos nossos toureiros de pé.

El-rei D. Affonso VI, que se lhe seguiu, encontrou as «cousas arrumadas» e metteu-se na pandega.

Corria touros a cavallo, gostava de jantaradas, e, como era bem parecido, não faltou quem requestasse os seus lindos olhos azues e cabello louro.

Uma tarde foi tourear no pateo do convento de Odivellas, com grande indecoro e geral reprovação de toda a côrte.

A este facto refere-se Bernardes Branco, na sua obra «Sua Magestade El-Rei D. Affonso VI».

O resultado das orgias do citado monarcha foi perder a governação do reino em 1667.

D. Pedro, segundo do nome, é que ganhou com a grande «areia» de que o mano mais velho era dotado, porque subiu ao throno, sem esperar tamanha pechincha.

Não fez, porém, grande figura no alto cargo em que o investiram, mas em compensação a tourear foi um catita.

Tinha força como um hercules: agarrava um boi pelas armas e pregava com elle no chão, com toda a facilidade.

Frequentes eram as corridas de gado bravo no Paço de Alcantara, e ahi D. Pedro, servindo-se da lança, dava golpes certeiros, e feria de morte os touros.

Era admiravel a sua agilidade e picava a pé com invejavel mestria.

A arena de Alcantara tinha trincheiras para defesa dos lidadores, camarote especial para o monarcha ver as touradas, quando não tomava parte n'ellas, e n'essas occasiões fazia-se então acompanhar pela rainha e principes, e d'um cortezão que recebia ordens do monarcha para as transmittir aos toureiros e estes satisfazerem os desejos manifestados pelo seu amo e senhor.

Quando na praça se fazia uma sorte do agrado régio, podia o auctor d'esse feito contar com elogios de D. Pedro, e com recepção amavel no paço.

A rainha ignorava a maior parte dos dias em que o monarcha toureava, porque se lhe guardava d'isso grande segredo.

Nas occasiões em que era colhido pelos touros, toda a assistencia lhe acudia, vendo-se n'estes recontros a primeira nobreza do paiz saltar á arena, agarrar com coragem o bruto que offendia o corpo da magestade, cada um por onde

podia, pelos chavelhos, pelo cachaço, pela cauda; emfim, o grande empenho consistia em salvar a *pelle* real.

Se n'algumas occasiões, apesar do sigillo que havia, constava á rainha que o soberano, seu esposo, se achava a tourear no côrro de Alcantara, mettia-se logo n'um coche e ia até lá, fazendo acabar a festa immediatamente.

O povo tambem não gostava muito que o monarcha experimentasse os touros, que depois deviam ser corridos no Terreiro do Paço, porque se tornavam manhosos.

A rainha, receosa de que o esposo apanhasse algum furo em sitio que não tivesse concerto, insistia com elle para acabar com as corridas, conseguindo apenas que fosse prohibido picar touros em pontas. (V. cap. III).

*

* *

No reinado de D. João VI as corridas decaíram muito, como decaiu a governação do paiz.

Por fim D. Miguel, seu filho, que na lide a cavallo foi um vulto notavel, deu ás touradas mais incremento, principalmente em Lisboa e seus arredores, e em Salvaterra e Santarem.

Aquelle principe desthronado, que não fez carreira com a regencia do paiz, distinguiu-se comtudo por ser um cavalleiro assombroso.

Ia esperar o gado, de barrete, jaqueta de alamares, mão baixa e espora no ventre do cavallo. Atravessava estradas e lezirias, n'um galopar desabrido, em companhia do picador Sedvem, dos toureiros Roquettes e dos Grillos de Salvaterra.

De quando em quando, convidava a fidalguia

para uma tourada na Quinta Velha, á Bemposta.

Ahi, á vontade, rojoneava com intrepidez extraordinaria, a ponto de a assistencia julgar chegado o momento de o imprudente cavalleiro perder a vida.

Um dia, para completar as suas muitas aventuras, fez introduzir nas salas do Paço um famoso *cornupeto*, e ali mesmo o lidou, coadjuvado pelo padre Braga, marquez d'Abrantes, Roquettes, Cambacas e o cocheiro Leonardo.

Como é de suppôr, o rico mobiliario das salas fez-se logo em fanicos.

D. Miguel, sempre armado de rojão, pouca importanci aligava a taes esbanjamentos e destroços.

N'esse tempo tinha até por sua conta o bandarilheiro Mendonça, a quem dava dois tostões por dia!

Adeante farei outras referencias a D. Miguel, que foi o ultimo monarcha toureiro.

CAPITULO III

Prohibição de corridas — Os toureiros perseguidos

O papa Pio V determinou, em 1 de novembro de 1567, que acabassem as touradas, em virtude das muitas victimas que d'ellas resultavam; mas, como se deprehende das palavras de Fr. Manoel dos Santos na *Historia Sebastica*, pag. 279, el-rei D. Sebastião não fez caso das ordens do Summo Pontifice.

O citado religioso diz assim:

«De Evora, e acompanhado do infante D. Duarte, duque de Aveiro, do alferes-mór, de Christovam de Tavora, D. João de Castro e D. Francisco de Portugal, primogenito do conde de Vimioso, sahiu el-rei D. Sebastião a ver os principaes logares do Alemtejo e do Algarve, no dia 2 de janeiro de 1573, todos a cavallo; e foram n'aquelle dia a Vianna, no outro foram a Beja, onde no domingo, 4 do mesmo janeiro, correram touros, já com as pontas cortadas, o que até ali não usavam; e estes foram os primeiros que se correram em Portugal, depois da prohibição do glorioso Pontifice Pio V.»

Sabe-se, pois, por estes linhas, que, em 4 de janeiro de 1573, começaram a correr-se touros com as pontas serradas, e d'ahi provéem as embolações agora adoptadas.

D. Sebastião não ligou importancia, até final, á prohibição do Papa, e só em 25 de agosto de 1575, é que Gregorio XIII revogou a bulla do seu antecessor, permittindo novamente as touradas, com duas condições: a primeira, a das pontas cortadas; a outra, que só se correriam na presença de el-rei.

Prohibe-se outra vez correr touros com as armas por cortar

Conforme disse no cap. II, D. Pedro II, a pedido da rainha, ordenou, em 14 de setembro de 1676, que não se picasse gado bravo, sem lhe tirar a parte aguda das hastes.

Tentaram em varias epocas ir contra as determinações do monarcha; por isso se mandaram intimar em 28 d'agosto de 1684 as auctoridades de Santaram, Aldegallega e Loures, para procederem energicamente contra os que toureassem rezes bravas com as extremidades por serrar.

Sete annos depois, parece que continuava o abuso de lidar os touros em hastes limpas; tanto que, em 20 de setembro de 1691, novamente D. Pedro fez publicar o aviso que segue:

«Que não se consinta correr touros, sem primeiro se lhes mandarem cortar as pontas, em fórma conveniente, que se conheça, que não podem fazer damno a alguem, e, correndo-se os mesmos touros no anno seguinte, se lhes tornarão a cortar as pontas, sem embargo de se lhes haverem cortado no anno antecedente; e tantas vezes se correrem os mesmos touros, lhes serão sempre cortadas as pontas, na mesma occasião que se quizerem correr; e as pessoas que assim

não fizerem, sendo nobres, pagarão, pela primeira vez, cem cruzados, e pela segunda e mais vezes, a mesma pena em dobro; e não sendo pessoa nobre, pagará, pela primeira vez, cincoenta cruzados de cadeia, onde estará quinze dias; e pela segunda e mais vezes, terá a mesma pena em dobro.»

Ainda depois, em 1698, foram relembradas as ordens do soberano.

No reinado de D. João V voltaram as corridas de touros desembolados, no Terreiro do Paço, em Lisboa, (Cap. VI) e nas provincias.

D. José I, em carta régia, de 26 d'agosto de 1767, declarou ao bispo de Coimbra, (Fernandes Thomaz, *Repertorio*, tom. II, pag. 381, e Sousa, *Esboço*, tom. II, pag. sem numero), «que lhe não competia prohibir a corrida de touros, nem, por esse motivo, impedir uma festa votiva da camara de Albiul.»

Perseguições aos toureiros — Restricção das corridas

Nos fins do seculo XVIII, que foram bem revoltos, e no começo do seculo XIX, em que a Companhia de Jesus imperava em Portugal, restringiram-se as corridas de touros. A policia perseguia os toureiros, cumprindo as ordens da Intendencia.

D. João VI, mesmo lá do Brazil, em 7 de julho de 1809, prohibia que se realisassem touradas, sem a sua especial licença.

Quer dizer, que nem a invasão franceza impediu o toureio no nosso paiz, e, quem sabe, quantos estrangeiros se tornaram *aficionados* da arte de picar *cornupetos!*

Acaba-se com as touradas

Cinco annos depois de funccionar a praça do Campo de Sant'Anna, a rainha D. Maria II decretou, em dictatura, a prohibição das corridas de touros em todo o reino, em 19 de setembro de 1836, por as julgar «um divertimento barbaro e improprio de paizes civilisados, servindo apenas para habituar os homens ao crime e á ferocidade.»

Revogação do decreto

A 30 de junho 1837, isto é, nove mezes e onze dias depois da prohibição, as côrtes geraes e constituintes da nação, promulgaram a carta de lei, sanccionada tambem pela mesma rainha, permittindo as touradas, com algumas modificações, e uma d'ellas era de se lidarem touros embolados, dando-se tambem uma percentagem á Casa Pia.

CAPITULO IV

Diversos modos de lidar touros

Nas arenas portuguezas ha differentes maneiras de lidar rezes bravas, e, conforme a especie do toureio, assim se lhes dão os seguintes nomes:

Corrida de touros ou tourada. — Diversão na qual só devem entrar toureiros de profissão ou amadores de reconhecido merito.

Rigorosamente as sortes da arte de tourear estão assim distribuidas:

Cumpre ao cavalleiro executar a sorte *á tira*, *de cara* ou *rosto a rosto* e *á meia volta*, conforme a qualidade do touro.

A *garupa* é sempre considerada um recurso do artista, porque, para a sorte ser correcta, é necessario sempre rematal-a *á estribeira*.

O peão ou bandarilheiro tem a seu cargo o trabalho de muleta, capote e bandarilhas.

Segundo as varias especies de rezes, assim se collocam as bandarilhas a *cambio*, *topa-carneiro*, *sesgo*, *quarteio*, *meia volta*, *de frente* e, raramente, *de relance* e *a recorte*.

Com a muleta dão-se os passes *naturaes*, *ajudados*, *por alto*, *de peito*, *cambiados*, *redondos*, *de molinete*, e *com a direita*.

São estes os mais vulgares.

No manejo do capote temos a *veronica*, *navarra*, *frente por detraz*, *farol*, *al alimon* (entre dois toureiros) e *galeos*.

Fazem-se tambem os *quites*, *recortes* e *largas*.

As *sortes de gaiola* não teem valor algum artistico, porque dependem unicamente do acaso, visto que não se conhecem as condições do touro antes de este estar na arena, nem tão pouco se pode citar o bicho para se consummar a sorte.

Os moços de forcado pegam os touros *de cara*, *á meia volta*, *ao sopé*, *cernelha e cauda*, tendo tambem que attender ás querenças e especies dos animaes, para os subjugar.

No meu livro «Tauromachia», publicado em 1895, encontra-se a definição de todas as sortes de toureio.

Garraiada e vaccada.—Diz se da corrida de novilhos, machos ou femeas, em que tomam parte curiosos ou praticantes da arte.

Corrida á vara larga.—Funcção tauromachica muito apreciada n'algumas terras da provincia, que consiste em espicaçar touros embolados ou mesmo bois, a ponto de os inutilisar de todo.

Os individuos que se prestam a semelhante selvajaria intitulam se «picadores»; servem-se d'uma comprida vara, a que chamam «aguilhão do picador» e que tem na extremidade um formidavel ferro que é enterrado barbaramente em todo o corpo do animal. O enthusiasmo n'estas lides chega ao delirio, quando o pobre bicho, escorrendo sangue, investe desesperadamente contra os pseudo-toureiros, os quaes se livram das arremettidas da fera, rolando-se para debaixo d'umas taboas que são postas para

esse fim na improvisada arena. O animal, no auge da furia, procura fugir, mas é repellido pelos «picadores de assento ou fixos manejando cacetes» que se acham gosando a festa, sentados nos carros e palanques que formam o circo, vibrando d'ali fortes pauladas no bruto, que tem de recuar em vista de tão desagradavel recepção.

Quando o touro está exhausto de forças, saltam então á praça os menos «corajosos» que se contentam em martyrisar ainda mais o pobre animal, já quasi sem vida.

Ha tambem outra maneira de praticar estas corridas:—«Os lidadores de vara larga» (outro nome que teem) servem-se de compridas farpas que atiram de longe ao cornupeto, e, quando calha ficarem presas, os applausos da multidão são unanimes.

O cumulo da valentia chega a ponto de metterem as farpas de sitio onde o bicho não os póde attingir com as armas!

Corrida á corda — E' mais um modo de correr touros muito admirado nas ilhas.

Principia a lide por enlaçar nas armas do touro uma comprida corda, a qual é segura na extremidade por quatro possantes rapazes a quem se chamam «mascarados».

Estes, avançam em direcção ao touro, até que a corda forme um bolso e assim aproveitam o momento em que o animal parte com mais velocidade, para fazerem «fincapé» e pregarem com a rez no chão, porque, presa, como está, no impeto da correria, é obrigada a parar de repente e cae forçosamente, em virtude do desequilibrio que soffre.

A cada esticão que o touro dá chama-se «pancada.»

A's vezes succede os «mascarados» irem tambem bater com os costados em terra por não aguentarem o choque, deixando-se arrastar pela corda se querem mostrar valentia, ou largando-a, se as pedras da rua lhes ferem as carnes e estragam a roupa.

O touro de corda parte geralmente d'um curro, segue pelas ruas da povoação, onde os mais decididos o esperam de cacete em punho e os mais timoratos vêem passar de longe, ás janellas, em muros ou onde melhor o corpinho estiver em segurança.

N'uma tarde é costume correrem-se tres ou quatros touros (V. cap. XXII).

CAPITULO V

D. Sebastião na praça de Xabregas, em 1578

Antes de partir para a Africa residia D. Sebastião no palacio da Ribeira, que preferira ao de Santos e ao da Alcaçova, por estar mais proximo do mar, e, respeitando a tradição, deliberou que os touros fossem corridos no terrado, em frente ao paço de Xabregas.

Lisboa offerecia n'essa epoca um esplendor inexcedivel. Havia dinheiro a rôdo; os fidalgos possuiam as mais ricas joias, os mais deslumbrantes e luxuosos trajos.

Edificou-se a praça com tribunas e palanques de primorosa architectura, cobertos de preciosas sedas.

A tourada que foi offerecida á nobreza do reino, effectuou-se a 15 de junho de 1578, tendo o referido monarcha embarcado no dia 24 do mesmo mez e anno, para Alcacer-Kibir, onde lhe deram cabo do «canastro», segundo se conta.

A brilhante cavalgada, que entrou na arena, e á frente da qual vinha D. Sebastião, fez um successo digno de nota. Uma parte dos cavalleiros apresentava corpos d'aço em que se viam pintados brazões de côres variegadas; outros levavam peitos de prova, de grande valor; couras e colletes d'anta, couraças de laminas so-

bre velludo e setim com tachas de ouro e prata, saios de malha, escudos tauxiados, adargas, montantes e terçados, toda uma infinidade de armas offensivas e defensivas.

Os arreios dos ginetes eram um primor d'arte. Os cavalleiros traziam esporas de prata esmaltadas de ouro e azul; os corceis, cabeçadas, estribeiras lavradas de mil figuras, nominas, peitoraes, cilhas, cordões com borlas de ouro e torçaes. As mochilas, jaezes, gualdrapas e mandris eram pelo menos de velludo com muitas franjas de ouro e de prata. Os lacaios e pagens, que formavam a cauda do cortejo, trajavam as librés das côres dos amos; os das casas mais opulentas vestiam gibões e calças de seda.

O duque de Barcellos, D. Theodosio, que tinha apenas onze annos de edade, era um dos nobres que luzia mais galas. Apresentava metade da sua creadagem vestida de amarello com guarnições encarnadas e a restante de vermelho com calças e corpetes eguaes.

A magestosa quadrilha deu duas voltas á praça e os fidalgos que tomavam parte na corrida apromptaram-se para o combate.

O primeiro touro pertencia de fôro a D. Sebastião. Era uma bella figura a d'este rapaz de 24 annos, com todo o vigor da mocidade, senhor absoluto d'um reino que se impunha e era respeitado pelos seus feitos heroicos. Ninguem na côrte se lhe avantajava na arte de picaria e na correcção e valentia de lidar rezes bravas. A sua mão era d'uma firmeza extraordinaria, e possuia um golpe de vista admiravel.

Quando appareceu na arena empunhando o rojão, a assistencia levantou-se e applaudiu delirantemente o soberano. Este saudou com no-

tavel serenidade e galanteria; collocou-se em frente do curro e esperou corajosamente o adversario. O touro entrou no terreiro com «muita pata», incutindo receio pela corpulencia e braveza que denotava. Era um animal negro retinto, bem armado, das manadas de Almeirim, onde D. Sebastião fôra dias antes apartar o curro. N'um instante o bruto de pontas achava-se ao pé do cavallo, parecendo que este lhe seria difficil escapar; mas o monarcha, mal viu a rez correr para elle, rematou a sorte com toda a pericia e arte.

Ouviram se um estalido secco, quasi metallico, e um mugido medonho; e logo o corcel sahiu illeso para fóra da jurisdicção do inimigo, caracolando com garbo, ao mesmo tempo que o cavalleiro levantava o resto do rojão e olhava risonho para o publico, que lhe fazia a mais lisonjeira manifestação de agrado. O touro foi-se abaixo das mãos; tentou depois erguer-se, mas os olhos turvaram-se-lhe, os membros agitaram-se-lhe n'um tremor convulsivo, e caiu redondamente na liça.

Pertenceu a vez depois a D. Jayme de Bragança, tio do duque D. Theodosio.

Entrou na praça outro cornupeto; o cavalleiro citou-o com notavel coragem; atravessou o cavallo mettendo a passo curto, e esperou pela investida, que foi rapida. Consentiu o bicho á estribeira, mas cravou-lhe o rojão com pouca força, de proposito para o não matar, executando esta sorte com singular habilidade e luzimento.

Seguiu se Christovam de Tavora que, n'um recurso, empregou um ferro á garupa, aguardando o ataque da fera com o maior sangue frio e galhardia.

Uma colhida

A tarde, porém, não acabou sem haver um incidente desagradavel.

Ao alferes-mor do reino, D. Luiz de Meneses, coube um touro manso. O cavalleiro confiou de mais no inimigo, o que é sempre perigoso, e, ao iniciar uma sorte, não calculou bem o terreno, sendo por isso o corcel colhido com tal violencia que lhe sairam logo os intestinos, e o cavalleiro foi cuspido da sella, com grande risco.

As praxes d'esse tempo, em demasia exigentes, eram formaes a respeito dos desastres d'este genero. Se por infelicidade o contendor era enxovalhado ou perdia alguma peça de vestuario, tinha de se desforçar vingando o cavallo, ou, segurando-o de novo, era obrigado a ir buscar as luvas, chapeu, collar ou qualquer outro objecto que lhe tivesse caido. Em taes circumstancias, os espectadores, possuidos da maior anciedade, esperavam o desfecho d'estes lances, que terminavam muitas vezes por uma scena tragica.

D. Luiz de Meneses era muito estimado pelas suas excellentes qualidades e notavel intrepidez. Quando o viu estendido na arena e em perigo de vida, a multidão, horrorisada, julgou o cavalleiro completamente perdido, e muita gente foi logo acudir-lhe. Mas D. Luiz, com admiravel ligeireza, desprendeu se dos estribos, emquanto o touro enterrava as armas na carne da sua montada, e, antes de qualquer pessoa ter tempo de se lhe aproximar poz-se de pé, altivo, de olhar incendido, com os dentes cerrados, inexoravel como a imagem da vingança. Tirou dos hombros a

capa, que apenas, como de costume em taes lides, estava presa por um simples laço. Enrolou-a no braço esquerdo, sem deixar quasi nada pendido do tecido, e desembainhou a espada. Esta arma era para o combate dos touros, n'aquelle tempo, muito differente da que se empregava na guerra ou nos duellos, e completamente diversa da que se usa no toureio da actualidade. Era larga e curta, de feitio tal que se pudesse manejar com facilidade e acerto para ferir de gume ou de prancha.

D. Luiz, de aspecto grave e magestoso, dirigiu-se ao touro. Sabedor, como era, de todos os preceitos da lide, e de todos os recursos de que mais partido se tirava do publico, foi resolutamente ao fero chavelhudo, alegrou-o com a voz, e, no momento em que elle repontou com o vulto, dispoz-se a feril-o, mas— caso extraordinario! — a rez causadora de tamanha proeza fugiu cobardemente pela arena fóra. A turba ficou, então, enthusiasmada.

N'outras epocas, o cavalleiro para não perder a linha da elegancia, não devia, segundo o uso, correr atraz do touro fugido, ou em busca do cavallo, quando este se desenfreasse pela praça; foram os lacaios quem, por meio de citesou picando-o com pampilhos, conseguiram que novamente o animal acommettesse D. Luiz. A rez, percebendo, afinal, que a lucta era de morte, acceitou o desafio. Fitou o seu inimigo, que, a pé firme, com a capa enrolada no braço esquerdo, aguardava com serenidade o primeiro arranque. No momento proprio, o destemido fidalgo cravou a espada até aos copos no cachaço do animal, que lhe cahiu aos pés, ferido de morte.

Eis o resumo da celebre tourada em Xabre-

gas, primorosamente narrada na «Historia das Touradas» pelo laureado escriptor sr. Eduardo de Noronha.

CAPITULO VI

Touradas no Rocio de Lisboa

As praças no Rocio — Triduos de touradas antes do terremoto — Presagios do povo — Touros hespanhoes — Ganhos e perdas.

O Rocio de Lisboa foi n'outros tempos um largo irregular, que servia de mercado publico, e onde tambem se deram touradas.

No cap. I refiro-me aos combates de touros que houve ali em 1647.

O titulo do folheto impresso que tenho á vista é do seguinte teor:

«Sonho metrico em que figuradamente se expende a esperada funcção de touros, que se ha de fazer na Praça do Rocio, este anno de 1754. Para divertimento de quem por seu gosto o quizer comprar e auxilio de quem por sua utilidade o determina vender. Lisboa.—Anno de 1754.—Com todas as licenças necessarias».

Ha muitos documentos do mesmo anno, que nem ao menos teem a data. No frontispicio do que acabo de citar, o auctor duas vezes a escreveu.

Depois segue uma silva que não reproduzo, porque os versos do poeta amigo são muito com-

pridos; além d'isso, fala, apenas, dos carros ornamentados com Neptuno, Vulcano e Apollo, que hão de regar a praça.

Sobre os touros e toureiros guarda silencio. Ha muitas banalidades no «Sonho metrico». Eis um spécimen:

«Logo o moço Tristão, horrendo e feyo,
Trombeta de seu pay (lá d'elle) e correyo,
Soprando a concha, os mares atroando,
O decreto fatal foi publicando...»

Conclue com a:

«Protestação

«Como catholico e obediente aos preceitos da Santa Madre Igreja, protesto que tudo que escrevo de deidades he só para ornato poetico e não por outra coisa: e

Si quid contra Fidem disse, indictum vole.»

*
* *

Triduos de touradas antes do terremoto.

Em 1755 houve tambem dois triduos de touradas no Rocio.

Para o leitor fazer ideia do que eram essas funcções, transcrevo em resumo o programma da primeira corrida:

«Tres dias antes do determinado para o primeiro combate, por editaes se publicarão as festas; acompanharão o bando grande numero de instrumentos, que, em suave harmonia, se são nuncios de festividade, tambem serão annuncios de bom exito; cobrirão o bando (que se

lançará de noute), como tenentes, muitos homens a cavallo; tudo, n'este preludio, irá com tanta pompa e aceio, que, pela grandeza das ante-vesperas, se conhecerá a sumptuosidade do dia.

«No dia assignalado e pelas duas horas da tarde estará prompta a guarda de aguadores para borrifarem a area da praça.

«Depois de variadas danças exhibirem as suas habilidades, entrarão duas azemulas conduzindo, em caixas, os rojões, as quaes irão acobertadas com riquissimos pannos a que chamam reposteiros; adeante das azemulas irão alguns sujeitos, tocando sonoros instrumentos, os quaes tocadores, posta a conducta no logar destinado, ficarão entrincheirados em uma balaustrada, e ahi estarão tocando, emquanto durar o espectaculo.

«Feita esta accommodação entrará o meirinho da cidade, Victorino Mendes Pereira, trajado nobremente e acompanhado dos seus criados e pretos; feitas as cortezias aos senadores rectissimos, que estarão em a sua tribuna, primorosamente adornada, irá receber as ordens do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de Alegrete, presidente do mesmo Senado; logo Sua Excellencia mandará entrar o cavalleiro que estará prompto e já montado a cavallo, em um brioso, soberbo e destro bruto, muito bem ajaezado, e entrará pela praça, acompanhado de oito capinhas, dois volantes e dez famulos, todos vestidos ás mil maravilhas. Este cavalleiro será o notavel Francisco de Mattos Ferreira e Sousa, ao qual, acabadas as cortezias, n'essa tarde, se lhe offerecerão, para os combates, 20 touros dos mais bravos que temos n'este reino, e tambem alguns de Castella, que, por grande fama, mandarão buscar-se, para que, misturados

uns com os outros, possam fazer vistosa a tarde.

«Para que esta funcção seja, em tudo peregrina, os mesmos despojos do combate, para se retirarem da praça para fóra d'esta, sel-o-hão á moda de Hespanha.

«Entre a primeira e segunda parte da tarde se verão varios brincos de toureiros de pé e cães de fila, e tudo o mais que, dando o tempo logar para semelhantes festejos, é muito proprio.»

Vê-se d'este programma, que, já n'aquelle tempo, vinham touros de Hespanha, e que se parodiavam as corridas do reino vizinho.

Estas touradas foram um presagio para o povo, e não sem motivo, porque, quatro mezes depois de se realisarem, deu-se o espantoso terremoto de Lisboa.

*

* *

Ganhos e perdas

Por motivo das mesmas touradas appareceu outro folheto que tenho presente.

Indica graciosamente os ganhos e perdas, provenientes das corridas de touros.

Diz que ganha o Senado uns treze e quinhentos, porque arrendou o terrado.

Que lucram o arrematante, os carpinteiros, os contractadores de madeiras, os que vendem pregos, e os timbaleiros, «que em cada sorte, que applaudem lembram o dinheiro que se lhes deve».

Que ganha D. Catharina, na venda de neve, mettendo, a cada sorveteira, uma maligna fria nas tripas de muitos e aquecendo a bolsa com a paga de todos».

Que lucram os cavalleiros, porque lhes pagam muito boas moedas por cada tarde, e, matando os touros por divertimento, ganham mais em duas horas, do que dez magarefes em oito dias matando-os, por officio.

Que ganham tambem os toureiros de pé, porque, além da sua esportula pactuada, sempre teem o seu tourinho, que vendem á porta do curro, e os seus cinco tostões nas sortes, que offerecem, sendo cada garrocha, que mettem, um fôro que impõem.

Felizmente, agora, os frequentadores de touradas estão livres d'esse imposto, mas, em compensação, nos dias de beneficio, alguns aficionados são prodigos em presentes aos artistas, como tambem estes são prodigos ainda na offerta de sortes, que, se fossem pagas a quinhentos réis, tornariam talvez desnecessaria a despesa que as empresas fazem com os toureiros.

Que perdem os maridos das mulheres appetitosas, porque, a troco de que ellas o vão pagar ao Limoeiro (cadeia de Lisboa), hão de ellas ir vêr os touros e mais pessoas do seu gosto...

Que perdem os paes, que fazem as vontades ás filhas; os operarios, que fazem feriado para ir á tourada; os que teem creados, porque n'estes dias nem para a maior necessidade apparece quem faça um recado.

Que perde finalmente o hospital no numero dos doentes, porque o excessivo calor da *banda donde que não se vêem os touros á sombra*, produz muita somma de enfermidades, e aqui entra secundariamente a perda da Misericordia, na despesa que faz em levar ao cemiterio os que morrem.»

Hoje, os ganhos e perdas são, por assim dizer, os mesmos.

O auctor, entre outras considerações, fala dos carros que hão de regar a praça, das danças, da quadrilha de toureiros que abrilhantou a corrida, e, até das *toilettes* das françaas.

Termina assim:

«Esta funcção não merece descuido em quem só cuida que haja d'estas funcções; e será desacerto quando não se aproveitem, porque ainda que ha dois annos que houve outra, não se regulem pelo tempo; e advirtam só, que esta é certa, e que não sabem quando virá outra, nem se estarão com vida; e bom é aproveitar d'estes suffragios, que se dedicam aos corpos, porque o cuidar da alma em gente, que só cuida do individuo, julga-se melancholia e a extravagancia lembra-lhes sempre: «*Comedamus & bibamus cras enim moriemine.*» (Comamos e bebamos, porque a morte é certa).

Parece que quem escreveu estas linhas presentiu tambem o medonho terremoto.

CAPITULO VII

Corridas no Terreiro do Paço em Lisboa

Aspecto da arena — Entrada do familia real — As danças—O despejo—Cortezias—Os carros da rega — A quadrilha — A lide —Colhidas—Outras touradas.

Para celebrar o casamento, em segundas nupcias, de D. Pedro II com D. Maria Sophia de Neubourg, filha do conde palatino do Rheno, houve no Terreiro do Paço tres dias de touros.

Os festejos tiveram logar em 1687, desde 11 d'agosto, dia do consorcio, até 25 de outubro.

Aspecto da arena

Era o referido local uma vastissima praia tornada em praça irregular por alguns artificios que de seculo a seculo lhe foram pondo alguns vereadores da camara. N'um terço d'esse immenso quadrado fez-se a arena.

Um circulo de elevados palanques gradeados, para os espectadores, a contornava assente em vistosas arcarias de madeira, de aprimorado gosto architectonico, com columnas, capiteis, frisos, pyramides, remates e ornatos de differen-

tes ordens, e tudo lindamente decorado, de ouro e vermelho, offerecendo tão encantador aspecto, que não invejava a magestade do Circo Maximo de Roma.

Ao centro da liça erguia-se um alto obelisco, terminando em mastro, encimado pela corôa real, e ahi fluctuava aos sopros da aragem uma bandeira de setim branco, franjada de ouro, com as armas portugueza e allemã e a imagem de Nossa Senhora, padroeira do reino. A meio d'esta columna via-se uma varanda de delicado lavor, que servia de coreto á musica composta de trombetas, clarins, charamelas e timbales. Estes musicos vestiam fatos verdes, bordados a prata, á primavera, como lhes chamava o povo. Na base do mesmo obelisco havia uma estacada onde se acolhiam os soldados da guarda real portugueza e allemã, que policiava o espectaculo.

Sobre a janella do Paço, abria se uma riquissima tribuna de valiosa obra de talha, com arabescos de admiravel lavor.

Mal se approximava a hora da notavel diversão, o povo de todas as condições enchia as avenidas e circumdava a praça em tumultuoso murmurinho.

Entrada da familia real

Era uma hora depois do meio dia, quando o mordomo-mór, conde de Santa Cruz, abriu as cortinas da tribuna real e ahi assomaram el-rei D. Pedro II, tendo á direita a joven rainha, que fazia notavel contraste em edade com o seu esposo, e á esquerda a infanta D. Isabel, filha da sua primeira mulher.

As demais janellas da esquerda foram vistosamente guarnecidas pelas camareiras-mores, damas de honor, damas do palacio e mais senhoras da côrte. Nas janellas da direita achavam-se os fidalgos, officiaes da real casa e os ministros do desembargo do paço.

O estribeiro-mór D. José de Menezes era quem, da janella ao lado da tribuna, assumia a direcção da corrida, recebendo para isso as ordens do monarcha, seu amo, para as dar aos lidadores, conforme disse ser da praxe, no cap. II.

As danças

O meirinho da côrte, galhardamente montado n'um cavallo morzello e seguido de seis mochilas trajados de velludo carmezim lavrado, appassamanado de prata e ouro, meias de seda encarnada e chapeu de multicores plumas, franqueou a entrada na arena ás danças e musicas que era de uso precederem as touradas. A galanteria dos bailarinos d'um e d'outro sexo, vestidos de ricos chamalotes arrendados de prata, excedeu toda a espectativa. Tangeram-se alegres musicas e entreteceram-se choréas extravagantes.

O despejo

No fim de alguns creados saiu o capitão da guarda real portugueza, montado á gineta e muito luzido. Vinha todo guarnecido de ouro e prata, agitando o seu bastão.

Despejou a praça da turba que a enchia, ajudado por doze lacaios, que, com as suas casacas vermelhas, arrendadas a branco, formavam um quadro deveras vistoso.

Cortezias

A imponente guarda allemã, formando duas extensas alas, cortejava o seu tenente e capitão, que, com muita compostura e garbo, montados em seus formosos ginetes, cujas crinas entremeadas de listões de prata, fulgiam aos raios do sol, cumprimentaram n'um requinte de elegancia e distincção a familia real e as damas do palacio, que lhes agradeceram a amabilidade com benevolos sorrisos.

A rega

Entraram na arena treze carros formados de buzios e conchas, tirados por possantes mulas, acobertadas de azul e prata. Sobre cada um dos vehiculos agitavam-se estranhos monstros marinhos que jorravam das suas fauces grossas repuxos para humedecer o solo. Sobre o dorso iam enormes satyros coroados de algas e espadanas, fazendo momices e esgares ao povo, que não se cansava em os victoriar.

Após essa original legião, ia n'um avantajado carro o altivo Neptuno, o deus dos mares, a quem cortejavam algumas nymphas e tristões, tangendo citharas e trombetas. A fabulosa divindade empunhava o symbolico tridente, do qual saíam grossos chuveiros. Na cabeça coroada trazia peixes e mariscos e os pés repousavam em agitadas ondas, feitas com tanto artificio, que pareciam naturaes.

Assim foi regada a arena e em seguida retiraram-se todos os carros.

A quadrilha

Impacientes no seu posto, achavam-se já os sete moços de forcado, vestindo fartas casacas de fino estofo encarnado. Junto a elles sobresahiam os moços do touril, trajando de verde e prata, com polainas e monteiras de egual panno; e, collocados por sua ordem, doze toureiros de pé, deixavam fluctuar ao vento as suas capas de tela carmezim, franjadas de prata e forradas d'um tecido feito do mesmo metal. O porteiro do touril tinha fato de velludo verde; o dos cocheiros e moços era de prata e verde. Estes ultimos seguravam as mulas utilisadas em arrastar para fóra da praça os touros prostrados pelo braço audaz dos lidadores, as quaes se viam ataviadas de telas de cores differentes.

Milhares de pessoas espraiavam por diversos pontos da arena os seus olhares buliçosos, já contemplando o variegado trajar da quadrilha, já admirando as attrahentes beldades que lhe serviam de matiz.

Por fim, todos fixam, maravilhados e attenciosos, um só ponto, convertendo-se o murmurinho e o som confuso dos risos, como que, por impulso magnetico, n'esse eloquente silencio, que traduz os extasis da admiração. E' que assomára na arena o que era principe d'ella: o nobre cavalleiro, conde de Atalaya.

A lide

Aquelle fidalgo, passando rapidamente a ponta da sua bella capa da esquerda para a direita, empunhou e armou o rojão, e, encostando-o á orelha direita do cavallo, cravou-o na cernelha do

touro, fazendo airosamente a sorte de «rosto a rosto». A' segunda vez, toureou com o rojão «ás ancas do cavallo» (uma *garupa* em recurso). A' terceira, a rez, enfurecida pela dôr dos ferimentos, atacou-o á estribeira com furia insana; o cavalleiro não teve ensejo de se livrar e a montada foi colhida ao de leve pelo seu figadal inimigo.

Ouviram-se mil brados de: *Morte! Morte!*

Era o preceito, em taes casos, matar o touro, para tirar a desforra.

O animal, offegante, escavava a terra e mugia irritadamente.

O altivo cavalleiro, veloz como o pensamento, metteu a mão nos aureos copos da espada, e, atirando de revez ao pescoço e ás orelhas da fera, venceu-a com golpes vibrados certeiramente.

O animal, sentindo escoar-se-lhe a vida com a perda de sangue, estrebuchou, caiu e deu um triste mugido, deixando em torno de si um lago de sangue e espuma.

O enthusiasmo da multidão expandiu-se em exclamações apropriadas.

O ditoso solipede, que se orgulhava de tal equite, tinha ferraduras de prata, freio de ouro lavrado, as crinas matizadas de rosas e fitas, e galões de varias côres nos arreios.

Acompanharam o conde n'esta primeira entrada cincoenta lacaios com as suas casacas de velludo encarnado, bordadas a prata, chapeus emplumados, meias de seda e espadins dourados.

Esses lacaios, premunidos de garrochas e rojões, dividiram-se em duas compridas alas, por entre as quaes o cavalleiro fez á familia real as tres continencias do estylo, com grande *donaire*, tirando o chapeu e tornando outras tantas vezes atraz.

Vestia o conde de Atalaya finissimo filelle preto, tão transparente que a tela do fôrro lhe reluzia atravez do fato. O chapeu era um riquissimo crivo de diamantes, e a capa, ornada de delicados lavores de ouro e prata, e de brilhantes, resplandecia. Apresentou-se garridamente montado n'um cavallo sellado á gineta; trazia o conde borzeguins brancos acicates, e, a meio dos arções, os pés bem collocados em estribos de ouro; as pernas juntas a direito da cilha e o corpo levantado na sella dois ou tres dedos, com todo o rigor da arte n'aquelles tempos.

Nas entradas que fez, sobreexcedeu em primores, mostrando-se o mais perito, destro e valoroso de quantos lidadores ali foram justar. A' segunda entrada, veiu á praça com cincoenta lacaios, trajados á turca, de tela branca, franjada de ouro.

A' terceira, trouxe cincoenta armenios com ópas de sedas varias, borzeguins, bandas, turbantes, alfanges e terçados.

A' quarta, apresentou cincoenta negros, semelhando estarem nús, ornados de braceletes, cordões e arrecadas de ouro.

Colhidas

No ultimo touro soffreu o conde de Atalaya um percalço.

O seu cavallo de combate teve uma colhida grave e o conde, para se desaffrontar, apeou-se: na perigosa lucta que travou com a rez, de cara á cara, ficou tambem ferido no peito.

Não abrandou, porém, em valor e firmeza o imperturbavel fidalgo; não obstante ter sido prostrado na arena, ergueu-se immediatamente,

indo desafiar o seu adversario, que soltava mugidos medonhos, n'uma furia temivel, lançando flammas dos olhos irados. N'esta attitude, o conde, tomou a espada que lhe caira das mãos na refrega e cravou-lh'a até aos copos, entre as espaduas, atravessando-lhe com ella o coração.

O animal caiu exanime.

Outras touradas

A 10 de setembro houve a segunda corrida, com o apparato da antedecente. Entrou a despejar a praça o conde de Pombeiro, tambem capitão da guarda portugueza. Acompanhavam-no doze lacaios. Trazia quarenta e tres pagens á estribeira.

Saiu a tourear n'esta tarde D. Lourenço de Almada. Fez duas entradas, e em cada uma d'ellas acompanharam-no cincoenta lacaios. Os primeiros vinham trajados de seda azul e preta, e os segundos, á mourisca. Trazia quarenta negros de 14 annos cada um á sua estribeira.

Andou D. Lourenço afortunado nas sortes. Foram mortos trinta touros.

Na terceira tarde e ultima, saiu a despejar a arena D. Filippe de Sousa, capitão da guarda real allemã. Vinha com doze creados e cincoenta pagens.

Reappareceu Neptuno a regar a liça, como nas corridas anteriores. Toureou D. Christovam Manoel, conde de Villa Flôr, que fez cinco entradas, acompanhado de cento e quatro creados.

A' bizarria do animo do conde correspondeu a felicidade das sortes que fez.

Morreram tambem trinta touros. Todos os nobres que entraram n'estas festas fizeram aos ser-

vos mercê dos fatos que lhes tinham servido na lide.

Agora não ha tanta generosidade. Até recentemente um dentista, que tinha offerecido dois dentes postiços á criada, lh'os tirou quando se poz de mal com ella.

*
* *

Tourada no Terreiro do Paço no reinado de D. João V (1708)

Em um manuscripto existente na Bibliotheca Publica do Porto, faz-se uma curiosissima descripção das touradas que tiveram logar em Lisboa, no Terreiro do Paço, e que constituiram uma parte dos cortejos que então se realisaram por occasião do casamento de D. João V.

A armada onde veiu a noiva d'aquelle monarcha, chegou á barra de Lisboa em 26 de outubro de 1708.

O manuscripto referido tem o seguinte titulo:

«*Relação e breve compendio da entrada da Serenissima Rainha de Portugal, D. Maria Anna Josepha Antonia de Austria, filha do imperador Leopoldo Ignacio, 1.º de nome, vindo a casar com D. João, o 5.º filho de el rei, D. Pedro, o 2.º, com a noticia das festas de touros feitas no Terreiro do Paço, da cidade de Lisboa. Escriptas por um curioso que em todas as occasiões se achou presente, observando as circumstancias com toda a individualidade, no anno de 1708.*»

Segue a descripção:

«Para a celebridade d'estes reaes desposorios se fizeram varias festas, entre as quaes foi uma a de tres dias de touros, para o que se fizeram os palanques pintados de verde, guarnecidos de ouro, com pyramides entalhadas e cimalhas nos remates de cima; poz-se o mastro para um canto da praça, costumando se sempre pôr-se no meio, e foi a primeira vez que isto se fez. Armaram os tribunaes os seus palanques maravilhosamente e o da Relação poz por remate no seu a figura da Justiça e foi a primeira vez *que vi a Justiça na Relação.* Estava esta com uma espada em uma mão e na outra umas balanças, annunciando a rectidão e a egualdade com que devem portar-se os ministros. Era n'este tempo Regedor da Justiça o conde de Aveyras, João da Silva Tello de Menezes.

«Foi o primeiro dia de touros o dia 15 de novembro de 1708, á quinta feira. Em primeiro logar entraram na praça vinte carros triumphaes, feitos por admiravel architectura, de figuras e pinturas, cousa muito vistosa: dividiram-se dez para um lado e dez para outro, e, como os dias eram pequenos, vieram suas magestades para a sua varanda pelas dez horas; logo que chegaram, abalaram os vinte carros a aguar o corro, passando uns pelos outros por modo de dança, que esteve muito galante a fórma com que se trocavam: acabado isto, entrou o meirinho da côrte com seis lacaios vestidos de panno encarnado e véstias brancas; fez as cortezias e poz-se em seu logar para receber as ordens.

«Entrou logo o capitão da guarda, D. Philippe de Sousa, com doze lacaios vestidos de panno encarnado, véstias de primavera verde; fez as cortezias, e lançaram os archeiros o povo fóra

do corro, de modo que ficou a praça sem impedimento. Sahiu o primeiro touro e logo entraram quatro mulas com as caixas das garrochas, onde em cada canto da praça poz cada uma a caixa que trazia e vinham cobertas todas com reposteiros azues com as armas do conde de Rio Grande, Lopo Furtado, que foi o primeiro cavalleiro, o qual entrou a fazer as cortezias em um cavallo preto com a crina de fitas de tela de prata. Trazia vinte e quatro creados vestidos de casacas de damasco amarello com flores de ouro, e dous pretos para lhe darem as garrochas, vestidos de velludo carmezim e véstias de primavera branca.

«Foi esta tarde enfadonha, porque o conde foi mal succedido, pois á primeira sorte lhe esbarrou o cavallo, e quasi que o teve no chão. Livrou se da queda, perdeu uma estribeira, levou o touro á espada, mudou de cavallo e, na segunda sorte que fez com o que trouxe, lhe cahiu e foi a pé matar o touro á espada, a que sahiu toda a fidalguia acudindo-lhe para o livrar de alguma descompostura. Montou e mudou de cavallo e, passadas algumas sortes, perdeu uma estribeira; quiz levar o touro á espada, e á primeira cutilada cahiu-lhe a espada da mão, não matou de uma só cutilada ou garrochada touro algum e só dois fôram de diversas; dilatava-se muito quando sahia fóra e a maior parte da tarde andou no cavallo das cortezias, porque os outros não se chegavam bem aos touros.

«O meirinho da côrte levou tambem um boleu do cavallo abaixo, porque lhe arrebentaram as cilhas e veio com a sella ao chão; finalmente muito mais cedo do que se esperava se despe-

diu o conde cavalleiro, podendo ainda andar na praça mais de uma hora.

«Não disse ainda a forma em que estavam as pessoas reaes na sua varanda, que era el-rei o primeiro para a banda do mar; seguia-se logo a serenissima rainha que veio vestida de branco, toucada á allemã com fitas côr de fogo, entrelaçadas pelo cabello, e entre ellas e o cabello tinha um monte de diamantes posto em varias diversidades, e quantidade de flores de ouro. Seguiam-se logo os senhores infantes D. Francisco e D. Antonio, e a senhora D. Francisca; o senhor D. Manuel não assistiu por estar doente.»

A mesma relação dá conta das outras touradas que se effectuaram em 17 e 21 do mesmo mez de novembro, com o brilhantismo da primeira.

D'esta noticia deprehende-se que não é só agora que as corridas são ás vezes enfadonhas, E tambem que a tourada se realisou fóra da epoca propria, pois que foi em 15 de novembro, no chamado verão de S. Martinho.

O preço das touradas

Tenho na frente um folheto, sem data, que diz:

«Nova relação da festa de touros. — Preços dos palanques, descripção dos carros, e ordem das entradas: satisfazendo de caminho a certas criticas aereas em uma silva.»

Seguem-se umas decimas, das quaes transcrevo a parte mais interessante, mudando-lhe apenas a orthographia:

«Custa ver matar um touro,
De qualquer logar sombrio?
Mui pouco... moeda de ouro.»

Sobre a construcção dos palanques para se vêr a tourada, escreve o poeta:

«Custa de cada uma vara
Cinco moedas, não mais,
E são estas casas taes
No mundo a cousa mais cara.

«Cada banda do mar,
A trincheira dois mil réis,
Onde sempre estareis
Bagas d'agua a destillar.
Custa a quem longe ficar
Lá mettido entre pontões
Feitos da vista papões,
Finalmente, pois o vi,
Cada um assento d'aqui,
Pouco, dezeseis tostões.

«Custa da banda fronteira,
Donde a porta está formada,
Por ser do sol esquentada,
Quartinho o estar á trincheira.
Lá na taboa *redadeira*,
Que de todo não é má,
Qualquer que ali ficar vá,
Sem muita força ou desvio,
Se acaso quizer ter brio
Cinco tostões pagará.

«Custa por ver os tourinhos
E ver tão boas funcções
Não menos que oito tostões
Trincheira dos passarinhos.
Os logares mais mesquinhos,
Em ali qualquer se assenta,
Se acaso alguem ver intenta
Ou pretende ali ficar,
Tem por certo pagar
Quatrocentos e oitenta.»

A silva termina com estes versos:

«Que o navio do qual ardendo escapa,
Apenas o largou se poz á capa,
Eu tambem hoje á capa aqui me ponho,
Que o que disse até aqui foi tudo sonho.»

No final lê se:

«Estava sonhando.»

Em virtude de o auctor da silva declarar que estava a dormir, a não ser que sonhasse acordado, ficamos sem saber se taes preços por elle indicados eram verdadeiros.

Francamente, pagar quatrocentos e oitenta para ficar n'um logar mesquinho e com as costas á torreira do sol era de escaldar...

CAPITULO VIII

Corridas na Junqueira (1738-1874)

A primeira praça—Deslumbrante corrida em honra da princeza do Brazil

Os principaes fidalgos da côrte de Portugal, no anno de 1738, convocados pelo visconde de Villa Nova da Cerveira, determinaram fazer pomposas festas para solemnisar o vigesimo anniversario da princeza do Brazil, D. Mariana Victoria, filha de Filippe V, de Hespanha, e esposa do herdeiro da corôa, que mais tarde devia reinar com o nome de D. José I.

Foi o duque de Cadaval quem dirigiu estes magnificos festejos que foram ajustados para os dias 5, 8 e 12 de julho, sendo a Junqueira o local escolhido.

Os dias 5 e 12 foram destinados a jogos de cannas e alcanzias, e o dia 8 á corrida de touros.

Construiu-se um espaçoso amphitheatro com os seus palanques, galerias, salas e camarotes mui vistosamente armados e guarnecidos, e de elegante architectura. Occuparam-se em fazer a praça trezentos e quarenta e cinco carpinteiros durante mais de dois mezes. O circo tinha setecentos e quarenta palmos de comprimento, e de

largura setecentos e vinte, e nos lados fizeram-se quatro portas de entrada.

A concorrencia

Foi tão grande a concorrencia de gente de Lisboa para a Junqueira, que, das 4 horas da manhã até ás mesmas da tarde, se via o mar coberto de embarcações de transporte e em terra havia um continuado movimento de carruagens. N'essa tarde, reuniram-se no largo campo adjuncto á praça e na praia, tres mil setecentas e vinte e oito carruagens de todas as especies, e no rio todas as fragatas de Alfama, Cruz da Pedra, Corpo Santo, Remolares e Boa Vista, que passavam de trezentas. Todas as bateiras e barcos de Cacilhas, os barcos de Moyos, muitas barcas de Aldeia Gallega, Coina, Amora, Moita, Mutella, Seixal, Porto Brandão, Lavradio, Murfasem e outras localidades; todos os escaleres, botes, lanchas, faluas, catraios, yollas, hiates e bergantins de recreio; algumas muletas de pesca e barcos do Ribatejo, todas estas embarcações, que seriam em numero de trez mil e novecentas, andaram a maior parte do dia conduzindo gente para a Junqueira, fazendo as viagens que o tempo lhes permittia. Os arraes e patrões fizeram bom negocio.

Era tal a multidão, que todos os palanques, trincheiras e camarotes se achavam occupados, e nos muros do forte e das quintas vizinhas via-se grande numero de pessoas expostas a todos os rigores do sol. Mais de doze mil individuos ficaram sem logar. Os palanqueiros tiveram lucros, porque muitos logares foram

pagos por preços exorbitantes, tal era a curiosidade e afan, e tamanha a concorrencia.

De Castella tambem vieram a estas festas, entre muitos particulares, alguns fidalgos, e entre elles o marquez de Riensuela, um sobrinho e dois cavalleiros que os acompanhavam, todos attrahidos pela fama de que gosava na equitação o duque de Cadaval.

Este fidalgo, tendo noticia de que tão altas personagens se achavam na estalagem do Rocio, mandou-as conduzir ao seu palacio, onde foram tratadas com magnanima generosidade. Além d'estas, mais nobres titulares vieram a Lisboa, mas conservaram-se incognitos.

Entrada dos cavalleiros

Antes de começar a corrida e de entrar el-rei D. João V, os quatro cavalleiros, que eram o duque de Cadaval, o marquez de Alegrete, o marquez de Tavora e Manuel Antonio de Sampaio e Mello, andaram passeando na praça em um notavel coche de columnas, aberto por deante e dos lados, a que chamavam phaeton, puxado por seis formosos cavallos, cobertos com mantas de retroz côr de oiro e galhardos martinetes de plumas nas cabeças.

Junto á porta principal havia uma grande barraca para onde entraram os cavalleiros, e junto a ella estavam os cavallos de todos, rica e curiosamente ajaezados com xaireis, ornatos e telizes bordados, e com franjas, rendas e galões de oiro e prata.

As cortezias

Tendo comparecido na sua tribuna as pessoas

reaes, entraram na praça o sargento-mór e ajudantes com as quatro companhias de granadeiros dos dois regimentos da guarnição da côrte, que n'esta tarde desempenharam garbosos exercicios, com muito boa disposição militar.

Em seguida entrou na praça o meirinho, a que vulgarmente se chama neto, vestido de lustro, á cortezã, e cocar de plumas no chapeu.

Montava um ligeiro andaluz. Com a vara na mão esquerda e demonstrações de cavalleiro fez as cortezias, e, chegando perto da tribuna, recebeu as ordens do marquez de Abrantes, camarista de el-rei.

Entraram logo na praça os quatro toureiros, a que chamavam capinhas ou toureiros volantes, vestidos com gibões de chamalote verde, casaquinhas, calções e capas de camelão côr de fogo, meias de seda da dita côr, sapatos e chapeus brancos. Fizeram as cortezias, e ficaram na arena.

Seguiram-se seis homens de forcado, ou monteiros de choca, vestidos de panno verde, com fortes couraças de anta, sapatos e chapeus brancos, e, fazendo tambem as suas cortezias, tomaram logar na praça.

O duque deu aos cavalleiros novas instrucções regulando o modo de fazer as cortezias e os duellos em que os cavalleiros deviam tirar das espadas.

Entrou o duque na liça, montado n'um soberbo cavallo, ricamente arreado e com primorosa elegancia ostentando frocaduras, fitas, palhetas e espiguilhas de oiro e prata, com muitas rendas, franjas e galões de metal precioso, entre os quaes brilhavam ricas joias, como diamantes, rubins, esmeraldas e outras pedras de valor.

O duque vinha vestido de finissimo castor verde, com forro, canhões e véstia de seda côr de rosa, com alamares e galões de prata, chapeu pardo, agaloado de prata, e um bellissimo cocar de plumas côr de rosa, com um martinete negro no meio, guarnecido de diamantes e topazios, e um botão feito de uma grande esmeralda guarnecida de brilhantes, assente sobre um laço de fita verde; polainas brancas com fitas côr de rosa. Junto ás estribeiras iam os seus toureiros volantes, vestidos com gibões de panno berne guarnecidos de alamares de prata, calções e casaca de velludo verde á castelhana com galões de prata, capuz de seda côr de fogo, guarnecido de galões de prata, sapatos e chapeus brancos.

A lide

O duque de Cadaval fez as cortezias e logo, tomando o rojão, buscou o touro, e, com atrevimento e destreza, cravou-lhe o ferro, sahindo depois da praça para mudar de cavallo.

Montado em bizarro ginete, entrou a seguir o marquez de Tavora, vestido com casaca de gorgorão amarello, com alamares de prata, véstia de gorgorão branco, guarnecida de prata de Hespanha, e renda de prata, calção de velludo negro, polainas brancas com fitas amarellas, chapeu negro, com galão de prata e cocar de plumas brancas com um martinete preto, guarnecido de topazios e brilhantes, presilha e botão das mesmas pedras. Iam no logar costumado os dois capinhas, vestidos com gibões de setim côr de oiro, com alamares de prata, casaquinhas de velludo da mesma côr, guarnecidas com uma barra de velludo azul e agaloadas de

prata, calções de velludo preto com galão de prata, capas de chamalote azul com galão de ouro, meias azues com quadrados de oiro, chapeus negros com galões de prata, plumas azues e côr de oiro, e sapatos brancos.

O marquez fez as cortezias e foi-se ao touro, que era o mesmo, o qual não deu sorte, e por isso o cavalleiro retirou-se tambem para mudar de ginete.

Em um alentado cavallo entrou o marquez de Alegrete, vestido de castor, prodigamente guarnecido de prata, forro e véstia de seda verde, com alamares e renda de prata, polainas brancas com fitas de tela verde; chapeu preto com cocar de plumas brancas, martinete verde, presilha e botão de diamantes. Os capinhas, vestidos com gibões e calções de anta, guarnecidos de velludo azul, com galões de prata, capas barbariscas, forradas de nobreza azul, guarnecidas de prata, chapeus pretos com galão da mesma, meias azues, com quadrados de oiro e sapatos brancos. O marquez fez as cortezias e citou o touro; este quiz investir com um dos capinhas, porém o marquez perseguiu-o e metteu lhe o rojão, retirando-se o bruto, e logo o cavalleiro sahiu da praça.

Entrou em garboso corcel Manoel Antonio de Sampaio e Mello, vestido com casaca e calção de panno azul, guarnecido de galões de oiro, vestia de setim branco, bordada a ouro e matizes, polainas brancas com fitas azues, chapeu negro com galão de oiro, e cocar de plumas brancas e azues, com seu botão e presilha de brilhantes. Os toureiros trajavam gibões de panno azul com alamares de oiro, casaquinhas e calções de velludo amarello, guarnecidos com uma barra de vellu-

do azul e galões de prata, capas de nobreza azul com galões de prata, meias de seda da mesma côr, com quadrados de prata, chapeus negros com galões da mesma e sapatos brancos.

Manoel Antonio fez as cortezias, e, tomando o rojão, buscou o touro. O animal, porém, esquivou-se ao ataque, desprezando o desafio dos capinhas, mas, tendo encontrado o marquez de Alegrete, arremetteu contra elle. Com animo destemido, aquelle fidalgo metteu-lhe o garrochão com tanta violencia que o animal cahiu logo morto.

Entraram em seguida na praça dois lacaios, alegremente vestidos de glacé de algodão com labyrinhos de diversas côres, e seis mulas castelhanas, com largas mantas do mesmo glacé, magnificamente fabricadas. As mulas eram guiadas por dois sotas-cocheiros, vestidos da mesma fazenda e com a maior folia levaram de rastos o morto. E por este modo foram retirados da praça todos os touros que morreram na lide.

Os quatro cavalleiros andavam sempre na praça, o combate era de morte, e, quando os touros não arremettiam contra os cavalleiros, ou, quando procurados, lhes fugiam, eram então corridos á espada pelos toureiros ou capinhas, o que faziam na forma seguinte:— Vinha um d'elles com a espada na destra e a capa em ambas as mãos, e, chamando o touro, quando este o atacava, largava da mão direita a capa e mettia lhe a espada, repetindo este acto algumas vezes, até acabar de matar o animal. Foi o duque de Cadaval o cavalleiro que mais se distinguiu n'este combate, não só pela sua sciencia na arte equestre, senão tambem pela galhardia e brio com que se defendia da investida dos touros,

e pelo desembaraço e golpes certos com que os matava.

Alguns cavallos ficaram na arena, e varias vezes os cavalleiros foram desfeiteados, mas sempre souberam tirar brilhante desforra da ousadia dos adversarios.

Um intervallo

Houve um intervallo que consistiu no seguinte: Puzeram na praça oito talhas semelhantes nà pintura ás da India, e oito meios corpos, tudo de barro crú, mas pintado com muito primor. Os braços dos meios corpos em natural acção de chamarem os touros, os quaes, vendo-os, corriam para elles e os despedaçavam furiosos: de uns sahiam pombos e de outros, coelhos, que, perseguidos pelos capinhas e outras pessoas que andavam na praça, serviam de agradavel divertimento a todos.

Conclusão da tourada

Foram corridos vinte touros, e mais havia para correr, mas, sobrevindo a noite, deu-se por acabada a lide.

Os cavalleiros fizeram as cortezias, pela mesma fórma que na entrada, e, sahindo da praça, apearam-se, e foram beijar a mão a suas magestades e altezas que graciosamente louvaram a coragem e destreza de tão illustres cavalleiros.

A ultima praça da Junqueira, em 1874

Houve tambem no Giestal, á Junqueira, hoje

dentro de Lisboa, uma arena de pequenas dimensões, pois levava unicamente quatro mil espectadores nas trincheiras, e tinha cincoenta camarotes.

Do monte de Santo Amaro via-se metade do terreno onde se toureava, sendo o bastante para esse monte ter immensa gente do povo em tardes de corrida, para d'ahi gosar gratuitamente parte da lide.

Este taurodromo foi construido a expensas dos festeiros do Cirio de Nossa Senhora do Cabo, e intitulava-se «Praça do Principe Real D. Carlos.»

A corrida inaugural foi a 26 de abril de 1874, com treze touros de Palha Blanco, lidados por Casimiro Monteiro, que era um dos cavalleiros em voga, e pelos bandarilheiros Manuel Botas, Sancho, João Calabaça, Pontes e o Roque, que depois se fez actor.

Quando na arena «D. Carlos» se picavam rezes de João Ignacio de Vallada, era certo não ficar um logar por vender, porque os curros d'aquelle lavrador tinham então grande fama.

Por vezes aconteceu haver touradas na Junqueira e Campo de Sant'Anna no mesmo dia, mas nem por isso faltavam os aficionados.

A ultima corrida na praça «D. Carlos» realisou-se na tarde de 13 de junho de 1879 (dia de Santo Antonio).

CAPITULO IX

A praça de touros da Estrella, em Lisboa

Onde hoje existe o passeio publico á Estrella, havia no seculo XVIII uma grande horta e casebres, e chamava-se áquelle sitio o Casal da Estrella. Foi ahi que em 1763 se edificou uma praça de touros, realisando-se corridas com grande pompa.

A portaria de 18 de maio do anno citado (Int., etc., *Livro III d'Arisos*, pag. 90 v.) diz:

«As religiosas do mosteiro de Sacavem, precisando de dinheiro para acabar a capella do convento, pediram lhes fosse concedido dar seis festividades de touros em qualquer dos sitios da Estrella ou Campo de Ourique, obtendo auctorisação para construir a praça na Estrella, ficando o Senado obrigado a superintender na feitura dos palanques».

O documento que a seguir transcrevo, cedido gentilmente pelo distincto bibliophilo taurino sr. Segismundo Costa, dá o programma das touradas na Estrella.

A primeira pagina insere uma tosca gravura representando um rojoneador e um touro.

O folheto diz:

«Nova relação e verdadeira noticia exposta ao publico, das magnificas e vistosas festas de tou-

ros que se hão de celebrar no *sitio do casal da Estrella* com a mais luzida e grandiosa pompa, no presente anno de 1763, em obsequio do Serenissimo Senhor D. José Francisco Xavier de Paula Domingos Antonio Agostinho Anastacio, Principe da Beira Nosso Senhor, (refere-se ao filho de D. Maria I) e para applauso e divertimento da côrte de Lisboa, sendo auctor d'estas festividades, Francisco de Mattos Pereira Souto, criado do serenissimo senhor infante D. Pedro, que Deus guarde.—Lisboa, MDCCLXIII. — Na officina de Ignacio Nogueira Xisto. — Com todas as licenças necessarias».

Parece que não foram estas as festividades que as religiosas do mosteiro de Sacavem queriam dar para obter dinheiro para acabar a capella, mas tambem póde ser que aproveitassem a occasião do nascimento do principe, e que o Pereira Souto, que mostra, como abaixo se lê, ter sido homem que gostava de fazer figura, e que naturalmente se julgava pessoa de «admiraveis prendas», se prestasse, com a ideia nos lucros, a promover as corridas, — ou só no intuito da grande honra de obsequiar o principe e ser agradavel ás religiosas.

O folheto continua n'estes termos:

«Como já felizmente respira Portugal, gosando a doce tranquillidade, que perturbado lhe tinha a cruel e injusta guerra, (refere-se ás nossas ligações com a Grã-Bretanha para auxiliar o archiduque Carlos nas pretenções ao throno de Hespanha), justo parece proseguirem-se os applausos ao fausto natalicio do Serenissimo Principe da Beira Nosso Senhor e que cada vez mais lustrosas se ideassem as festividades por este motivo, Francisco de Mattos Pereira Souto,

creado do Serenissimo Senhor Infante D. Pedro, que Deus guarde, sujeito de admiraveis prendas e acertadas eleições, procurando o applauso do seu Principe e o divertimento da Côrte, com notoria bizarria de que se reveste o seu generoso animo, ideou este nobre e altivo festejo, pretendendo, com o mais pomposo apparato e nunca vista grandeza, obsequiar o seu novo Principe e Senhor, empenhando-se nas melhores ideias a fazer uma funcção completa e admiravel, e que ficasse plausivel e celebre para os vindouros, alcançando pelo seu engenho e eleição, immortal gloria, apesar de toda a mordacidade; e como um dos seus intentos é que esta Côrte se agrade e contente dos seus vistosos brincos, a fim de fazerem mais gostosas e alegres as tardes de divertimento, aqui clara e veridicamente se expõem a todos os curiosos, de que se ha de compôr este primoroso festejo, desejando seja grato e attendido das vontades publicas, corações benevolos e animos briosos.»

«O bando

«Primeiramente irão pôr os cartazes as figuras que se seguem: Um terno de timbaleiros com os instrumentos todos cobertos de pannos bordados de ouro, tocando, e com elles dous clarins vestidos á persiana; seguir-se-ha uma figura vestida ao tragico com a maior riqueza e luzimento que se pode idear, e esta levará um estandarte com as armas reaes, e aos lados d'ella irão duas figuras vestidas á turca, armadas de alfanges; em ultimo logar uma figura *jocoseria (sic)*, e todos em cavallos muito bem ajaezados.

«Ornamentações do taurodromo — Desobstrucções da arena — Danças, mascaradas e carros allegoricos

«A praça é pela melhor eleição das que se teem feito até o presente, tanto na architectura, como na pintura; é por fórma oitavada, e é toda rodeada de estatuas differentes, que a fazem muito vistosa; na frente ficará o Tribunal da Serenissima Casa do Infantado, que todo assistirá nas ditas tardes a este nobre festejo n'um camarote, primorosamente armado com a maior grandeza e preciosidade.

«Tanto que se fizer o signal, entrará logo o neto montado em um primoroso cavallo, muito bem ajaezado, com quatro pretos á estribeira, vestidos primorosamente; depois de este fazer as suas cortezias, virá uma alentada guarda de quarenta e tres homens da maior estatura para alimparem a praça, e estes vestidos á suissa por um modo muito arrogante. levando na cintura uma espada larga, e nas mãos outra curta, com fardas todas agaloadas de ouro, com a maior grandeza, que se viu; nas cabeças levando suas mitras com gorras, que chegarão á barriga da perna; as mitras serão de pellucia preta, e ornadas com umas defensas de bronze dourado; marcharão estes a toque de caixa com dous pifanos e irão despejando a gente da praça, ficando esta muito bem limpa; e logo se seguirão as mais vistosas e ornadas danças, que póde haver e todos irão por sua ordem dançando, a fim de se fazer mais gostoso o divertimento, e lograr-se com mais alegria este brinco; depois d'estas entrarão oito figuras com rara esquipação, e boa ideia, dançando com uns bor-

dões nas mãos e fazendo muitas celebres visagens, e virá a ficar cada uma d'estas em seu oitavo da praça, e d'ellas se despedirá agua tão alta, que chegará á altura do mastro, (era costume collocar um mastro no meio da arena), aguando-se por este meio muito bem a praça: e assim que as figuras entrarem a despedir agua por modo tão galante, virão ao mesmo tempo entrando os potentosos carros, adiante dos quaes irá uma grande e vistosa comitiva de mascaras do melhor gosto, e especialidade, que se póde admirar.

«O primeiro carro é feito pelo melhor curioso que se pôde achar; vae todo ornado o dito carro de estatuas, com instrumentos de clarins e timbales, tudo muito bem adereçado, e novo, cheio de vistosos vasos de flores, e voando d'elle muitas aves.

«Segue-se logo outro carro com a fabula da deusa Venus, mettida em uma nuvem em sua carroça, e guiada por deus Cupido, todos nobremente vestidos, e será tirada por duas aguias, e juntamente o seu templo muito bem ornado e lustroso; á roda irão varias figuras tocando clarins e timbales.

«Os lidadores e os intervalleiros

«Acabado isto, entrarão oito capinhas vestidos de panno berne agaloado de ouro, os mais destros que se puderam achar, e logo entrará o cavalleiro, capitão José Roquette de Mattos, que toureará no primeiro dia; e aos lados d'elle irão oito homens de forcado, vestidos de panno berne agaloado de prata.

Toda a praça se guarnecerá de timbales em

roda e clarins para applaudir tão bella festividade; e de quando em quando, pela tarde adiante, entrarão varias figuras *jocoserias* (jocosas) a divertir a praça, além de varias galanterias, que se teem ideado para fazer alegrar e motivar o riso das gentes. Haverá cada dia differentes modos de divertir, e novas idéas para o brinco, e correr-se-hão quinze touros, os mais bravos que se encontram; e no terceiro dia se hão de correr dezoito, sendo dois os cavalleiros.

«Fica exposto o que se hade executar na primeira tarde do combate, que se espera seja admiravel e vistoso, e não menos se duvida seja memoravel o concurso de todos os moradores, e fieis vassallos, que obsequiosos applausos saibam dar a este festejo, dirigido a um principe tão régio, e digno da ser querido.

«Dar-se-ha ao manifesto o extracto da segunda tarde, para que de bom gosto e prazer concorram a applaudir tão vistosa festividade; porque merece os maiores elogios ao auctor d'ella, que tão fiel e zeloso da honra e credito de bom vassallo, e honrado creado, se eleva a engrandecer esta funcção o maior excesso, predominando no seu brioso animo uma paixão de esta côrte se divertir e exultar o seu principe; como leal vassallo, juntamente lhe competem todos os louvores, e se lhe deve a elle a palma, e de toda esta empresa a melhor gloria.

«SONETO

«Grande Mattos, não póde elogiar-vos
Minha penna com metro mais subido,
Pois se os vôos remonta, suspendido
Se vê o meu discurso em admirar-vos.

«Toda a côrte, contente em obsequiar-vos,
Se esmera com affecto o mais crescido,
Justo é assim; pois do Principe nascido
Nos applausos quereis tanto empenhar-vos.

«Mas se a vós só se deve toda a gloria
De tão nobre festejo, em balde aspira
Quem pretende o alcançar esta victoria.

«De Appollo decante a doce lyra
O vosso triumpho, e é bem fique a memoria
D'este applauso, que Portugal admira.

«*Omnia subjicio correctioni Santæ Romanæ Ecclpiæ.*»

CAPITULO X

Corridas no Salitre—1790-1830

Uma das praças de touros que houve em Lisboa, foi no Salitre, em frente da rua que ainda tem este nome, nos terrenos occupados agora pela Avenida da Liberdade e predios contiguos.

Foi n'aquella arena onde durante quarenta annos se realisaram touradas, que estas começaram a tomar uma feição popular.

O primordial taurodromo do Salitre era semelhante á velha praça de Madrid; foi transformado mais tarde e acabou em circo equestre, quando começaram as corridas na segunda praça do Campo de Sant'Anna.

A inauguração da praça—Jogos preliminares—Intervallo

Effectuou-se a 4 de junho de 1790 a primeira corrida e, como era natural, não havia um logar vago.

Figuraram na lide alguns cavalleiros titulares e burguezes, e peões d'officio.

A primeira parte, como era da praxe nas corridas da nobreza, constou de jogos e de exercicios differentes.

A's dez horas prefixas da manhã, appareceu no régio camarote o principe real D. João, que se chamou depois D. João VI, com toda a sua comitiva. Em baixo, n'um recinto reservado, achava-se o temivel intendente Pina Manique, acompanhado d'alguns dos mais habeis agentes da policia e de diversos sectarios.

O povo, ao vel-o, sentia arrepios pela espinha acima, tal era o medo que lhe inspirava. Em compensação, quando se lhe deparavam os bufos, ria-se intimamente, lembrando-se das boas sovas que dera em alguns.

A degollação dos carneiros

A festa principiou pela degollação dos carneiros. Era um divertimento barbaro e nojento. A verdadeira fidalguia não o praticava.

N'um extremo da pista, erguiam-se dois mastros pintados, de dois palmos de diametro e vinte de altura, distantes uns dos outros dez passos. Nos topos havia uma especie de pyramide com carreteis, por onde passava uma grossa corda de nove braças de comprimento. Prendia-se muito junto a ella um carneiro pelos pés; atavam-se-lhe as mãos, de modo que o corpo ficasse bem estendido, com o dorso voltado para a carreira e com o pescoço á altura do hombro dos cavalleiros.

Um d'estes, collocado no ponto de partida, deu a mão ao ginete, e foi aguentando a velocidade da carreira á medida que se approximava do alvo, que se debatia em violentos estremeções. E, quando ali chegou, ia a todo o galope; então, com a espada afiada e atravessada adeante, levantou-a á altura do rosto e despediu uma

cutilada certeira, decepando d'um golpe formidavel a cabeça do misero animal, que morreu jorrando copioso sangue. Só a ralé victoriou o feito; a outra gente manifestou a sua repugnancia, voltando a cara.

Corrida ás cabeças

Conduzidos da praça os cadaveres d'estas victimas, e deitada areia nas poças vermelhas, ficou assim tudo prompto para se "correrem as cabeças", torneio em que figuravam individuos de grande renome.

Em volta da arena, havia algumas peanhas sobre as quaes se achavam collocadas cabeças humanas, imitadas em cêra ou papelão, que representavam personagens mythologicas; Polyphemo, Medusa, Theseu, etc. Este exercicio muito usado n'outros paizes, principalmente na Allemanha, era tambem muito apreciado da nobreza e do povo portuguez. Servia para adestrar os cavalleiros no jogo das armas de arremesso, no da espada, argolinha, e para atirar á pistola certeiramente. Os cavalleiros que entravam n'este exercicio, formavam-se em esquadrão.

O guia encarregava-se de começar a manobra. Um pagem dava-lhe um dardo, que o cavalleiro entalava entre a sella e a perna esquerda, ficando com o farpão voltado para baixo, e em seguida entregava-lhe a lança.

Assim preparado, obrigava o ginete a descrever um circulo e punha a lança em riste.

Uma argolinha pendia do braço d'um candieiro suspenso por um fio.

O cavalleiro galopava; quando estava proximo, abaixava a mão, e, ao acercar-se do objectivo,

redobrava de velocidade na carreira. Acertasse ou errasse, forçava o corcel quasi a parar e dava a lança ao pagem, que esperava em logar determinado.

Feito isto, puxava pelo dardo, collocava-se a distancia conveniente, partia a toda a brida, e, quando julgava o momento proprio, levantava o braço e despedia com galhardia a arma, que umas vezes passava sibilando sem attingir o alvo, e outras cravava-se com força na cabeca de Theseu.

Outros equites, com muita correcção e agilidade, vinham desde longe em corrida vertiginosa, tiravam uma pistola dos coldres, engatilhavam n'a, apontavam com o maior sangue frio, e, sem diminuir a andadura da montada, disparavam, não sendo raro ver-se o busto de qualquer deus de Olympo ser irreverentemente arrancado do plintho por uma bala, que o fazia em bocados.

Outros ainda, com muita destreza e habilidade, contando com a obediencia e instincto do cavallo, precipitavam-se n'uma correria louca, de encontro a um pedestal muito baixo, quasi rente ao solo, em cima do qual estava collocada uma cabeça de Polyphemo. O corredor desembainhava a espada perto do rasteiro alvo, a arma refulgia durante um momento, debruçava-se todo sobre o estribo direito, e. sem afrouxar de nenhum modo a carreira, enterrava a lamina no fingido rosto do cyclope, levava o espetado na ponta e mostrava o como um trophéu ao numeroso publico, que o acclamava em estrepitosos applausos.

Um intervallo

Um dos attractivos que mais sensação des-

pertou na populaça foi a tourada no ar. Consistia esse intervallo em soltarem dois balões de cores, cheios de fumo de palha e presos cada um por sua corda a um homem, que os impellia na direcção que mais lhe convinha.

De um dos globos pendia um boneco que representava um picador a cavallo, de vara em punho; no outro, um manequim semelhava um touro na occasião de arremetter. De baixo puxavam os balões, de forma a correrem um para o outro. Assim se mostrava a annunciada tourada no ar, que era recebida com todo o agrado e admirada pelos basbaques.

A tourada

Após os referidos jogos e o intervallo a meio da corrida, houve a tourada que era um misto de lide á hespanhola e á portugueza.

Veiu com effeito uma quadrilha do reino visinho, com o respectivo espada, picadores e bandarilheiros, que alternaram na lide com os nossos cavalleiros e melhores peões, tal qual hoje succede.

Não costumam, porém, agora, esquecer-se os chronistas de mencionar os nomes dos toureiros que entram na lide e ainda menos os dos nossos artistas. N'isso, não se parecem com o collega que descreveu a funcção de que vou falando, que se limitou apenas a indicar as categorias dos lidadores.

Diz sómente assim: «Os picadores não fizeram boa figura ao pé dos cavalleiros, não obstante os esforços que empregaram para luzirem os seus trabalhos. Não era do gosto dos espectadores vêr o pobre cavallo estripado, escor-

rendo sangue, n'uma agonia dolorosa, e, por vezes, manifestou o seu desagrado.»

Os nossos cavalleiros, em compensação, foram recebidos delirantemente e, talvez, estimulados por essa espontanea ovação, tourearam brilhantemente, executando as sortes mais difficeis e arriscadas.

Mais asseguram os documentos que me servem de base para escrever acerca das touradas no Salitre «que os hespanhoes fizeram toda a diligencia para se salientarem, e, de mistura com sortes de toda a especie, houve magnificos lances de capote e bandarilhas *penduradas* com inexcedivel habilidade.»

Despertou verdadeira curiosidade a sorte de morte, que pouco conhecida estava entre nós, porque só Pedro Romero a tinha praticado em Lisboa.

Fala nos moços de forcado, de arcaboiço fortemente abahulado, musculosos e robustos, que se atiraram á cara dos touros com desusada valentia. Eram todos rapazes da borda d'agua.

Digno de menção, nada mais nos conta o chronista.

*

* *

Programma d'outra corrida no Salitre

Pelo seguinte programma que vou transcrever na integra, se avaliam as touradas que houve no Salitre.

O documento indica no final o anno de 1798. Eis o teor:

«Noticia

«Domingo que vem, 8 do presente mez de ju-

lho, na Praça do Sálitre, haverá o primeiro combate de touros, cujo divertimento será ordenado pela maneira seguinte:

«As 4 horas e meia da tarde, dar-se-ha começo ao brinco, com o signal do costume: uma girandola de fogo. Immediatamente entrará o neto a fazer as cortezias do estylo ao Meritissimo Desembargador Corregedor do bairro dos Remolares, de quem receberá as ordens, e as porá logo em execução. Entrará o contendor, que n'esta tarde ha de ser João Antonio Maria Gambetta, que já deu um beijo n'uma preta, e que é assaz conhecido pelo valor, destreza e pericia com que se houve nos combates dos annos proximos preteritos, em que satisfez todos os senhores espectadores. Em gratidão aos obsequios, que sempre tem recebido, protesta no mencionado dia pôr todos os esforços para os continuar a merecer. Virá o dito contendor montado em um arrogante e soberbo cavallo, acompanhado de oito creados fardados com todo o aceio e quatro capinhas que se mandaram vir de Hespanha, ricamente vestidos.

«O cavalleiro fará as devidas vénias ao magistrado referido e retirar-se ha a mudar de cavallo, para entrar no combate. Haverá quinze touros escolhidos para combater, dos mais bravos e ferozes das manadas de diversos lavradores do Ribatejo. No intervallo da tarde, emquanto descança o contendor, haverá alguns brincos diversos, e, findos que sejam, continuará o combate, que finalisará com as ultimas cortezias. Não faltarão garrochas de fogo e todos os mais aprestos que para esse divertimento são necessarios. Tambem toda a pessoa que tiver cães de fila e os quizer levar para a praça, tem porta

franca, com obrigação de os lançar aos touros, quando se lhe mandar.

«Avisa-se que toda a pessoa que não fôr n'esta tarde aos touros será presa, e, para que chegue á noticia a todos, se previne d'este modo.»

Este periodo está escripto em italico para dar a entender que é graça do seu auctor.

Termina este programma d'uma tourada que se realisou no Salitre oito annos depois de se inaugurar aquella praça, por dizer que o impresso se fez na officina de Joaquim Thomaz Aquino Bulhoens, no anno de 1798, com a devida licença.

Houve touradas no Salitre até 1830.

Simulando a sorte de morte

CAPITULO XI

Praças de touros no Campo de Sant'Anna, largo da Annunciada e Poço dos Negros, em Lisboa (1767-1889)

No seculo XVIII existiu uma praça de touros no Campo de Sant'Anna.

Uma *noticia* dá o programma da tourada que ali se devia realisar; a qual era a ultima das seis que o Senado concedeu no anno de 1767.

Essa «noticia» diz que entrariam como contendores Angelo Borges de Carvalho Castello Branco, couteiro régio das coutadas extramuros; Antonio José d'Araujo Gramato e José Soares Maduro. Faria um intervallo o «Coxo de Benavente.» N'essa tarde deviam morrer vinte touros, haveria danças de mascaras hollandezas, um gigante e dois macacos. (*V. Lisboa n'outros tempos.*)

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha o folheto que segue e transcrevo em parte: «Relação preta de uma festividade branca ou (mais claro) — retrato em papel branco por um pincel de azeviche e delineação do applauso dos dois dias de touros, que estão proximos a cair, ou propinquos a executarem-se na praça de Sant'Anna d'esta côrte de Lisboa. Formada pelo pacifico genio do grande Manoel Côco, oriundo da zona torrida ou

compatriota da Costa da Mina ou sitio das Minas do Oiro Preto, perpetuo fervedoiro da tabaquistica pitada e natural cantor-mór de mais destemperada musica, e prompto exercitador dos mais destemperados gorgomitos. — Lisboa MDCCLXVII. Na officina de Caetano Ferreira da Costa. — Com todas as licenças necessarias.»

Destemperado e cheio d'asneiras é todo este folheto.

Segue depois uma «romanza», em que o mesmo auctor, em verso que não rima, mas deve ser verdadeiro, obriga de mais a mais a sua orthographia, já de si má, á linguagem dos pretos, de modo, que por causa de tal trapalhada, cousa alguma se apura de interessante sobre a corrida, na conversa do imaginado africano.

No final do documento ha um soneto, em que o *poeta* diz que se hão de ver encher as trincheiras e camarotes, que se verão danças diversas, bichos a grunhir, carros triumphaes, o neto, os capinhas e os cavalleiros, e termina assim:

«Pois nos dias de touros
que ha de haver?
Da mesma sorte, sem
tirar nem pôr,
todo o que não fôr cégo
isto ha de ver.
Ora vejam».

Nós é que não vimos nada, mas fazemos conta de que nos succedeu o contrario.

*
* *

Ao Campo de Sant'Anna chamou-se, Alto da Caganita. (Cf. *Annaes Tauromachicos*).

A primeira praça de Sant'Anna durou muitos annos, como se deprehende dos periodos seguintes extrahidos do livro «Lisboa n'outros tempos»:

«Em março de 1808, Caetano Benci, director d'uma companhia de bailarinas de corda, *requereu* a mr. Hermann, queixando-se do procedimento de Francisco Jose de Carvalho, a quem sublocára a praça do Campo de Sant'Anna, e pedindo que o sublocante o indemnisasse dos prejuizos e lhe restituisse a chave da praça.

Já depois de expulsos os francezes, o mesmo Benci, pediu novamente á Intendencia para trabalhar com a sua companhia no citado circo. Mas o aviso de 6 de outubro de 1808 (data do primeiro requerimento) negou-lhe a licença».

*
* *

A ultima praça do Campo de Sant'Anna

Esta praça tem a seguinte historia:

José Maria Pimentel Bettencourt pediu em 1824 para edificar um taurodromo n'um terreno situado por detraz da egreja de S. Mamede, taurodromo que receberia o nome de «Real Praça do Senhor Infante». Mas os acontecimentos politicos da época impediram-n'o de levar a effeito o seu designio. Em 8 de janeiro de 1828, requereu ao Senado para lhe aforar o terreno do Campo de Sant'Anna, onde já estivera uma praça de touros. O senado deferiu o pedido, mas empataram-se as cousas, de fórma que nunca houve resolução definitiva. Abortou aquella tentativa, e, afinal, foi Antonio Joaquim dos Santos, administrador da Real Casa Pia, quem pe-

diu depois para construir a praça, o que foi auctorisado por decreto de 30 de julho de 1830, sendo as despesas effectuadas por conta da Casa Pia (V. *Correspondencias*, maço 130).

Foi constructor da praça o architecto Malaquias Ferreira Leal.

Começaram as obras em dezembro e findaram em julho do anno seguinte.

A importancia da construcção foi de réis 21:356$556, (4:109$600 reis em papel moeda e 17:246$956 réis em metal sómente).

A praça ficou com capacidade para seis mil espectadores: (100 camarotes, 54 cadeiras, 3:800 logares de sol e 1:700 de sombra).

A camara municipal exigiu o direito de ter um camarote reservado, mas essa pretenção foi indeferida.

Depois de feita a praça, foi publicado este decreto:

«Nova e Real Praça do Campo de Sant'Anna.—Sua Magestade Fidelissima Rei e Nosso Senhor, sempre animado da mais exemplar beneficencia e magnanima piedade para com o estabelecimento da Real Casa Pia, que procura os recursos para a manutenção de tantos orphãos, sem amparo, ali recolhidos com paternal carinho; tendo já concedido á beneficencia do mesmo Real Estabelecimento os interesses que produzirem as corridas de touros, que se fizessem na capital; para mais augmentar tão necessarios auxilios: houve por bem conceder a graça de se construir a nova praça no sitio de Sant'Anna, onde privativamente se farão taes espectaculos. Promovendo com real grandeza o accrescentamento dos subsidios destinados á sustentação de tantos innocentes, que seriam victimas do aban-

dono, se não achassem n'este piedoso asylo carinho, amparo, educação e sustento. Tendo-se finalmente concluido com segurança, decencia e commodidades necessarias (sem que o publico seja incommodado) a dita real praca, para cujo fim a administração da Real Casa Pia, com desveladas fadigas contribuiu para a sua completa execução».

Inauguração da praça

A primeira corrida effectuou-se em 3 de julho de 1831.

Assistiu D. Miguel e sua irmã a infanta D. Maria da Assumpção e a *elite* lisbonense.

A praça estava repleta de espectadores. A lide correu sem incidente digno de nota, sendo os toureiros alvos de muitos applausos.

Na corrida entraram os cavalleiros João Ferreira Grillo e Antonio Maximo de Amorim Velloso; os bandarilheiros hespanhoes Carlos José Rodriguez, Romão Maria Tornazeiro, Francisco José Rodriguez e José Maria Mendonça, que, sendo portuguez e ex-alumno da Casa Pia, aprendeu em Hespanha a arte de tourear, adquirindo grande fama.

Os espadas da tarde foram Sebastião Garcia e Pedro José Rodriguez.

Figuraram tambem n'esta corrida os capinhas portuguezes Antonio Roberto, Joaquim Ferreira Grillo, Joaquim Emygdio Roquette, Antonio Bacharel, e dez moços de forcado.

Quatro touros foram mortos a rojão pelos citados cavalleiros; os restantes, farpeados e bandarilhados, havendo tambem um intervallo feito por quatro pretos.

Não faltaram tambem n'esta funcção, cães de fila, garrochas de fogo, e os duellos que a arte mandava quando os cavalleiros não cumpriam os seus deveres, ou lhes acontecia algum percalço.

Esta tourada fez parte dos festejos para solemnisar a entrada do exercito realista na cidade do Porto.

A' noite houve illuminações, em Lisboa, nas ruas onde passou D. Miguel.

A citada praça funccionou cincoenta e seis annos.

Houve corridas brilhantes em que tomaram parte os principaes artistas portuguezes e hespanhoes e amadores arrojados, festejadissimos.

Foi n'esta arena onde tiveram o «baptismo da arte» notaveis toureiros.

As corridas eram então animadissimas e enormemente frequentadas.

Quando n'ellas entravam toureiros hespanhoes, as glorias e os triumphos eram simultaneamente quinhoados.

Organisaram-se corridas luxuosas por amadores, como foram as do casamento de el-rei D. Luiz, e a que se deu em honra de Affonso XII, rei de Hespanha, pela sua visita a Lisboa.

Deram-se espectaculos com engraçados intervallos, e os pretos, picando ao seu estylo, foram um grande attractivo.

Houve tambem na praça referida o «boi para a musica», largado no fim da corrida, e outras vezes para o povo que levava tombos sem numero.

Os cavalleiros, mais bem pagos, ganhavam por corrida oito libras, e os bandarilheiros, quatro.

Os forcados tinham tres pintos (1$440 réis) e pegavam touros de respeito.

Os curros de treze touros e, ás vezes, de mais, custavam trinta e seis a quarenta mil réis!

Por varias phases tem passado a arte de tourear, que teve no Campo de Sant'Anna periodos de grande esplendor.

Um documento

A titulo de curiosidade transcrevo a prosa d'um chronista de 1876:

«Ha annos, as corridas no Campo de Sant'Anna tinham outra feição mais alegre. Pareciam um grande arraial em que se apregoavam livremente o licor, o doce e a agua fresca.

«Havia mais expansão e não se distinguiam gritadores, que não tinham logar certo, porque estavam em toda a parte!

«Na praça todos se conheciam. Os capinhas falavam com o publico, este offerecia-lhes bebidas. Toureava-se de lenço atado na cabeça e cigarro na bocca. O neto era o alvo de todas as chufas e o mais apupado depois da auctoridade. Não havia «intelligente», nem chamadas aos donos do gado. Se este não prestava, o publico era inexoravel; se sahia bom, julgavam-n'o quite e ganhava honradamente o seu dinheiro. — Gritava-se contra as capas com toda a força dos pulmões. Os toureiros sabiam menos, mas trabalhavam mais; o publico não os deixava pôr o pé em ramo verde.»

*
* *

N'esse tempo, soube pelo estimado ex-bandari-

lheiro Manuel Botas, que os trajos dos capinhas consistiam n'uma jaqueta de chita enfeitada, calção branco e meias ordinarias, brancas ou côr de rosa.

Alguns, em vez de sapatos, traziam chinelos. Na occasião de entrarem na lide, prendiam, com alfinetes, nos hombros, uma especie de dragonas de torçal. Tempo houve tambem em que os capinhas apresentavam «lindos» penteados, lustrosos de banha ou de qualquer outro ingrediente.

Os cavalleiros traziam casaca e chapéu alto ou tambem fraque.

Contou-me mais o velho Botas, que elle e os seus collegas, antes de entrarem na arena, pediam aos amigos que tinham nas trincheiras a borracha com vinho, para lhes dar mais «calor».

As quadrilhas, antes de entrarem na praça, davam uma volta á roda d'ella.

Isto succede tambem nas provincias ainda hoje, quando não levam o *réclame* a ponto de fazer crescer a agua na bocca a quem não pode ir aos touros, mostrando se pelas principaes ruas da povoação, antes da corrida.

Mulheres toureiras

N'uma tarde de outubro de 1842, uma portugueza teve o arrojo de tourear a cavallo na praça do Campo de Sant'Anna, picando com a vara larga usada pelos hespanhoes.

O bicho contentou-se em dar-lhe fidalgamente uma lição, mettendo as armas pelos peitos do rocinante, e, pondo o a prumo, fez cahir da sella a amazona que ficou estirada de costas no meio da

praça, por entre os risos dos circumstantes. (*Revista Universal*, de Castilho.)

No debute do capinha Sancho, em 27 de maio de 1866, tambem picou á vara larga a hespanhola Anastacia Pincoechia, que egualmente teve numerosos *beijos* do irracional que lhe largaram.

Outras mulheres tourearam no Campo de Sant'Anna, mas nenhuma alcançou os fóros de verdadeira artista. Na maioria, eram desgraçadas que procuravam aquelle recurso para se celebrisarem ou obterem dinheiro em tão rude e improprio trabalho para o sexo fragil, destinado pela natureza a occupações mais suaves.

*
* *

Varios factos referentes ao Campo de Sant'Anna

— Em 21 d'agosto de 1837, foi determinado que em Lisboa não se pudesse construir outra praça de touros, e que o rendimento das corridas revertesse a favor da Casa Pia. Foi n'este anno que aquella casa de beneficencia tomou conta da praça.

— Na mesma data foi ordenado tambem que, se em quaesquer outras terras do reino se dessem porventura touradas, o seu producto liquido revertesse a favor das misericordias e institutos de caridade d'essas povoações.

— Em 14 de novembro de 1851, tourearam pela primeira vez em Lisboa os espadas Francisco Ayona e Guilherme Cuchares, e o bandarilheiro Cuco.

Cuchares voltou ao Campo de Sant'Anna em 31 de março de 1861.

— Na temporada de 1852, a ultima tourada realisou-se a 8 de dezembro.

— O grande espada *Frascuelo* estreou-se na praça de Lisboa em 6 de junho de 1866.

— Debutaram tambem no Campo de Sant'Anna, a 12 de setembro de 1875, os espadas José Campos, *El Pollo*, Hypolito Sanchez e Fernandes Gomez, *El Gallito-Chico*, alcançando todos grande successo, pela mestria dos seus trabalhos.

— Os touros recolhidos por campinos a cavallo, para os curros, foram pela primeira vez exhibidos aos lisbonenses n'uma corrida que teve logar a 17 de setembro de 1876.

— Foi n'uma tourada no Campo de Sant'Anna, que se realisou em 13 de junho de 1878, que os toureiros portuguezes começaram a usar a *montera* hespanhola, durante a lide. Anteriormente toureavam com a cabeça descoberta, e penteada com esmero, e ás vezes com um lenço atado em volta da testa.

— O empresario Victorino Marques falleceu a 23 de junho de 1879.

— As cortezias finaes que eram da praxe em todas as corridas, terminaram no Campo de Sant'Anna em 4 de abril de 1880, inauguração da temporada.

— A primeira tourada nocturna effectuou se na referida praça a 27 de maio de 1880.

— Em 1 de setembro de 1880, foram prohibidas as pégas por um edital do governador civil de Lisboa.

Cinco annos depois foram permittidas, ou, para melhor dizer, toleradas.

— Foram empresarios do Campo de Sant'Anna, Victorino Marques, Domingos Alegria, João Alves de Sá Branco, Antonio da Costa Guerra, D. Diniz e D. Pedro Corty y Marty.

— Demoliu se o taurodromo do Campo de Sant'Anna em janeiro de 1889.

*

* *

Uma praça no Largo da Annunciada

Um autographo datado de 6 de agosto de 1771, que possue o meu prezado amigo D. Caetano de Bragança, cavalleiro amador dos mais distinctos e esmerado creador de touros, diz:

«As touradas em Lisboa são agora no jardim da Annunciada, do marquez de Louriçal, que está entulhado, de sorte que a praça fica quasi no pavimento das casas do conde de Castello-Melhor. E' hoje um grande largo, que principia desde o palacio do Duque até ao Salitre. Dizem que vae servir para passeio publico depois de se fazerem duas alas de arvores pelo seu comprimento.»

Não encontrei outras referencias á praça da Annunciada, que existiu portanto no reinado de D. José, em que as touradas se celebravam amiudadamente e com grande luxo.

Dezeseis annos antes, isto é, em 1755, tinha havido em Lisboa o grande terremoto, e, provavelmente o entulho de que fala o auctor do documento referido, proviria do desabamento de terras e edificações.

*

* *

Houve no largo da Annunciada o circo de

Madrid que abriu as suas portas em 15 de janeiro de 1846, mas não consta que n'elle se realisassem touradas. (V. *Lisboa antiga.*)

Existiram tambem circos em Buenos Ayres, em 1808; o do Abarracamento de Peniche, o da rua do Vigario e o da rua da Procissão, mas em nenhum d'elles parece ter havido corridas. (V. *Lisboa n'outros tempos*, pag. 236.)

*
* *

José M. Pimentel Bettencourt mandou edificar a praça do Poço dos Negros (á esquina do becco do Carrasco) em 1818. Destinava-a a uma companhia de arlequins, mas tambem serviu para corridas de novilhos. (Cf. *Lisboa n'outros tempos*, pag. 236.)

Um aspecto da actual praça do Campo Pequeno, em dia de tourada

CAPITULO XII

Corridas no Campo Pequeno (1741-1906)

Ha cento e sessenta e cinco annos, se contarmos até 1906, existia no Campo Pequeno uma praça de touros, onde se realisaram corridas muito apparatosas, conforme se deprehende dos programmas que se acham archivados na Bibliotheca Real do Paço de Mafra.

Um d'esses programmas ou relações, que vou transcrever em resumo, dá ideia ao leitor do que foram as touradas na citada arena, que era no mesmo local onde seculo e meio depois principiou a construir-se o actual taurodromo do Campo Pequeno de que mais adeante tratarei.

Diz assim:

«Relação do primeiro dia da festividade triumphal que, com o divertimento de toiros, de cavallo, se faz na praça do sitio do Campo Pequeno, em obsequio da milagrosa imagem de Nossa Senhora dos Remedios, collocada na sua Ermida, em o districto do porto de mar da Villa de Coina; cujo applauso lhe dedicam e consagram seus devotos irmãos, de quem é protector o Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa. Anno de 1741».

«Estará na porta da praça do Campo Pequeno uma guarda de soldados por sentinella,

para obviar as entradas da gente de capote que não fôr trajada com decencia sufficiente para entrar na dita praça.

«Na frente da porta principal da praça estará um throno ideado com a melhor architectura que se possa descobrir para igualar a tão magnifico applauso; n'elle se verá collocada a imagem de Nossa Senhora dos Remedios, para simulacro da reverente adoração do cavalleiro e mais pessoas que entrarem no dito festivo applauso, e irmãos seus que lhe hão de assistir.

«Pelas tres horas da tarde se dará principio ao festejo, no dia que nomear a vulgar publicação, que expressarão os carteis. Entrará, ás horas referidas, uma guarda de numero de quarenta volantes, mascarados, armados de piques, com capitão e tenente da guarda, montados em vistosos cavallos, e os mais officiaes subalternos, para que, em bem concentrado destacamento, alimpem a praça de toda a qualidade de gente que n'ella estiver, e, com ella se retirarão.

«Entrará, successivamente, um côro de clarins e timbales, a cavallo, e, logo, subsequentemente, uma esquadra de vinte homens, jardineiros com seus regadores nas mãos e dois cacabos que os governem, e se seguirá um carro triumphante, de magnifica grandeza e notavel architectura, tirado por seis cavallos ajaezados côr de oiro, com crinas e caudas da mesma côr.

«Na ponta do dito carro irá um fauno ou satyro silvano, com flauta e tamboril, e, na mão, uma bandeira, com as armas da irmandade da dita Senhora.

«Seguir-se-hão outros carros triumphaes e danças.

«Entrará o neto, montado em um vistoso cavallo com dois andarilhos á estribeira, e, fazendo as cortezias, se porá prompto, ás ordens, as quaes executará seriamente, como merece este grande festejo.

«Seguir-se-lhe ha uma azemula, com dois caixões de rojões, indo cobertos com o seu reposteiro, e, logo, entrarão, ás cortezias, quatro forcados com as suas insignias nas mãos, e se porão promptos, ás ordens, na porta ou entrada da dita praça; e atraz d'elles, irão quatro capinhas, aceadamente vestidos, para o serviço da mesma praça, os quaes, depois de fazerem as cortezias, se porão ás ordens, no logar que se lhes destinará, em fórma de que não sirvam de confusão, embaraço ou divertimento do boi.

«Entrará o cavalleiro, que é Luiz dos Santos Torrado, morador em Salvaterra, o qual irá acompanhado com os seus dois creados ás estribeiras, aceadamente vestidos, e com os forcados na rectaguarda.

«Haverá, no decurso da tarde do primeiro dia d'este grande festejo, muitas e varias curiosidades, em fórma que agradem ao povo e não molestem.

«Haverá doze bois de corpos grandes, que, por serem escolhidos, se espera farão com que o povo se agrade e o cavalleiro, em suas acções, fique, na dita empresa, recebendo o gosto e estimação de todos.

«Estarão promptas garrochas de fogo e se dará fim á tarde com um boi de grande manta de fogo».

Em 13 de julho de 1760 houve tambem tourada no Campo Pequeno, em homenagem ao

glorioso S. Francisco de Borja, advogado dos terremotos, conforme se vê d'outra relação.

Portanto, é de suppôr que muitos annos se effectuassem corridas no primeiro taurodromo do Campo Pequeno.

*
* *

A nova praça de touros do Campo Pequeno
(Inaugurada em 1892)

A' Camara Municipal de Lisboa, em sessão de 9 de fevereiro de 1889, foi apresentada uma proposta para conceder á Casa Pia um terreno no Campo Pequeno, para se construir ali uma praça de touros.

Oppoz-se tenazmente a essa concessão o dr. Theophilo Braga, que reprovava as touradas, mas a questão por vezes acalorada, foi a final vencida pelo dr. Bettencourt Raposo e Pinto Basto.

A Casa Pia, possuidora do terreno, luctou depois com difficuldades para arranjar dinheiro, porque a crise monetaria no paiz inspirava cuidos.

O bandarilheiro José Joaquim Peixinho e outros artistas tauromachicos interessados na questão, pediram ao ministro do reino, Antonio de Serpa, e ao das obras publicas, Frederico Arouca, para os auxiliarem na execução da obra, sendo attendidos, porque, mezes depois, a construcção da praça foi posta a concurso pela Casa Pia, approvado o projecto de Dias da Silva, e adjudicados os trabalhos por empreitada E. Boussard, que começou a obra em 16 d'agosto de 1891, sob a fiscalisação do auctor do projecto e

do fiscal da empresa, Henrique Sabino dos Santos.

O edificio importou em 161:200$000 réis adquiridos por meio de acções, ficando os accionistas com o direito da propriedade e terreno e o privilegio das touradas, com a condição de entregarem á Casa Pia 3:500$000 réis por anno e a doação da praça ao fim de 90 annos, que terminam em 1982.

Da commissão installadora fizeram parte o engenheiro Ressano Garcia, Dias da Silva, José Joaquim Peixinho e Joaquim Pedro Monteiro, e, como socios fundadores da empreza constructora, Duarte Correia Pinto da Silva, Antonio Anastacio Gomes e Thomaz Garcia Puga.

O circo tauromachico do Campo Pequeno, que devia intitular se Praça de Touros de Lisboa, porque se acha dentro da area da cidade, occupa um espaço de 5:840 metros quadrados, tendo capacidade para receber 8:445 espectadores.

Tem a fórma cylindrica, como a praça de touros de Madrid, e é, como esta, construida no estylo arabe. Nas partes correspondentes aos quatro pontos cardeaes tem quatro grandes corpos salientes ou torreões.

Nos torreões occidental e oriental estão respectivamente a entrada principal e a entrada dos cavalleiros; no torreão meridional estão as accommodações da empresa e no torreão septentrional está a entrada do gado.

A arena comprehende as trincheiras falsas, tem 20m,35 de raio, e o perimetro exterior tem 40m,15 de raio, o que corresponde a um desenvolvimento de 252m,27. O espaço comprehendido entre a arena e a parede exterior é occupado no plano da praça por diversos comparti-

mentos, dependencias do edificio, e por um corredor central de 4m,50 de largura, destinado para os espectadores das bancadas. O corredor é geral, apenas interrompido nas partes occupadas pelo curro e pelas accommodações da empresa. Em planos superiores ao da praça ficam os camarotes e as galerias, bem como as bancadas.

A altura total do edificio propriamente dito, isto é, da parte cylindrica occupada pelos camarotes e pelas galerias, é de 18m,15. Os camarotes e as galerias estão dispostos em duas ordens, ficando o pavimento da primeira ordem a 9m,0 acima do solo. As bancadas occupam a parte comprehendida entre a arena e os camarotes e estão dispostos em amphitheatro.

Nas dependencias da praça ha, do lado da sombra, 8 camarins para os artistas, tendo cada camarim uma sala de espera, e contigua uma cocheira que comporta 4 cavallos. Estes camarins são destinados aos cavalleiros e as cavallariças aos cavallos de cortezias e de combate.

Ha tambem do lado do sol uma cocheira para 8 cavallos, para alugar ás pessoas que venham a cavallo e que queiram ali guardal-os durante a corrida.

O curro tem doze divisões, além de tres de manga que ha de cada lado, com os competentes corredores lateraes.

Contiguo aos curros ha um espaçoso pateo, onde entram os touros, para ali serem apartados e encurralados.

Tem oito bufetes: um na sombra, um no sol, um no lado dos camarotes de 1.ª ordem, numeros pares, e outro no lado dos numeros impares; um na 2.ª ordem, lado par, um no lado impar; um na galeria da 1.ª ordem, do sol, e outro na da 2.ª.

A lotação da praça é a seguinte:

Camarotes

20 de 1.ª ordem de 8 logares.....	160	
62 » » » » 4 »	248	
20 » 2.ª » » 8 »	160	
66 » » » » 4 »	264	832

Fauteuils

De 1.ª fila.....	189	
» 2.ª fila	192	381

Sombra

Barreira..	127	
Contra-barreira.....	131	
Bancada da 1.ª fila....	118	
Bancada geral.....	1.795	2:171
Cadeiras sobre o curro.....		116

Sombra-Sol

Barreira	57	
Contra-barreira.....	58	
Bancada de 1.ª fila.....	50	
Bancada geral..... ..	803	1.058

Sol

Barreira.....	84	
Contra-barreira.....	87	
Bancada de 1.ª fila.....	76	
Bancada geral.....	1.627	1.874

Galerias de sol

1.ª ordem e 1.ª fila.....	173	
» » bancada geral.....	853	
2.ª » 1.ª fila.....	164	
» » bancada geral.....	823	2:013
Total....		8:445

A primeira tourada no Campo Pequeno

Realisou-se a corrida inaugural em 18 d'agosto de 1892, sem estarem ainda concluidas as pinturas e outras obras de aperfeiçoamento. A exploração n'esse anno, foi confiada a Carlos de Carvalho Dias, que organisou 16 corridas até 18 de dezembro.

N'essa tourada entraram os cavalleiros Alfredo Tinoco e Fernando de Oliveira e os nossos bandarilheiros Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Joaquim Peixinho, João Calabaça, Raphael Peixinho, João Roberto e os hespanhoes que permaneciam em Portugal «Minuto» e «Pescadero».

Não ficou um bilhete por vender para a corrida e todos os espectadores teceram rasgados elogios a tão bella arena, que é sem duvida a melhor que até aqui se construiu em Lisboa.

A lide foi das peores, certamente porque os touros de Emilio Infante, que eram possantes e temerosos, incutiram a alguns artistas receios que deram em resultado um trabalho pouco variado e monotono.

*
* *

As corridas no Campo Pequeno realisam-se quasi sempre com artistas portuguezes e hespanhoes, por falta de toureiros nacionaes que saibam fazer todas as sortes da arte da lide a pé.

O portuguez está vinculado ás touradas, que uma tradição de muitos seculos cimentou.

Luctando com os touros arriscaram a vida nobres e plebeus, e, muitas vezes, em troca do

caricioso sorriso d'uma dama, commetteram as mais heroicas façanhas, estimulando assim os seus brios e retemperando a indomavel coragem n'estes lances violentos.

Foi especialmente no toureiro a cavallo que os portuguezes de antigas eras punham á prova de coragem os seus especialissimos titulos de valentia e ousadia.

E nunca, até hoje, os nossos cavalleiros foram excedidos em arrojo, domando o ginete com elegancia que empolga, e fazendo do animal como que um fiel confidente da sua galhardia e dos seus heroismos.

E' pena que os nossos bandarilheiros não tenham podido competir com os toureiros hespanhoes em todos os trabalhos, com especialidade em muleta e capote. D'ahi provem a necessidade de os intruduzir nas nossas corridas que hoje, e desde ha muito, não teem o cunho nacional, tornando-se por isso altamente dispendiosas e, assim, menos lucrativas para as empresas.

Em grande numero de artigos, publicados em 1900 no importante jornal «O Seculo», de Lisboa, de cuja secção tauromachica tem a honra de ser encarregado o auctor d'este livro, fez-se uma bella propaganda a favor do toureio á portugueza, mostrando-se a conveniencia de dar touradas só com artistas hespanhoes que se tornassem celebres, porque esses, quando viessem ás nossas arenas offereciam a vantagem de variar os espectaculos, e eram tambem uteis ao adeantamento dos nossos toureiros.

Tão justa propaganda não teve exito completo, devido á inacção e até á falta de brio d'alguns artistas; comtudo, outros houve que tiveram en-

sejo de se salientar, tornando-se dignos do applauso do publico.

Não foi ainda assim o bastante. Provem d'ahi a continuação das touradas portuguezas, de todo transformadas n'um misto de hespanholas em que se veem parodias realmente caricatas, como, por exemplo, é a do simulacro de estocada, em que o *diestro* com uma espada de pau finge matar o touro!

Numero de touradas realisadas no Campo Pequeno. — Principaes amadores e artistas que teem figurado na mesma praça

Para ficar registrado n'este trabalho direi que no anno de 1892 houve na inauguração do Campo Pequeno 16 corridas; em 1893, 36; em 1894, 28; em 1895, 21; em 1896, 18; em 1897, 23; em 1898, 27; em 1899, 23; em 1900, 13 (Algés em competencia deu 16); em 1901, 20; em 1902, 25; em 1903, 26; em 1904, 20; em 1905, 21; em 1906, 21. Total 338.

N'estas corridas, além de numerosos espadas e bandarilheiros hespanhoes, assim como alguns picadores de vara larga, entraram os seguintes artistas portuguezes:

Cavalleiros — Adelino Raposo, Alfredo Tinoco, Eduardo Lopes Macedo, Fernando de Oliveira, Fernando Ricardo Pereira, Francisco Simões Serra, João Arnaldo, Joaquim Alves, José Bento d'Araujo, José Casimiro d'Almeida, Manoel Casimiro d'Almeida, José Luiz Bento, Morgado de Covas, Manoel Mourisca, Matheus Falcão e Victor Marques.

Bandarilheiros — Alexandre Vieira, Antonio

Luiz Homem, Arthur Felix, Augusto Salgado, Carlos Gonçalves, Filippe Thomaz da Rocha, Francisco Cruz, Francisco Soeiro, Francisco Xavier, Francisco Saldanha, Guilherme Thadeu, João Calabaça, João de Oliveira, João Roberto, Joaquim Torres Branco, José Arthur Ramos, José Joaquim Peixinho, José Martins, o "Azeiteiro", José Ribeiro Thomé, José Ferreira, o "Estudante", Jorge Cadete, Luiz d'Avila, o "Canario", Luciano Moreira, Manoel dos Santos, Raphael Peixinho, Roberto da Fonseca, Silvestre Calabaça, Theodoro Gonçalves e Vicente Roberto.

Realisaram-se varias corridas por amadores, tornando se mais notaveis aquellas em que tomaram parte:

Cavalleiros — D. Antonio de S. Martinho, D. Antonio de Portugal, Alfredo Marrecas, D. Caetano de Bragança, D. José de Mascarenhas, D. Luiz do Rego, o 2.º marquez de Castello Melhor D. Nuno d'Almada, Victorino d'Avellar Froes e Visconde d'Alverca.

Bandarilheiros — Antonio Perestrello de Vasconcellos, Affonso Villar, Duarte Pinto Coelho, Eduardo Perestrello de Vasconcellos, Ernesto de Mendonça, Henrique Costa Freire, João Ferreira Pinto, José Alves do Rio, D. Luiz da Cunha Meneses, Mario Duarte, Paulo David, Simão da Veiga, D. Vasco Belmonte, Victorino d'Avellar Froes.

Forcados — Alfredo Sirgado, Antonio da Silva Lisboa, Antonio do Couto Paixão, Alberto d'Albuquerque, Filippe Taylor, João Marcellino d'Azevedo, José Calazans, Jorge Rebello da Silva, Leopoldo Finzi, Manoel Lopes, Narciso d'Oliveira David, Pedro d'Oliveira, Ruy Rebel-

lo de Andrade, D. Ruy de Siqueira, D. Simão de Sousa Coutinho.

Nomes dos principaes lavradores — creadores de touros, que teem fornecido curros para o Campo Pequeno

S. M. El-rei D. Carlos, Antonio José da Silva, Antonio Rodrigues Santo, D. Caetano de Bragança, Carlos Marques e herdeiros, Companhia das Lezirias, Conde de Sobral, Emilio Infante da Camara, Estevam d'Oliveira, Faustino da Gama, Francisco Ferreira Jordão, José Pereira Palha Blanco, José Vaz Monteiro, José Manoel da Silva Guisado, João Thomaz Piteira, Luiz da Gama, Luiz Patricio, Manoel Correia Branco, Manoel Duarte d'Oliveira, Maximo da Silva Falcão, o 2.º marquez de Castello Melhor, Paulino da Cunha e Silva, Roberto da Fonseca e Victorino Froes.

Tourada do Centenario da India

Entre as muitas touradas do Campo Pequeno foi a mais notavel pelo luxo, brilhantismo e novidades de que foi revestida, a que se effectuou no dia 20 de maio de 1898, nas festas do centenario da India, promovida pelo Real Club Tauromachico, entrando na lide os mais distinctos socios do citado club.

A praça estava ornamentada com muito gosto e capricharam em lhe dar um aspecto desusado.

A segunda ordem de camarotes era circumdada de pannos brancos, onde se desenharam ornatos e brazões dos cavalleiros que mais se

teem celebrisado nas lides tauromachicas, e trophéus de farpas e rojões.

A primeira ordem tinha colchas de damasco muito fino, e a galeria do lado do sol era rodeada de pannos de velludo carmezim.

O sector n.º 1, destinado aos socios do Real Club e suas familias, estava atapetado.

O grandioso circo, completamente cheio de gente, produzia um effeito esplendido, mesmo magestoso.

Viam-se muitos estrangeiros e grande numero de senhoras em todos os logares da praça.

No camarote real, ornamentado com muito bom gosto, assistiu el-rei D. Carlos, as rainhas D. Amelia e D Maria Pia, e o Infante D. Affonso, assim como a familia da rainha D. Amelia, que se achava de visita em Lisboa.

A tarde esteve sombria mas não desagradavel, o que foi uma pechincha para a gente que tinha bilhetes de sol.

Os lidadores apresentaram-se com trajos á D. João V.

Os cavalleiros, visconde da Varzea, D. Antonio de Siqueira (S. Martinho), Alfredo Marrecas, D. Luiz do Rego e visconde de Alverca, montavam ginetes ricamente ajaezados e com as sellas cobertas de valiosos telizes.

Vestiam de côres diversas. Apresentaram-se de casaca, collete arrendado, calção, sapatos e polainas, esporas de prata e tricornio com cocar de plumas.

Os bandarilheiros Affonso Villar e Alexandre Caldas levavam casaquinha côr de cereja, gibão branco e calção amarello, tudo de setim; sapatos de camurça, cabelleira e chapéu braguez.

Mario Duarte e Henrique Avellar da Costa

Freire ostentavam casaquinha amarella, gibão azul e calção branco tambem de setim, cabelleira e chapéu braguez.

O grupo de forcados era composto dos arrojados mancebos Pedro d'Oliveira que serviu de *cabo*, Jorge Rebello da Silva, Alfredo Barbosa, Claudio Lagrange, Pedro Navarro, Alfredo Sirgado, Carlos Gavino e José Castel-Branco. Os forcados trajavam casaco de panno verde justo ao corpo, calções da mesma côr e tinham couraça de camurça substituindo os antigos arca bouços de coiro. Completava lhes o trajo um cabeção branco e cordão, sapatos de salto e chapéu claro, barguez.

Os «carecas» (porteiros do touril), os «papagaios» (porteiros dos cavalleiros), cargos que foram desempenhados por Antonio Cordeiro Feyo, Francisco Sotto Mayor e D. Pedro Pereira Coutinho, levaram fatos eguaes aos dos bandarilheiros, com a differença de que eram de panno e de côres diversas.

Serviu de «neto» Ernesto d'Avellar Costa Freire, que, segundo a tradição, trajava á Luiz XIII.

Os moços de curro levavam fatos semelhantes aos dos campinos do Ribatejo, e o grupo era constituido por Carlos da Costa Freire (abegão), José Eugenio de Meneses, Manoel Sotto Mayor, José Manique Moreira, Alfredo Appleton, Luiz Perestrello de Vasconcellos e D. Nuno de Almada.

Os andarilhos, que eram os meninos D. Joaquim de Castello Branco, Eduardo Quintella de Mendonça e D. José de Castro Resende, vestiam bonitos fatos á Henrique III.

Foram imponentes as cortezias feitas por tão deslumbrante quadrilha.

Os numerosos lidadores, os criados de libré conduzindo muitos cavallos luxuosamente arreados, os charameleiros tocando na arena, a entrada da azemula com as farpas, formava tudo um conjuncto deveras attrahente em que realçavam as cores variegadas dos differentes trajos.

A lide foi animadissima, imprimindo-lhe o maior brilhantismo os citados cavalleiros, que, em lances arriscadissimos, demonstraram a sua pericia, pondo farpas com requintada elegancia e mestria.

Os bandarilheiros, dos mais habeis e destros, prenderam bellos pares de ferros.

Os forcados, d'uma valentia assombrosa, subjugaram no fim da lide os touros de Emilio Infante, do visconde da Varzea e de Victorino Froes.

A todos os lidadores foram offerecidos lindos ramos e *moñas*.

A corrida foi dirigida pelo visconde de Asseca coadjuvado pelos profissionaes João Calabaça, Theodoro, José Martins e Cadete.

*
* *

Conducção de touros para a praça do Campo Pequeno

Foi permittida algum tempo a conducção de touros a pé para o Campo Pequeno, saindo o gado das pastagens nas Marnotas, pelas 4 horas da tarde, e chegando á praça uma hora depois, pouco mais ou menos.

Não obstante haver uma certa animação com a espera de touros, e muita gente os acompanhar em trens, a cavallo e a pé até aos curros do Cam-

po Pequeno, não se comparava o enthusiasmo dos aficionados de agora com o dos amadores d'este divertimento nas famosas tardes em que os touros iam para o Campo de Sant'Anna. O gado percorria uma curta distancia, desde as Marnotas até ao Campo Pequeno; comtudo, os touros tresmalharam-se algumas vezes, causando, entre destroços e avarias, a morte d'um popular no Campo Grande, sendo este o principal motivo de se prohibir de todo esse passatempo, na verdade improprio d'uma cidade civilisada.

Os curros são agora transportados em jaulas até á estação do caminho de ferro de Entre-Campos, e d'ahi véem nas mesmas jaulas até á praça.

O enjaulamento é feito no *tentadeiro* de Palha Blanco, em Villa Franca de Xira.

Empresarios da Praça do Campo Pequeno

Foram empresarios d'esta praça, desde 1893 a 1895, Dias Monteiro & C.ª; de 1896 a 1898, Francisco Costa; em 1899, Carvalho & C.ª; em 1900, geriu Antonio Infante; de 1901 a 1903, Batalha & C.ª; de 1904 a 1908, Santos & C.ª

Na primeira epocha, 1892, fica mais atraz indicado que foi empresario Carlos Dias, auxiliado por J. Batalha e pelo entendido amador Arthur Telles.

*
* *

Touradas na quinta de Metrass, no Campo Pequeno — Um episodio

Houve algumas garraiadas por curiosos na quinta de Metrass, no Campo Pequeno.

N'essas corridas folgazãs em que entravam rapazes dedicados á arte de tourear, rara era a tarde em que se não davam as scenas mais engraçadas, em virtude da inexperiencia dos lidadores.

Uma vez, em 1866, o actor Pinto de Campos, que era tambem curioso da arte de Montes, pegou nas bandarilhas, decidido a executar a mais vistosa sorte.

Com o natural garbo que toda a gente lhe reconhecia, e perfilado elegantemente no meio da arena, citou corajosamente uma vacca, que lhe tinham apartado no curro. A femea do touro reparou logo no vulto que a desafiava ; mas não fez caso da affronta e estacou: era certamente *tarda* em arrancar ou pedia outro «jogo de scena».

Vendo as difficuldades de Pinto de Campos para consummar a sorte, Sousa Bastos, empresario de theatros na actualidade, disse-lhe: — Olha, amigo, estás atrapalhado com essa *dama*, porque não sabes contra-scenar com ella.»

Esta piada tanto a proposito, e que a assistencia recebeu com estrepitosas gargalhadas, fez amuar Pinto de Campos, que deixou logo as bandarilhas, e ninguem mais o viu em toda a tarde.

Recolhera-se a bastidores.

CAPITULO XIII

Morte do cavalleiro Fernando d'Oliveira

Foi dolorosamente assignalada por um facto que entristeceu profundamente os milhares de pessoas que enchiam quasi por completo a praça do Campo Pequeno, a corrida de 12 de maio de 1904, que ali se realisou. Fernando d'Oliveira, o cavalleiro tauromachico tão dilecto e apreciado pelos primores do seu trabalho artistico e nobres qualidades de caracter que possuia, foi victima d'uma tremenda colhida, tão grave que pouco depois exhalava o ultimo suspiro na casa de operações do hospital de S. José.

O horroroso desastre que fez desapparecer Fernando d'Oliveira, não se apagará tão cedo da memoria das pessoas que tiveram a desdita de o presencear, e que ficaram na mais lancinante espectação até conhecerem noticias pormenorisadas do estado do infeliz cavalleiro.

Chamára grande concorrencia a corrida d'aquelle dia, em virtude dos elementos que a constituiam.

No camarote real, além de suas magestades el-rei e a rainha, viam-se suas altezas o principe real e os infantes D. Affonso e D. Manuel.

Os camarotes e *fauteuils* eram occupados pe-

las familias mais distinctas da nossa sociedade, realçando a formosura das senhoras as suas *toilettes* frescas e de côres variegadas, que davam ao conjuncto da praça um tom alegre e encantador.

Nas trincheiras e outros logares da praça a multidão movia-se constantemente, abanando-se e gesticulando, n'um incessante frenesi, ávida de ver começar a lide, que promettia ser interessante pelo nome do lavrador e pela escolha dos toureiros.

E, para animar ainda mais todo esse aspecto brilhante, que por si só era agradibilissimo, o sol irradiava com toda a sua pujança, aquecendo a multidão e tornando-a mais buliçosa e irrequieta. Emfim, uma tarde de touros!

A quadrilha, ao entrar na arena, foi recebido com desusado enthusiasmo, partindo as palmas de todos os lados da praça.

O cortejo compunha-se dos cavalleiros José Bento, o mallogrado Fernando de Oliveira, Joaquim Alves e Simões Serra; dos espadas Bombita Chico e Chicuello; dos nossos bandarilheiros Theodoro Gonçalves, Manuel dos Santos e Thomaz da Rocha; e dos hespanhoes, Antolin, Morenito, Currinche e Zucato. Accrescente-se ainda o numeroso pessoal de moços de forcado, moços da praça e mais os cavallos de combate conduzidos por creados de libré, e os campinos trazendo á redea os seus cavallos, e póde-se assim julgar da imponencia do luzido cortejo.

Terminadas as cortezias, foram os lidadores occupar os seus postos e tocou o clarim para sair o primeiro bicho, das manadas do marquez de Castello Melhor, que pertenceu a José Bento.

Este festejado cavalleiro prendeu com algum trabalho uns ferros no animalejo que era manso, e, que por isso, difficultou a lide.

Foi depois o bicho bandarilhado por Theodoro Gonçalves e Manuel dos Santos, pondo este um bom par a quarteio, como quasi sempre succede.

O segundo touro era para Fernando de Oliveira e bandarilheiros hespanhoes Antolin e Morenito, visto que n'esta corrida a maioria das rezes devia ser lidada em todos os *tercios*, isto é farpeada pelos cavalleiros, bandarilhada e passada de muleta pelos peões.

Feito o signal para começar a lide do referido touro, entrou na arena Fernando de Oliveira vestindo casada encarnada, bordada a prata, e, sorridente e bem disposto, acceitou, conforme a praxe, a farpa que lhe foi entregue pelo bandarilheiro Currinche.

Fernando montava o seu cavallo *Azeitona*, comprado por alto preço ao *sportsman* Pinto Barreiros. Era um bonito corcel e com boas qualidades para o toureio.

Fernando dirigiu, conforme o costume, a sua montada até á frente do camarote real, fazendo os cumprimentos ás magestades e altezas.

Em seguida, foi esperar o touro á gaiola.

O animal, que lhe saiu, era, conforme já disse, como todos os mais picados n'essa tarde, das manadas do Marquez de Castello Melhor, e oriundo de cruzamento hespanhol. Na vaccada era conhecido por *Ferramenta*, e tinha o ferro do lavrador e a marca 3 b. O pello era castanho e o quarto dianteiro torrado, com bragas no ventre, caldeiro (armas um tanto baixas e unidas), e corpulento.

Fernando, perdendo a sorte á gaiola, entrou logo n'uma meia volta que rematou com intrepidez e valor.

Reconhecendo que o seu antagonista não era voluntario em arrancar, saiu em falso uma vez e iniciou outra sorte com resolução e coragem, cravando um excellente ferro á tira, que causou enthusiasmo. Aquecido pelos applausos que vibravam em toda a praça, o desditoso cavalleiro sentiu se na disposição de *apertar*, como se diz em linguagem tauromachica, e que significa tambem esforçar-se por tourear bem e manter os seus creditos artisticos.

Attribuiu-se o desejo que Fernando mostrou n'aquelle dia fatal de se tornar notavel, ao facto de ter sido distribuido no Campo Pequeno um impresso intitulado «Resposta á lettra», assignado por um grupo de aficionados, no qual se evidenciavam os meritos d'aquelle cavalleiro, censurando os seus detractores, que lhe promoviam manifestações hostis que muito desagradavam, principalmente, aos partidarios do saudoso toureiro.

Fernando, que era caprichoso e dotado de elevados sentimentos, quiz n'esse dia provar mais uma vez o seu pundonor e valentia, e resolveu cingir-se ao touro com coragem e decisão.

A colhida

O touro achava-se nos *tercios* da arena, em frente do sector n.º 6, sombra-sol, e acabara de soffrer um lance de capote, quando Fernando, aproveitando a rez collocada, fez partir o seu cavallo, citando-a em voz alta. Rematou a sorte á tira, deixando o animal chegar ao estri-

bo e, consentindo-o de mais, cravou o ferro. D'ahi resultou o touro colher o cavallo pela anca, e com a violencia da pancada, o animal desequilibrou-se e caíu no solo. Ao mesmo tempo, o pobre Fernando, talvez no intuito de se livrar da investida do touro, soltou-se da sella, saindo pela cabeça do cavallo, mas, infelizmente, ficou com o corpo debaixo da sua montada.

Presenciei o triste facto: Fernando fez esforços para se erguer depois da queda, estando já a descoberto, porque o seu cavallo se levantou rapidamente; n'essa occasião, o touro investe outra vez com os vultos, o ginete foge, e então o desgraçado artista é afocinhado pela fera com furia enorme. Attingiu certamente com as armas a cabeça do infeliz, n'uma das arremettidas.

Fernando não se moveu mais.

As capas de dois hespanhoes que se achavam proximos, conseguiram distrahir o cornuto um instante.

Mas para cousa alguma serviu esse auxilio prestado com a maior solicitude; o infeliz artista estava já moribundo.

Por toda a praça correu um frémito de angustia, de pavor; de muitas boccas saíram gritos afflictivos e bastantes espectadores, vivamente impressionados, se levantaram dos seus logares, como se quizessem ir acudir ao desgraçado cavalleiro, e outros saíram logo da praça.

Fernando jazia prostrado de bruços na praça, com as abas da casaca voltadas sobre as costas, emquanto o cavallo, sem governo correu desordenadamente até lhe lançarem a mão e o conduzirem para a cavallariça.

Tudo isto se passou tão rapidamente, que nem tempo houve para acudirem outros peões com as suas capas.

Desviada por fim a attenção do touro para outro ponto da arena, o mallogrado toureiro foi levado em braços, pela trincheira, para a enfermaria da praça, onde debalde lhe foram prestados os soccorros.

Fernando tinha o craneo fracturado na sua base superior. Estava morto.

O funeral de Fernando d'Oliveira foi concorridissimo e deveras commovente; n'elle estiveram representadas todas as classes da sociedade, e viam-se olhos lacrimosos e toda a gente lastimava a perda de tão grande artista, que deixou no toureio a cavallo uma vaga difficil de preencher.

O corpo do saudoso artista acha-se depositado no cemiterio do Alto de S. João onde lhe foi erigido um mausoleu por subscripção entre os seus mais devotados admiradores.

Que descance em paz o pobre Fernando.

Continuação da tourada

Ignorando as pessoas que assistiam á tourada o desenlace fatal do triste acontecimento, a lide continuou até final, sem outros incidentes dignos de nota.

Era notorio o mau humor de que todos se resentiam pela incerteza em que estavam; comtudo restava-lhes ainda a esperança de que não era mortal o ferimento de tão querido artista.

Quasi ao terminar a corrida, constou a algumas pessoas que Fernando tinha fallecido no

hospital, aonde chegára em maca acompanhado de numerosos amigos.

FERNANDO D'OLIVEIRA

Notas biographicas

Foi este artista um dos mais correctos no toureio a cavallo e era considerado um mestre.

Nasceu em Benavente, a 12 de março de 1859, tendo portanto 45 annos completos quando morreu.

Toureava ha 25 annos, e de dia para dia os seus progressos eram notaveis na arte que tão distinctamente professava.

Lidou touros em todas as praças de Portugal, incluindo as de Loanda e Lourenço Marques, e em Hespanha e no Brazil.

Soffreu apenas tres colhidas de maior importancia nas arenas de Santarem, Barreiro e Campo Pequeno.

CAPITULO XIV

O bando

Desde as mais antigas epocas, que em Lisboa e nas provincias se faz o bando, para annunciar dias antes ou na vespera, as touradas.

Chama-se bando a um grupo de individuos a pé ou a cavallo, vestindo burlescamente, ou uniformisados, que, pelas ruas, offerecem aos transeuntes o programma da corrida.

Teem tambem o nome de bando os carros allusivos á tauromachia e todas as exhibições destinadas ao mesmo fim.

Nas provincias usam-se muito as mascaradas, que percorrem as ruas, antes das touradas.

Quando existia a praça do Campo de Sant'Anna e o «réclame» nos jornaes não estava tão vulgarisado , era quasi indispensavel ás empresas de praça de touros o auxilio do bando.

Hoje podia-se bem prescindir d'elle.

N'aquelle tempo, o bando era assim constituido: na frente da «troupe» ia o *anjo*, que era um rapazola, vestido com saiote claro, tendo na cabeça um capacete imitante a metal. Empunhava um estandarte, levava meias côr de carne até aos joelhos e sapatos de fivela.

Assim, marchava imponente, escarranchado n'uma *pileca*, que conhecia a palmo as ruas e

becos da cidade; tal era o numero de vezes, que na sua triste vida as tinha andado.

A' esquerda e á direita do *anjo*, tambem montados em esqueleticos rocinantes, guardando uma certa distancia, que não se póde bem dizer respeitosa, iam os distribuidores de programmas, envergando sobrecasacas de cores berrantes e tendo as cabeças cobertas com tricornios. Mais atraz, seguia a musica, trajando fatos vermelhos, e grandes barretinas de papelão imitando os soldados da invasão franceza. No fim do rancho destacava-se o bombo com o mesmo uniforme dos collegas, cavalgando um magro animal, que apenas tinha em compensação o prazer de ouvir o desafinado repertorio, que até já sabia de cór...

Os homens do bando tinham por costume parar ás portas dos talhos, onde eram obsequiados pelos magarefes, e, tambem nas tabernas, as quaes, apesar das visitas diarias que lhes faziam aquelles clientes, davam uma recepção semanal aos mesmos n'esse dia, a fim de tomarem ali alento e terem forças para soprar nos seus instrumentos tão queridos.

O bando transformou-se n'um grupo de campinos a cavallo; mais tarde, n'um carro enfeitado com petrechos tauromachicos, e tanto um como outro, substituiram a musica por cornetas que avisam o publico da sua passagem, e assim distribuem os programmas.

CAPITULO XV

A espera de touros

No tempo da praça do Campo de Sant'Anna, a espera dos touros foi uma das maiores pandegas da rapaziada.

Ao sabbado ou na vespera de tourada, sahia-se de Lisboa em *tipoia*, com a indispensavel guitarra. O ponto de partida era o estanco do Nunes e o café Central ao Chiado ou o café Marrare.

Os janotas, vulgô os *marialvas*, com as suas jaquetas de alamares, barrete verde e pampilho ao hombro, atravessavam assim a cidade, montados em fogosos ginetes, e iam ás pastagens buscar os touros, para os acompanhar aos curros.

Foram assiduos frequentadores d'essas diversões da mocidade o conde de Vimioso, o marquez de Castello Melhor, o Ferreira Pinto (o tio Frederico), o Domingos Ardisson, o Polycarpo Machado, o Frederico Cavalleria, o Granate da alfandega, o gordo padre Matheus, o Thomaz Jorge, o Pinto Chalaça, os Roquettes, os Galaches, o D. Manoel Ponte, o Fernando Antas, o Vellez Caldeira, o Alfredo Tinoco, os Avilezes, o D. Alexandre Villa-Real, os Galveias, os Maniques, o D. Caetano Bragança, o Lobo da Silveira, o D. João de Meneses, etc.

Por essas estradas fóra até as Marnotas, onde os touros descançavam, encontravam-se os melhores *batedores* de Lisboa conduzindo aficionados. As mundanas mais em vóga, envoltas nas suas mantilhas graciosas, de *toilettes* espaventosas, sorriso nos labios e petulantemente recostadas nos caleches tirados a parelhas com guizeiras, não faltavam á festa.

Tambem appareciam damas elegantissimas.

A' *cabeça do gado* iam os cavalleiros mais destemidos e os campinos.

Pelas 5 horas da tarde, os touros levantavam-se das pastagens, e, a um signal dado, partiam para o Campo Pequeno, parando ao pé da quinta do Mourisca.

A' uma hora da madrugada, novamente o curro se punha em marcha, para entrar na praça.

N'esse intervallo, havia as guitarradas e cantigas ao desafio.

As casas de pasto, desde a calçada de Carriche até ao Campo Pequeno, enchiam-se de freguezes, que entretinham a tarde e parte da noite em prolongadas refeições, em que predominava o peixe frito e a salada, com os competentes copos de vinho.

A' hora de sairem os touros, formava-se outra vez o cortejo: as carruagens tomavam o seu logar na rectaguarda, os cavalleiros apromptavam os seus corceis; os cabrestos rodeavam a manada, a *chóca-mestra* punha-se á frente, e, á voz do *maioral*, tuda partia, levantando uma nuvem de poeira.

O espectaculo era surprehendente e mal se divisavam os vultos, ouvindo-se o barulho produzido pelas ferraduras arrancando faiscas nas pedras;

os incitamentos dos campinos e cavalleiros, o tanger dos chocalhos, o tilintar das guizeiras e as pragas dos transeuntes. Era um furacão que passava, que mal dava tempo áquelles a quem aturdia, para saberem o que significava.

No largo de Santa Barbara, a cavallaria da municipal mandava parar a multidão, que a custo sustinha o impeto da carreira, a fim de o gado ir unicamente acompanhado dos campinos até entrar na praça. Chegado ali, permittia-se então que avançassem todas as carruagens, seguidas do povo e cavalleiros.

As corridas eram vertiginosas por aquella rua de Santa Barbara, e até pelo meio do Campo de Sant'Anna, o que fôra prohibido.

N'essa batida louca, sem olhar a obstaculos, nem recear os desastres que tantas vezes succederam, havia só um ponto de mira: chegar primeiro á praça, para ganhar a bandeirinha que se achava collocada na porta do cavalleiro.

Faziam-se apostas importantes; o *batedor* que alcançava a referida bandeirinha podia contar com a gorgeta dos freguezes; e assim adquiriam fama para fazerem valer os seus serviços futuros.

Tornaram-se celebres n'essas batidas os cocheiros José Maria dos Anneis, Gradil, Leonardo, «O Preto», Cambrainha, Pingalho, Ratinho, Zé Gordo, Carlos Bonito e outros.

Custava um trem para ir esperar os toiros cinco a seis mil réis, conforme a qualidade.

Occasiões houve, e não poucas, em que o gado era tresmalhado propositadamente.

Estrondeavam as bombas atiradas por mãos malevolas, á passagem dos touros. O gado assustava-se por não estar habituado ás explosões

do foguetorio, que lhe deviam ferir os ouvidos; repontava, desobedecia ás varas, *espaldava* dos cabrestos, e, na primeira aberta, abalava n'uma carreira doida.

Muitas vezes, os touros andaram pela cidade e seus arredores, fazendo estrepolias monumentaes.

Touros tresmalhados

Na madrugada de 25 de abril de 1874, quando o curro que no dia seguinte devia ser toureado no Campo de Sant'Anna, chegou ao largo de Santa Barbara, tresmalharam-se dois touros e andaram passeando pelas ruas da cidade, alarmando a povoação.

Um dos bichos andou a rondar um posto da guarda municipal e foi tambem passar revista á sentinella do hospital da marinha, mas os militares não tiveram tempo de lhe apresentar armas, porque viram as do inimigo muito ao pé.

Foi depois o mesmo animal ao Caes dos Soldados; ahi apanhou a geito o carregador dos caminhos de ferro, Antonio Rodrigues, por alcunha o «Lagartixa», atirou-o ao ar e vazou-lhe o olho esquerdo. O infeliz ficou tambem com o corpo muito contuso.

O segundo bicho, fugido da manada, fez graves ferimentos em Antonio Augusto d'Araujo, servente do theatro do Principe Real, que nunca soffrera tão grande susto, apesar de estar habituado a scenas tragicas na casa de espectaculos onde era empregado. Colheu tambem Seraphim dos Santos e um inglez que esteve em risco de não voltar á sua patria e ficar depositado no cemiterio.

Por fim, o referido animalejo dirigiu-se á praça da Figueira (mercado de Lisboa) com grande surpresa das vendedeiras que não esperavam tão amavel freguez. O brutinho era um guloso por fructa e satisfez o seu grande appetite, comendo o que desejou e á borla...

Saiu do mercado com o *bahú* de tal forma cheio, que já nem podia correr, sendo por isso apanhado na rua dos Fanqueiros, onde naturalmente procurava outros fornecedores. O socio da vaccada foi tambem laçado em Santa Apolonia, indo depois ambos atados a um carro de bois, até ao Campo de Sant'Anna, pagando ahi as custas e sellos do processo, com uma porção de ferros que lhes enterraram no cachaço.

CAPITULO XVI

Moços de forcado

Nas corridas reaes na praça da Junqueira em 1738 (V. cap. VIII), figuravam os "monteiros da choca", nome que então se dava aos moços de forcado.

Os pegadores de touros usavam n'esse tempo trajos differentes dos actuaes, conforme se vê na descripção d'aquellas corridas.

Os "monteiros da choca" collocavam-se na arena por baixo da tribuna real e faziam a *casa da guarda*, defendendo-se das investidas dos touros, de forcado em punho; travando luctas encarniçadas, que lhes punham ás vezes a vida em perigo. Actualmente, nas corridas de amadores, faz-se ainda a "casa da guarda" durante uma parte da lide.

As pégas constituem uma parte da corrida de touros á portugueza, e n'esse trabalho ninguem nos eguala em pericia e valor.

E' possivel que gregos e troianos agarrassem touros á unha, que os salamanquinos sejam eximios em "mancornar" (agarrar o touro pelas hastes e derribal-o), não o nego, mas o que tambem é certo, e d'isso nos orgulhamos, é que ninguem excede os portuguezes na resolução, coragem e saber que demonstram na frente de tão

perigoso animal, subjugando o com rara habilidade e firmeza.

Este exercicio de destresa e força produz no animo do portuguez uma verdadeira animação, que imprime ás nossas touradas um tom caracteristico, e é talvez o que mais faz realçar a lide, quando outros trabalhos a tornam monotona.

Indico no capitulo referente á praça do Campo Pequeno os forcados amadores que modernamente se salientaram.

Direi tambem que no Campo de Sant'Anna tiveram tardes de gloria José Augusto Galache, José Ferreira Pinto, José de Barros Lima, Antonio Pinto Martins, Victorino Froes, Eduardo Rebello d'Andrade, Chico Amado, Ernesto Calleya, Antonio Vellez Caldeira, D. Alexandre Villa Real, D. José de Mascarenhas, Antonio Manique, D. João Coutinho (Soidos), D. Jeronymo Coutinho (Soidos), Jayme Henriques, Leonardo Costa, D. Luiz Lobo da Silveira. Antonio Lisboa, Conde das Antas, Ayres de Serpa, etc.

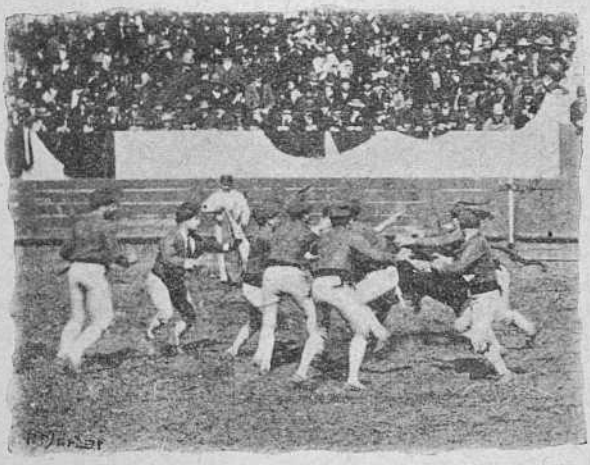
As pégas teem sido executadas nas arenas hespanholas, por moços de forcado portuguezes, sendo muito apreciadas.

N'uma tourada que houve em Madrid em 14 de outubro de 1852, tornou se celebre o forcado Victorino Reis, que agarrou de cara, com a maior valentia, um touro desembolado, obtendo estrepitosa ovação.

Tiveram grande fama os forcados de profissão, Antonio Delgado que morreu d'um boléu; o Sustança, grande pegador de cernelha; o Enjeitado, o Gargalhadas, o Manoel do Botequim, o José Luiz, o Pina, o Vendaval, o Cesario, o Miguel Carola, o grande rabejador Antonio Caneca, o Antonio «Mau Ladrão» que foi tambem

dos primeiros pegadores de cernelha; o Machina de Salvaterra, o Raphael Tôrto, o Cyrineu, o José Chicha, os Constantinos da Gollegã, creados do visconde d'Asseca; o José da Annica e o Ezequiel, de Vallada.

Modernamente distinguiu-se o Manoel Fressura, eximio pegador de costas; o José Sapateiro, o Jacaré, o Alcorriol, o José Russo, o Peixinho de Aldegallega, o Julio da Rafôa, o Pé de Chumbo, o Antonio Carraça, o Gonçalves Peixinho, o Hespanhol, o Bernardo de Santarem e outros.



Uma pega de cára

CAPITULO XVII

Os intervalleiros

Nas primeiras touradas que se realisaram em Portugal, isto é, n'aquellas em que se executou a arte de tourear com mais ou menos perfeição e regra, se não houve o intervalleiro propriamente dicto, eram essas funcções revestidas de intermedios jocosos, a que se chamavam «brinque vem a ser a mesma cousa.

Vê-se da leitura d'este livro, que, na maioria das corridas de ha tres seculos, appareciam na praça individuos mascarados fazendo momices e provocando assim a hilaridade do publico.

O certo é que já se procuravam esses attractivos para as touradas.

Ainda hoje os intervallos estão em moda. Fizeram-se amiudadamente no Campo Sant'Anna, com pretos, brancos e mulheres, e teem sido apresentados no Campo Pequeno, embora não lhe deem este titulo, pois outra cousa não foi a «troupe» de saltadores landezes, o toureio comico das *niñas* toreras, «o espada boer» e os touros «Playero» e «Capirote».

N'outras praças do paiz e dos arredores de Lisboa, especialmente em Algés, os intervallos chamam ainda grande concorrencia e despertam muito interesse no publico.

Tiveram grande fama as intervalleiras Maria Chirrita, a Mujiganta, a valente Maria Rosa, rapariga de Castello Branco; a Maria Formiga e a destemida preta Cartuxa.

Entre os pretos celebrisaram-se: o Benedicto, o Firme, o Bumba-no-Canéco, o Campos, o José Maria que accumulava o cargo de intervalleiro com o de *ministro hespanhol* na côrte da rainha do Congo; o velho Pae Paulino, que era engraçadissimo e rijo como o aço; o novo Pae Paulino que fazia taes caretas, que obrigava o mais sisudo a rir-se, e o Domingos que era cego d'um olho, e dos mais atrevidos que teem pisado a arena.

Dos brancos, foi falado o Bragança por ser muito agil e arrojado; diz-se que foi elle que primeiro executou o cambio com bandarilhas.

O França tinha pilhas de graça, o José da Avó, o Macanjo, o Galumba, o Torra-Ossos e o Gonçalves Peixinho foram intervalleiros de mão cheia.

Houve intervallos com estes titulos: «A cabana do pae Thomaz», «O Navio», «O Naufragio do Brigue Mondego», «A Cama» em que se deitava o «doente» tendo ao pé uma velha que servia de enfermeira; o touro, salvo seja, era o *medico* que vinha receitar «pápas de chavelho.»

«O homem e o touro na pastagem» foi um intervallo de sensação. Na arena collocava-se um homem coberto de hervas, e, sem se mover, esperava que o touro viesse ao pasto.

«Os Pinauds», «Os tres ratas» e a «Giraldinha» tiveram bastos applausos e alegraram muitas corridas do Campo de Sant'Anna.

CAPITULO XVIII

O toureio nos arredores de Lisboa

Campo Grande — Episodios n'uma tourada

O conde de Vimioso, que foi um dos vultos mais notaveis do toureio a cavallo, no seu palacete do Campo Grande tinha um grande pateo onde deu corridas que foram interessantissimas e cheias de alegria e animação.

Uma tarde, em 8 de agosto de 1848, houve uma garraiada, e resolveu-se que todos os amadores desempenhassem na lide cargos differentes d'aquelles de que tinham já a necessaria pratica.

Assim, o conde de Vimioso serviu de neto; picaram a cavallo o visconde de Almeidinha e o conde de Belmonte que eram destros bandarilheiros; foi cabo de forcados D. João de Meneses, distincto na arte de farpear; foram moços de forcado o perdulario Paiva d'Araujo, o escriptor Lopes de Mendonça, D. José de Mello e Castro, bandarilheiro corajoso, Augusto Talone, Zacharias de Sá e Mello Correia, que tambem brilharam todos no toureiro a pé.

Entraram como capinhas os valentes pegadores de touros D. Antonio de Meneses, D. Antonio de Mello, D. Manoel Lobo da Silveira, D.

José Pessanha, Fernando Mousinho, Antonio Couto, Luiz Aranha e o poeta Raymundo Antonio de Bulhão Pato.

Os moços de curro eram Velloso Horta, D. Pedro Coutinho, Simão Aranha e Alexandre Calleya e moços do touril Luiz Augusto Soares e o poeta José da Silva Mendes Leal.

A esta festa, que decorreu no meio dos mais hilariantes episodios, presidiu a infanta D. Anna de Jesus Maria, casada com o duque de Loulé, assistindo tambem a fina flôr da aristocracia lisbonense.

O conde da Figueira, que dirigia a corrida, pediu a Mendes Leal que experimentasse as suas aptidões para bandarilhar. Elle assim fez: recebe os ferros, vae direito ao bicho na melhor das intenções, mas, no momento em que se preparava para entrar com o seu adversario, o conde de Vimioso gritou-lhe: «Se marras, não pico.»

A piada produziu grande risota, porque o gracejo do conde era uma fina allusão á poesia que Mendes Leal acabava de publicar, com o titulo «Se córas, não conto.»

O gracejo causou tal sensação, que Mendes Leal largou as bandarilhas, não se lembrou mais do garraio, e ficou assim sem saber n'aquella occasião se realmente era capaz de executar a sorte que fôra convidado a fazer.

Outro incidente digno de registo houve tambem n'esta corrida.

Lopes de Mendonça, o mallogrado escriptor que morreu doido, tendo de pegar um dos garraios, foi logo para a cara do bicho com valentia e decisão, mas, na refrega, ficou com o rosto sujo de sangue.

As senhoras tiveram grande susto e procuraram logo saber se o ferimento era grave.

A infanta D. Anna, que não sympathisava com Mendonça, porque o tinha na conta de partidario da Maria da Fonte, vendo a commoção que o caso tinha produzido, disse com desdem, para que todos a ouvissem: «Deixa correr, que é sangue de patuléa! Não se perde nada...»

Conta-se que depois da corrida esteve pendente um duello entre Lopes de Mendonça e o duque de Loulé, em consequencia da phrase proferida pela infanta.

Porcalhota

No pateo d'uma fabrica que houve na Porcalhota, realisaram-se corridas em 1853, tambem promovidas pelo conde de Vimioso que ali picou touros, assim como outros titulares d'aquella epoca.

Queluz

Além das touradas que houve no pateo da quinta real em Queluz, organisadas por D. Miguel, realisaram-se tambem na mesma localidade funcções taurinas, sob a direcção do marquez de Marialva, com o concurso de «Antonico» e outros picadores da casa real.

(V. *Lisboa n'outros tempos*, pag. 226.

Bellas

N'esta aprazivel terra, onde se effectuam ainda os populares festejos ao Senhor da Serra no mez d'agosto, houve uma praça na Quinta

da Hespanhola, inaugurada a 3 de julho de 1870, onde se deram touradas até 1876.

—Na quinta do Bom Jardim, propriedade do marquez de Borba, realisaram-se tambem algumas garraiadas, servindo para esse fim um espaçoso pateo contiguo á habitação d'aquelle fidalgo.

Massamá

No dia 24 d'agosto de 1890, foi inaugurada no sitio de Massamá uma praça com bancadas só do lado da sombra.

O seu proprietario, José Carrasqueiro, promoveu ali muitas vaccadas e garraiadas, nas quaes se exercitaram no toureio numerosos individuos que depois se evidenciaram pelo seu valor n'outras arenas do paiz.

Meleças

A praça da Quinta Grande, em Meleças, pertencia ao marchante José da Costa, e tinha logares para oitocentas pessoas.

Foi inaugurada em 17 de outubro de 1893.

Houve ali muitas corridas de garraios e vaccas, sem pretenções a touradas, mas que proporcionaram aos espectadores tardes de grande risota com os incidentes da lide, confiada a maioria das vezes a rapazes inexperientes e sem amor ás costellas.

O gado era quasi sempre fornecido pelo dono da praça e por Eusebio da Costa. Ficava mais barato.

Cintra

(Uma corrida em 1820)

Quando a grandeza e o luxo imperavam em

Portugal no reinado de D. João V, effectuaram-se em Cintra estrondosas corridas, comparecendo a ellas algumas vezes aquelle monarcha e os fidalgos da sua côrte.

Festejando-se ali Nossa Senhora da Piedade, em 1820, foi o rei assistir n'um dia a escaramuças, alcanzias e outros jogos de destreza organisados pelos duques de Cadaval, conde de Villarmaior e outros cortezãos. N'outro dia, voltou D. João V para ver correr os touros.

Frei Pedro da Conceição, eremitão de Nossa Senhora da Piedade, descreve este espectaculo do seguinte modo:

«Antes da uma hora appareceu sua magestade na janella, acompanhado dos senhores infantes D. Francisco e D. Antonio, e dos mesmos gentis homens da camara; e no mesmo tempo, em obsequio do duque D. Jayme, entraram pela Praça dois sobrinhos seus, Francisco de Tavora, (conde de S. João) e Fernão Telles da Silva, servindo este de tenente e aquelle de capitão da guarda. Compunha-se ella da familia do duque, e de pessoas nobres; e feitas as cortezias a sua magestade com aquella bizarria que se espera de similhantes actos, se largou o primeiro touro. Sem fazer caso d'elle entrou na Praça o duque D. Jayme montado á gineta em um formoso cavallo, vestido á castelhana, de fumo preto sobre velilho branco de prata, chapéu a dois ventos, e n'elle um martinete preto, a que fazia pé uma presilha de grandes e preciosos brilhantes. Calçava borzeguins brancos, enfeitados de fitas pretas lavradas de prata. Não vos saberei nunca dizer o bem que lhe estava a golinha, nem como parecia aquelle todo, porque ao mesmo tempo

em que era magestoso pelo agigantado da estatura, era tambem summamente airoso. Fez as cortezias a sua magestade e, voltando sobre a mão direita, traçou a capa e veiu fazer a primeira sorte, em que logo experimentou o touro a força e a destreza de tão grande cavalleiro.»

*

* *

A praça dos Seteaes

No Campo dos Seteaes, em Cintra, realisou-se em agosto de 1853 a primeira tourada, assistindo D. Pedro V que n'esse tempo ainda não tinha subido ao throno.

Foi uma corrida fidalguesca, em que se commetteram os mais heroicos rasgos de valor ante as rezes bravas, picando magistralmente a cavallo D. João de Meneses e o conde de Vimioso.

As touradas repetiram-se em 4 e 5 de setembro de 1855, com o mesmo agrado da primeira, sobresaindo na lide os referidos cavalleiros e Pedro Nunes, assim como Miguel de Sousa, Antonio Schwalback, Roberto Schiappa, Emilio Caldas, Reynaldo Ferreira Pinto, José Gallache, etc.

*

* *

Ao pé da estação do caminho de ferro, construiu-se em 1869 uma praça, onde houve bastantes touradas, principalmente na epoca em que não havia outra em Lisboa, por se ter demolido a do Campo de Sant'Anna.

*
* *

Corrida de vaccas

Feitas umas reparações indispensaveis na praça de Cintra, bastante deteriorada pelo tempo e pelo abandono em que se achava ha annos, deu-se no dia 14 de setembro de 1904 uma vaccada em que entraram valentes rapazes de boa sociedade.

Foi esta festa levada a effeito por uma commissão de que fizeram parte os marquezes de Soveral e Fayal, conde de Figueiró, visconde de Asseca, Ayres Ornellas e Guilherme de Almeida.

A praça estava vistosamente embandeirada e o camarote real adornado com magnificas colchas de seda, pendendo da bancada para a trincheira estandartes de todas as nacionalidades.

O conjuncto do circo era esplendido.

Nas bancadas viam-se todas as familias da primeira aristocracia do paiz, que n'aquella epoca veraneavam em Cintra, ostentando as senhoras vistosas *toilettes*, as quaes davam á festa todo o realce.

A praça estava repleta, devendo calcular-se a assistencia em cerca de mil e quinhentas pessoas.

Nos predios circumvisinhos era enorme a agglomeração de povo. O telhado d'um *chalet* proximo serviu tambem para muitas pessoas gosarem o espectaculo.

Toda a familia real assistiu á funcção n'um

camarote em que estavam tambem os dignitarios de serviço.

A lide foi muito animada e n'ella se portaram com extraordinaria coragem todos os lidadores que vestiam elegantemente á hespanhola.

Foram cavalleiros Jorge Bleck e Rodrigo de Castro Pereira; bandarilheiros, Eduardo Perestrello de Vasconcellos, D. Ruy Zarco da Camara, José de Vasconcellos e Sousa, D. Nuno Carvalho Daun e Lorena, João Salema e José d'Almeida Bello; moços de forcado, João Perestrello de Vasconcellos, D. Pedro de Mello e Castro, D. Luiz da Costa de Sousa Macedo, José Correia de Sampaio e Rodrigo Correia Henriques.

Foi abegão Sebastião da Cunha e Silva e serviram de moços de curro, D. Carlos da Camara, D. Vasco da Camara e Carlos Nelisse.

Os lidadores tiveram lindas *moñas* e ramos offerecidos pelas senhoras.

*
* *

Em Agualva, povoação entre Cintra e Cacem, houve touradas em 1870.

—No Tojal, realisaram se quatro touradas em 1872, com artistas.

Belem

Como prova da existencia da praça de touros de Belem, ha este documento:

«Para o conde Almirante.—S. M. é servido que V. Ex.ª na primeira e terceira tardes de tou-

ros que se hão-de fazer na praça de Belem, a vá alimpar com os soldados da Guarda, na fórma praticada em semelhantes occasiões.—Deus Guarde a V. Ex.ª. Paço em 23 de setembro de 1761.—(*a.*) Francisco Xavier Mendes Furtado. (V. *Intendencia,* etc., *Livro IV d'Avisos*, f.ˢ 158, v.)

Quando nasceu o principe da Beira, D. José, filho de D. Maria I, houve em Belem corridas de touros, como se póde tambem deprehender do soneto que segue, impresso em 1761, que tenho presente:

«Na publica festividade de touros, que em applauso do felicissimo nascimento do serenissimo principe da Beira, se faz na Praça de Belem, no dia 24 de setembro de 1761, por ordem do Supremo Senado da Camara.

Fallam Jupiter, Juno e Mercurio n'este

Soneto

Que nova gloria o nosso peito encerra!
Pois em tão digno triunfo collocados,
Deixamos nos festejos celebrados
O throno lá dos céus pelo da terra.

Já de todo a tristeza se desterra
Em ti, ó Portugal; hoje augmentados
Teus gostos se verão, nem desgraçados
Desastres contra ti moverão guerra.

Bem vês, como heroe, em que descança
O governo da patria; mais se alenta
De tanto bem, a firme segurança;

Pois no prompto festejó, que se augmenta,
Jámais póde a alegria ter mudança,
Quando a gloria entre todos se accrescenta.»

Estes versos desafinados cousa alguma nos dizem do que foram as touradas que se realisaram pelo nascimento do principe citado.

A pag. 226 do livro «Lisboa n'outros tempos» lê-se: «Nas corridas em Belem entravam cães de fila; eram frequentadas pelas senhoras da côrte.»

Pedrouços

Deram-se corridas em Pedrouços, no reinado de D. João V, em que tomaram parte o marquez de Tavora, o duque de Cadaval, seu sobrinho; o marquez de Alegrete, Manoel de Mattos, monteiro-mór de Coruche; D. Antonio de Almeida e Fernando José da Gama Lobo.

(V. *Lisboa n'outros tempos*, pag. 226.)

Algés

A praça d'Algés pertenceu primeiro a uma companhia, e hoje é propriedade de Eduardo Pedroso.

Foi inaugurada em 23 de maio de 1895.

Importou a sua construcção em 35:000$000 réis, empregando-se na obra alvenaria, madeira e ferro.

O diametro da arena é de 30m,70.

A praça tem quatro fachadas.

A lotação é de sete mil e quinhentas pessoas, com os seguintes logares:

27 camarotes grandes e 37 mais pequenos, 354 *fauteuils*, 175 balcões, 110 cadeiras sobre o curro, 368 sombras reservadas, 1:700 sombras, 931 sombras-sol e 3:400 sol.

O curro tem 16 gaiolas, além de mais 4 para embolação.

N'esta praça tem havido touradas de todos os generos.

Começaram as corridas com artistas da melhor categoria, e até, no anno de 1900, competiu a praça d'Algés com a do Campo Pequeno.

Explorada ultimamente por Santos Segurado, dão se ali corridas de toda a classe, com intervallos tauromachicos inventados pela famosa mente do referido empresario, que ao mesmo tempo concorre assim, para que pratiquem aquelles que desejam ser toureiros.

Esta arena foi ultimamente renovada, tendo-se substituido a madeira das trincheiras por alvenaria.

Cruz-Quebrada

Em agosto de 1891 construiu-se na Cruz Quebrada uma praça de madeira, por meio de acções, que custavam mil réis cada uma, tendo os accionistas direito a dois bilhetes de entrada, e a todas as diversões promovidas pela sociedade exploradora, da qual era director Francisco Cassiano, secretario Antonio Carvalho e thesoureiro Antonio de Campos Oliveira.

A arena era dentro d'uma propriedade do fabricante de cortumes, Antonio Godinho. Nas trincheiras cabiam cerca de dois mil e quinhentos espectadores, havendo tambem um grande camarote destinado ao dono do terreno, aos maiores accionistas e á auctoridade.

A primeira corrida teve logar a 4 de outubro de 1891, com o concurso dos laureados amadores Jorge Rebello da Silva que picou a cavallo; bandarilheiros, Victorino Froes, Antonio Peres-

trello e Pedro de Figueiredo; forcados, Fernando Rebello de Andrade, Manoel Lopes, Pedro d'Oliveira, Vasco de Vasconcellos e Narciso David; moços de curro, D. Luiz da Cunha Meneses (Lumiares), Miguel Costa, João Posser, D. Francisco Zarco da Camara, Affonso Villar e o auctor d'este livro, que nunca foi laureado mas quiz algumas vezes experimentar as «caricias» dos cornutos para lhes conhecer as manhas, vendo-os bem ao pé.

A corrida esteve animadissima, houve enthusiasticos applausos, muitas flores e *moñas*, com que os lidadores foram brindados por gentis damas, que em grande numero abrilhantaram esta tourada, que foi a melhor que houve na Cruz Quebrada.

Effectuaram-se depois algumas touradas, regulares, que pouco a pouco se transformaram em espectaculos tauromachicos de toda a especie, com exhibições vergonhosas e repugnantes.

Esta praça acabou em 1894.

Oeiras

Em 1897 projectou-se a construcção d'uma praça na Boa Vista, em Oeiras, mas não foi avante o projecto, porque o capital adquirido por subscripção não excedeu a quantia de 230$000 réis, não obstante os esforços empregados por Albino Pereira de Campos e Antonio Bracamonte, para conseguirem um circo tauromachico que sem duvida attrahiria grande numero de aficionados áquella estancia balnear, e, assim, daria maior desenvolvimento ao commercio.

*
* *

Paço d'Arcos

Foram esplendidas as touradas em Paço d'Arcos em 1858, no tempo em que se reuniam n'aquella praia festejados amadores, que promoveram muitas funcções de *sport*, no numero das quaes entravam as corridas de touros.

Na praça velha, que era fóra do povoado e do lado do norte, deram-se bastantes touradas, que tambem alguns annos foram organisadas pelos empresarios Alegria e Delgado.

Havia um monte proximo da praça donde se via a lide sem pagar vintem, e portanto, é escusado dizer, que se enchia totalmente.

*
* *

A commissão dos festejos ao Senhor Jesus dos Navegantes fez tambem ultimamente um circo de madeira, com lotação para dois mil espectadores.

Effectuou-se a primeira garraiada em 17 de setembro de 1903.

A arena é ao pé da linha ferrea e pouco distante da estação do caminho de ferro.

*
* *

Cascaes

Desde 1865 que a praia de Cascaes é preferida pela melhor sociedade de Lisboa, porque

tambem para ali vae todos os annos a familia real passar a temporada balnear.

Em 1868, a «Commissão Tauromachica Permanente», que era composta de amadores distinctos, que obtiveram justa fama em tantas corridas em que tomaram parte, foi iniciadora da construcção da primeira praça de touros de Cascaes, na Horta do Aguiar, effectuando-se a corrida inaugural, em 20 de setembro do referido anno.

Houve n'esta arena muitas touradas em que entraram os socios da Commissão Tauromachica, Ferreiras Pintos, Maniques, marquez de Bellas, conde do Sabugal, Velloso da Horta, Antonio e José Galache, D. Luiz Lobo, etc.

Proximo ao passeio na Parada fez-se outro circo, em 1873, onde se deram corridas até 1879.

*
* *

O novo taurodromo de Cascaes, no Rosario, foi construido sob as indicações de Manoel Ferreira dos Santos.

E' de pedra e madeira e o muro da barreira mais alto a fim de evitar o arame de resguardo, que teem outros circos.

As entradas para a sombra e sol ficam quasi todas ao centro das bancadas, sendo estas de madeira.

O curro é feito de modo que o touro póde saír de qualquer gaiola para peões ou cavalleiros sem precisar corrediças.

A saída de touros para cavallo está arranjada de maneira que o animal tenha de entrar forçosamente para o lado esquerdo da arena, ficando

assim espaço sufficiente para o cavalleiro executar a sorte de gaiola.

A praça tem capacidade para seis mil e quinhentas pessoas, sendo 100 os camarotes, dos quaes 38 ficam do lado do sol.

A primeira corrida foi no dia 27 de setembro de 1894, vespera dos anniversarios natalicios de el rei D. Carlos e da ranha D. Amelia.

Houve n'esta tourada uma enchente, assistindo toda a familia real.

Succedeu, porém, um desastre ao espada *Minuto*, que contribuiu para a monotonia da festa.

Aquelle toureiro quando lidava o 3.º touro de Luiz Patricio, foi colhido na virilha e soffreu outras contusões, pelo que ficou inutilisado para o restante trabalho, e de cama uns poucos de dias.

Em Cascaes ha nos mezes de setembro e outubro muitas corridas, nas quaes teem entrado amadores e artistas festejados.

Realisaram-se tambem algumas touradas á antiga portugueza, e são estas funcções que despertam sempre grande enthusiasmo.

*
* *

Olivaes

Na quinta dos condes de Obidos, nos Olivaes, adquirida depois pela viuva Salazar, que a arrendou a Francisco Luiz da Cruz, fizeram, por cedencia d'este, Luiz e João Salazar, João Bastos e Lopardo uma praça onde em 1847 se deu talvez a primeira corrida de touros em fórma,

figurando entre os artistas que tomaram parte na lide o cavalleiro José Caetano da Silva Brito.

Houve mais tarde desintelligencias entre o dono do terreno e os organisadores das touradas; por isso foi esta praça escangalhada.

Em 1849 os individuos acima referidos fizeram outra arena em Porto Franco, onde continuaram com animação as corridas de touros.

Pouco depois de haver linha ferrea, ahi por junho de 1857, Maximiano Bastos promoveu uma corrida nos Olivaes, que levou de Lisboa muitos amadores. Essa corrida ficou memoravel, porque, no regresso da tourada, o comboio descarrilou, havendo serios desastres.

*
* *

Sacavem

As corridas no sitio de Sacavem datam, pelo menos, de 1647.

Thomaz Gallo, chronista d'aquella epoca, descreve em verso o terceiro dia de touros que houve n'aquella localidade, no mez de setembro do referido anno.

A festa foi em obsequio á Senhora de Sant'Anna.

Diz o citado auctor:

«Que nunca tinha visto n'uma praça, uma barca a remar em terra, e a navegar na areia».

Devia ser curioso!

«Que os regadores da arena possuiam grandes narizes».

Já era criticar! Que diria elle agora das *batatas* d'alguns toureiros?

«Que os cavalleiros José Roquette e Francisco Mattos se houveram como de costume; o primeiro, mestre no officio, trabalhou bem; o segundo gostava mais de se servir da espada do que do rojão».

Agora tambem ha quem goste mais de ferros curtos, do que dos compridos que a arte manda usar.

Grupo de amadores n'uma tourada de fidalgos

«Que o neto esteve em risco de vida, tendo que se defender com a vara, da insistencia do touro, e que se viu muito atrapalhado».

Provavelmente porque não deu o cavallo ao manifesto, como agora succede.

«Que os toureiros de pé metteram garrochas, farpas e farpinhas e que não só fizeram sortes mas tambem sortidas».

Temos tambem d'isso, em 1906.

Fala d'um tal Ramon, que pelo nome parece hespanhol, a quem faz elogios. Prova de que sempre fomos prodigos em amabilidades aos toureiros do paiz visinho.

Outra noticia da mesma tourada refere que o cavalleiro Mattos precedeu o Roquete na entrada, e que foi atacado pelo «boi das cortezias».

Seria mero acaso, ou costumavam n'esse tempo abreviar as cortezias, soltando um touro?

Não era má idéa.

O facto foi que o tal Mattos se apeou logo do ginete que montava, e prostrou a féra com um golpe de espada.

Talvez haja aqui exaggero do poeta.

Diz mais que Roquette feriu o terceiro touro com cinco rojões, e que mandou para a outra vida o sexto, applicando-lhe golpes com a mesma arma.

Um modo de obrigar a ir aos touros

No domingo do Espirito Santo, era da praxe em Sacavem dar uma tourada, arranjando-se a praça com os respectivos palanques no Rocio da povoação, espaçoso largo que estava mesmo a calhar para a brincadeira.

O enthusiasmo e a alegria chegavam ao seu maior auge.

Em dia de touros ninguem faltava á festa.

Acontece, porém, que n'uma tarde coincide a hora da corrida com a passagem da procissão do Convento, ali muito apreciada.

Vendo os promotores da tourada que o circo não tinha a habitual concorrencia veiu-lhes á cabeça a infeliz idéa de soltarem um touro em-

bolado, que, apanhando as ruas apinhadas de povo, se fartou de distribuir marradas aos devotos, causando-lhes ferimentos, que retiveram alguns na cama uns poucos de dias.

Foram tantos os destroços provenientes de tamanha brutalidade, que para lhes pôr termo foi necessario matar o touro á bala.

*
* *

Desde 1874 a 1876 foi a praça de Sacavem explorada pelo bandarilheiro Laureano que organisou funcções, com artistas.

Ultimamente a mesma arena tem servido para toureio comico, sendo o promotor de taes espectaculos pouco escrupuloso na apresentação do gado e d'aquelles que o vão picar.

CAPITULO XIX

As praças de touros no districto de Lisboa

Em Lisboa, nos seus arredores e districto, houve sempre numerosas praças de touros, sendo tambem a Extremadura a provincia de Portugal, onde as touradas teem mais amadores.

Almada

A praça de S. Pedro, em Almada, foi inaugurada em 1830, e era das mais antigas do paiz.

Construida de pedra e madeira, tinha capacidade para cinco mil pessoas, incluindo as que cabiam em duas ordens de camarotes.

Effectuaram-se ali muitas corridas de touros, principalmente depois de acabar a praça do Campo de Sant'Anna, até funccionar a do Campo Pequeno, isto é, desde 1889 a 1892.

No S. João eram certas as touradas, e attrahiam muitos aficionados de Lisboa.

Era da praxe tresmalhar o gado na vespera da corrida, e d'isso resultaram muitos ferimentos e desordens importantes.

Esta praça ardeu na madrugada de 15 de novembro de 1904, e até 1907 não foi ainda reedificada.

Barreiro

No largo do Rosario, existiu uma arena tauromachica em 1810, que durou até 1840, e pertencia ao pae do cavalleiro José Vassallo.

Em 15 de agosto de 1891, fez-se por meio de acções e sob a direcção do engenheiro Magalhães Braga outra praça no referido largo, a qual tinha lotação para seis mil espectadores approximadamente, contando os logares de camarotes.

Houve n'ella touradas oito annos,

Esteve depois algum tempo ao abandono, até que em 1906 foi comprada em leilão judicial por Manuel Martins, de Coina, que mandou fazer no edificio as necessarias reparações, recomeçando a sua exploração em 17 de junho d'aquelle anno.

Azeitão

A primeira corrida de touros n'esta villa foi em 1830, n'uma praça feita no Rocio, hoje chamado Paços dos Duques de Aveiro.

Entraram na lide o conde de Vimioso e outros titulares.

O gado foi offerecido por um negociante de Cezimbra, de appellido Caldeira, que tinha adquirido esse curro nas manadas do duque de Palmella.

Houve outro circo tauromachico no largo das Salinas, inaugurado em 1860 com José da Motta, que tinha 16 annos de edade e picou a cavallo, e com os bandarilheiros José Eugenio, Alexandre Duarte e Joaquim Albardeiro.

Mafra

Não é sómente falada pelos sinos esta villa;

na sua historia entram as touradas, que ali se fizeram com grande pompa na praça velha, de que ainda ha pouco se viam as ruinas.

Os antigos habitos difficilmente se perdem: o povo de Mafra tinha empenho n'um circo tauri-no e conseguiu-o, devido ao administrador do concelho, Leonel de Vasconcellos Mello, que, para isso empregou todos os seus esforços, promovendo uma subscripção publica, e assim alcançou a verba necessaria para se fazer o edificio.

A corrida inaugural foi a 8 de junho de 1902, com amadores, que se houveram com galhardia e coragem, tornando a funcção agradabilissima.

Salientaram-se na lide Ricardo Pereira, José Pedro Franco, da Porcalhota, Baillard e Nunes Correia.

Sobral de Monte Agraço

N'esta villa houve uma praça ligeiramente construida, onde cabiam tres mil pessoas, e que foi inaugurada a 13 de julho de 1870.

Torres Vedras

Tem lotação para quatro mil pessoas o circo tauromachico de Torres, onde começaram as touradas em 15 de maio de 1891.

Fica distante da povoação um kilometro, junto da estrada que vae das Caldas da Rainha á Lourinhã.

Antes de esta arena houve outras, onde se effectuaram tambem grandes corridas.

Alcacer do Sal

(Estreia de Alfredo Tinoco)

Principiou a lide de rezes bravas em Alcacer em 16 de outubro de 1863, n'uma praça armada no Convento de S. Francisco.

Campos Valdez foi um grande influente de funcções tauromachicas e promoveu n'aquella terra muitas corridas. Foi n'uma d'ellas, em 31 de agosto de 1876, que se estreou como forcado Alfredo Tinoco, que se tornou mais tarde notavel cavalleiro.

—Na Quinta de Cima, propriedade de João Alves Branco, houve tambem uma esplendida garraiada a 5 de julho de 1876.

—Na freguezia de Palma realisaram-se tambem touradas n'um pateo dos palacetes Sabugal e Obidos.

São Thiago de Cacem

Em 1876, fez-se uma praça em São Thiago, á custa de Joaquim Fragoso, João Salema e Francisco Alexandre Vilhena.

As touradas eram pelo Espirito Santo, com toureiros dos mais modestos.

Palmella

As primeiras touradas—Um caso interessante

Ahi pelo anno de 1820, era costume em Palmella fazerem-se grandes festas a S. Pedro, havendo n'esses dias touradas.

Armava-se a praça n'esse largo, que, em vir-

tude de taes divertimentos, se intitulou Largo do Touril, nome por que ainda é conhecido.

Depois d'aquelle anno, sem que se possa precisar a data, José Joaquim d'Almeida, proprietario n'aquella villa, mandou construir um circo tauromachico no Campo dos Fechaes, que fica adjacente á povoação.

N'essa epoca ainda as danças constituiam um dos maiores attractivos das touradas, e a esse respeito conta-se o seguinte facto:

Estava preparada uma corrida de sensação para se estrear a praça, sendo muito falada a dança, que havia de apresentar-se com fatos novos, de phantasia, feitos a capricho, os melhores que ali se tinham visto e que na dança se destacaria uma figura a que chamavam o *Centro*, a qual levaria um bonito fato azul e branco e capacete de metal com um formidavel pennacho.

O promotor da corrida, segundo o uso estabelecido, promettera aos bailarinos um camarote para verem a funcção, depois de exhibirem as suas habilidades choreographicas.

Succedeu, porém, a enchente ser enorme e o empresario, esquecendo-se do seu compromisso, vendeu todos os logares.

A caminho da praça o grupo de devotos de Terpsichore foi avisado de que a empresa não podia cumprir a sua palavra, porque já não havia camarotes.

A noticia produziu no animo dos interessados grande indignação, e resolveram logo unanimemente não pôr os pés na praça.

Chegou o momento de principiar a corrida e a dança ainda não tinha apparecido.

O empresario, atrapalhadissimo, correu ao en-

contro dos dançarinos e quiz convencel-os por todos os modos a entrarem no espectaculo. Mas não houve meio de os demover do seu proposito, apesar de lhes offerecer dinheiro e de lhes prometter tambem um logar em cada camarote.

Soube-se afinal que a tourada se dava sem bailados; d'ahi resultou uma algazarra de ensurdecer e reclamações de todos os lados, que obrigaram José d'Almeida a fugir para não ser tosado por algum espectador dos mais descontentes.

*
* *

Em agosto de 1852, constituiu-se uma sociedade que arranjou outra arena em Fechaes, onde se deram duas touradas, picando a cavallo José Vassallo, então ainda creança, e os jovens irmãos Robertos, que eram n'esse tempo conhecidos pelos *russos de Salvaterra.*

No anno de 1853, houve só uma corrida tambem em agosto, organisada por Claudio Benedicto dos Santos, toureando a cavallo Antonio Roberto da Fonseca e sendo bandarilheiros seus filhos João e Vicente Roberto e seu irmão Antão da Fonseca.

N'esta tourada, o Peixinho (pae) que era amador, poz n'um touro um bom par de ferros. Começava então a ser notado.

Correram-se rezes de Manuel da Costa, lavrador na herdade da Barroca de Alva.

Por desintelligencia entre os societarios do circo, foi este deitado abaixo depois da corrida.

Setubal

(Tourada em 1711)

D. João v foi um dia visitar Setubal, que era ainda villa, e o povo, para ser agradavel ao monarcha, arvorou o Campo do Bomfim em arena, rodeando-o de palanques com vistosas ornamentações, havendo tambem um grande camarote para o rei e o seu sequito verem a corrida.

O chronista d'esta tourada diz apenas de importante que «tourearam os mais arrojados toureiros de pé e fez prodigios de valor o ajudante de cavallaria Antonio Antunes.»

*
* *

A praça do convento de S. João

Nas arcadas do claustro do convento de S. João, em Setubal, fizeram-se trincheiras e sobre ellas os camarotes e galerias de sombra-sol.

A arena era um quadrilatero irregular, e ao centro tinha uma lage que tapava a entrada para um subterraneo do convento.

Não tinha trincheira falsa. Os lidadores, quando precisavam fugir dos touros, pulavam para a barreira sobre os espectadores e eram por estes recebidos nos braços. Que prazer!

Inaugurou-se esta praça pelos festejos ao Espirito Santo, em 1841.

Um bando annunciou a primeira corrida para o dia 29 de maio, a segunda para 30 e a terceira para 31.

*
* *

A primeira corrida

(Morte do cavalleiro Brito)

Na primeira tourada, a praça não tinha um logar vago.

O cavalleiro da tarde era Salvador de Brito, por alcunha o *Texugo*.

Este artista fôra na vespera da tourada ver a arena e não ficou satisfeito com o piso, notando que a lage acima referida não estivesse bem coberta com terra, o que poderia fazer escorregar o cavallo.

Foi tourear de má vontade; previa uma fatalidade.

Largaram-lhe um touro de bella estampa, para abrir a corrida.

O animal era voluntario e arrancava de largo a largo.

O Brito cravou o primeiro ferro com mestria.

A' segunda sorte, a montada *chapou-se* exactamente no sitio que inspirára receio ao cavalleiro.

O touro, apoderando-se dos vultos, atirou o cavalleiro fóra da sella, e, na queda, o desgraçado artista bateu com a cabeça na referida lage, soffrendo uma congestão cerebral, e morreu na arena.

*
* *

A praça de S. João teve a sua epoca de grandeza.

Houve corridas magnificas, sendo o seu principal promotor Olympio Torres, que foi o empresario até 1887, anno em que a praça se desmanchou.

*
* *

Em 15 de setembro de 1889, deu-se a primeira corrida na nova praça de «D. Carlos», que custou vinte e um contos de réis. Foi construida por meio de acções, sendo o maior accionista Antonio José Baptista, que é tambem o proprietario do terreno onde se fez a edificação.

O circo fica ao pé da estação do caminho de ferro. E' bonito e comporta quatro mil e oitocentas pessoas.

Em Setubal ha muitos aficionados que dão ás corridas de touros grande incremento.

*
* *

Sines

(Incidentes em touradas)

Na esplanada do castello de Sines houve touradas em 1871 e 1872.

Entrava-se para a improvisada arena por um grande portão, aos lados do qual se fizeram dois camarotes para as pessoas mais gradas da terra.

Encostadas ás paredes da fortaleza colloca ram-se bancadas que accommodavam talvez tres mil pessoas.

Pelos festejos á Senhora das Salvas, em

agosto, realisaram-se varias touradas com artistas, de que foram promotores João Baptista e Joaquim Antonio de Sousa.

*

* *

Tourada desastrosa

A tarde de 15 d'agosto de 1872 ficou gravada na memoria dos habitantes de Silves, em virtude dos desastres que aconteceram n'uma corrida.

Lidava-se o melhor touro do curro. Era um animal das manadas do Valerio, malhado, de boas hastes, possante, e com focinho de poucos amigos.

A praça estava cheia de gente que applaudia enthusiasticamente um par de bandarilhas que Carlos Aju tinha posto com precisão e coragem no famoso cornuto.

De subito, ouviram-se um estalido de madeira despedaçar-se, gritos afflictivos e um alvoroço enorme, vendo-se homens, mulheres e creanças a rebolarem para a arena.

Acabava de desabar um dos camarotes.

Alguns dos feridos ou contusos pediam misericordia; outros fugiam espavoridos para toda a parte.

O lavrador Migueis, da herdade da Alpedurada, tinha um braço fracturado.

O touro, entretido com os capotes dos artistas, conservou-se uns instantes longe do perigo, mas, attrahido certamente pelo barulho e confusão que se estabeleceram no local do desastre, perfila-se, apruma-se nas mãos e parte co-

mo um relampago pela abertura que ficára, saindo rapidamente para a rua.

Seguido pelo povo, foi apanhado a laço e mettido no curro, mas não se pensou mais na tourada.

*

* *

Atrapalhação d'um medroso

Na retirada da praça, um gracioso que tinha ficado para a rectaguarda, berrou com toda a força dos pulmões: «Fujam, rapazes, que ahi vem um boi!»

As ruas, em pouco tempo estavam desertas.

Os transeuntes treparam para as arvores, para os muros, esconderam-se dentro das escadas, foram para todos os sitios onde melhor tivessem as costas livres do perigo.

O Rodrigues Bagaruco, de S. Thiago de Cacem, que não tinha ido á tourada, porque até de palanque tinha medo dos touros, soube que andava á solta um inimigo de pontas, e—pernas para que te quero,—corria como um damnado!

Já estafado e com a lingua de fóra, viu um poço e zás... atira-se para dentro d'agua.

Foi uma limpeza, porque o susto tinha-lhe causado avarias na roupa branca...

*

* *

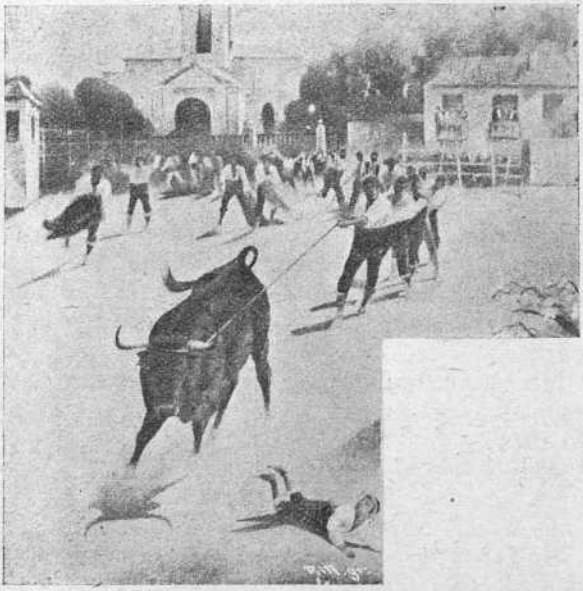
Um amador embriagado

Nem sempre «Deus põe ao menino e ao *borracho* a mão por baixo».

N'outra tourada em Sines, o Isidro tinha bebido vinho á farta para ir *afinado* para os touros.

Entre varias cousas que lhe passaram pela cabeça, a peor foi a de *escorregar* da trincheira para a «sala dos sustos» e fazer umas piruetas ao bicho, que, estando no exercicio das suas obrigações», não gostou da chalaça; e, assim, deu-lhe uns poucos de tombos, atirando-o ao ar sem dó nem consciencia, como se fosse um odre.

D'esta vez o dictado não saiu certo.



Uma diversão taurina

CAPITULO XX

Corridas no Ribatejo

Em todas as povoações do Ribatejo as touradas são de ha muito a distracção mais favorita d'aquelle povo valente, robusto e jovial.

Os ribatejanos são capazes de caminhar leguas para assistirem a uma corrida, tomarem parte n'uma ferra ou ver uma *tenta*.

Teem fama bem comprovada de serem em Portugal os mais destemidos pegadores de touros.

Desde muito novos, habituam-se a lidar com gado bravo, discutem na sua linguagem rude, mas experiente, as qualidades das rezes e a execução d'uma pega, apreciando tambem devidamente qualquer sorte do toureio.

Ao Ribatejo póde chamar-se a *Capital dos touros*.

Ha ali lezirias vastissimas e pastos abundantes, vendo-se por toda a parte manadas de gado da raça taurina, pertencentes a diversos lavradores.

Villa Franca

N'esta formosa povoação, a mais importante do Ribatejo, houve no extremo da villa, uma praça de touros, junto da qual estava um monte donde se viam as corridas, e por isso muitas

vezes as empresas fizeram pagar uma diminuta quantia áquelles que d'ali queriam gosar a festa.

Esse monte, cheio de gente, vestindo berrantes e variegadas côres, brilhando ao sol ardente de verão, produzia um effeito maravilhoso; tanto mais que a massa compacta da multidão, na avidez de não perder o mais insignificante pormenor da lide, se movia, gesticulava e gritava enthusiasmada durante a corrida.

A referida arena era do Hospital da Caridade, sendo o terreno cedido pela Camara. Custou seis contos e quinhentos mil réis; foi arrendada a José Duarte da Costa, que a explorou muitos annos, tendo por clausula do seu contracto dar por anno cem mil réis ao hospital.

Este circo tauromachico, que era quasi todo de madeira, ardeu em 1887, e, depois de reconstruido, começou a funccionar em 16 de outubro de 1888.

Em 1900 foi demolido para se fazer a

Nova praça de Villa Franca

Construida em quatro mezes pelo architecto Manuel Ferreira dos Santos, tem esta arena cerca de cinco mil logares, sendo divididos em camarotes, *fauteuils*, bancadas de sombra e de sol e galerias.

A obra fez-se por meio de acções, que serão amortisadas, ficando depois o edificio pertencendo ao Asylo-Creche Affonso de Albuquerque.

O aspecto do edificio é excellente e póde considerar-se um dos melhores do paiz.

O curro é feito pelo mesmo systema do de Cascaes.

Um dos primeiros accionistas da praça e maior influente para que ella se fizesse, foi o opulento lavrador José Palha Blanco.

A inauguração teve logar a 30 de setembro de 1901.

A tourada foi precedida de grandiosos festejos, a que assistiram suas magestades.

Na corrida tomaram parte amadores, sendo lidados touros da Casa de Bragança e dos lavradores Palha Blanco, Emilio Infante, Estevam d'Oliveira, etc.

Alhandra

Entre as pequenas povoações de Portugal poucas ha onde existam tantos enthusiastas pelas corridas de touros como em Alhandra.

O alhandrense tem grande estima pelo touro e chega a ter inveja do toureiro, Garrett chamou-lhe a *Alhandra toureira*, tal é o grau de predilecção que sempre houve n'aquella terra pelos torneios tauromachicos.

Era rara a corrida em Alhandra em que não havia conflicto entre os espectadores, motivado por questões que se levantavam durante a lide, por divergencia de opiniões sobre o trabalho dos artistas ou sobre a qualidade das rezes.

*
* *

Proximo do caes de Alhandra construiu-se em 1869 uma praça, onde cabiam tres mil pessoas. Foi durante muitos annos explorada por Fernando José da Costa Barreto e José Pedro dos Santos, e desmanchada em 1884.

A actual praça em Alhandra

A commissão que contribuiu com as importancias para levar a effeito a construcção da moderna praça de Alhandra, compunha-se dos capitalistas Augusto de Assis, Augusto Graça, Militão Marques, Motta Amorim, Pereira Botto, Marcellino Chamusco, Romão de Carvalho, Marianno Cardoso, etc

O circo é de madeira, tem cincoenta e dois camarotes e lotação para cerca de quatro mil pessoas.

Foi inaugurado em 20 de junho de 1897, com uma tourada em que tomaram parte bons artistas, mas que não agradou pela má qualidade dos touros.

Homem morto por um touro na praça de Alhandra

No dia 26 de junho de 1897, isto é, seis dias depois da primeira tourada na praça acima citada, realisou-se outra funcção taurina que correu cheia de episodios proprios de lide por amadores, havendo alguns bandarilheiros que, com alguma habilidade, metteram uns pares de ferros de relativo merecimento.

O grupo de forcados, que se compunha de rapazes d'aquella villa, portou se á altura dos seus creditos, soffrendo com resignação os favores dos chavelhudos.

Outro tanto não succedeu com os intervalleiros, que foram entre *as dez e as onze* para a arena, e em tal estado não ha boi que lhes metta medo.

Um d'elles, Manoel Lopes, natural da Gollegã,

maritimo, quando andava na liça um cornuto que não era para brincadeiras, deixou se *abalroar* pelo habitante das Lezirias, e, ficando-lhe debaixo das patas, foi horrivelmente espezinhado, a ponto de morrer no dia seguinte no hospital, victima do desastre.

Azambuja

As corridas de touros estão, em Azambuja, na ordem do dia.

Póde haver eleições, arraiaes ou qualquer outra distracção, que só não vae aos touros quem não tem vintem, e, mesmo assim, contentam se em andar ao redor da praça a ouvir o que lá se passa dentro...

A lide de rezes bravas é ali executada ha muitos annos, tendo sido utilisadas as arenas provisorias emquanto não havia a praça, que foi inaugurada em 19 de maio de 1903, e construida por subscripção publica, feita por Antonio Cabral, Paulo Vidal e Jayme da Motta.

Ficou este circo tauromachico com quarenta camarotes e logares para quatro mil pessoas, no total.

Affluiu tanto povo á primeira corrida, que até foi assaltado o camarote da auctoridade.

O trabalho dos artistas foi calorosamente applaudido, e a funcção decorreu animadissima.

*
* *

Entre Azambuja e Villa Nova da Rainha ha um logarejo chamado «Barracas», onde estão ainda os muros d'uma arena em que D. Miguel de Bragança fazia os seus exercicios tauromachicos.

Moita

A influencia do moitense pelas touradas—Uma colhida mortal—Coragem d'uma mulher

Rezam as chronicas que os touros se corriam na Moita n'uma praça que se intitulava «Côrro dos malvados», em virtude das atrocidades que ali se commettiam, a ponto de a primeira corrida ficar assignalada com cinco mortes!

Ha ainda na Moita um louco enthusiasmo pelas touradas.

O povo influe-se tanto com a lide, toma tanto calor nas questões tauromachicas, que chega por isso a haver desordens, em que é necessario intervir a força armada.

Presenciei n'uma tourada na Moita, em setembro de 1879, uma scena desagradabilissima.

Um velhote muito conhecido na terra pelas suas proezas e amizade intima com Baccho, saltou á arena, na firme intenção de pegar de cernelha um touro, no que se julgava perito.

Aconteceu, porém, que n'esse momento o «boi de guia» investiu com elle e furou-lhe o ventre, começando logo a jorrar sangue d'uma ferida enorme. Foi um horror!

Outros curiosos que andavam na praça, acudiram-lhe immediatamente, levando-o em braços para a enfermaria, mas ahi em poucos instantes o desgraçado deixou de existir.

*
* *

N'outra occasião, uma mulher atreveu-se a ir

á praça onde se achava uma porção de rapazes a tourear um *tunante*, que tinha sido largado para os curiosos.

Resolutamente rompeu por entre a turba, sem lhe importar a fera, que, raivosa, distribuia aos *lidadores* boléus enormes; agarrou o filho, uma creança que estava em perigo imminente de ser volteada nas hastes do cornuto, e levou-o para entre-barreiras, sem ao menos pensar no risco que tambem correra.

Só uma boa mãe tem coragem para tanto!

*
* *

Houve muitos annos na Moita o *boi para curiosos*, e o mesmo succedia n'outras praças.

Não obstante ter sido prohibida essa parte obrigatoria das touradas de outro tempo, o moitense não resiste á tentação de saltar á praça quando se lhe proporciona ensejo para isso, embora tenha que pagar a ousadia de ir contra as leis estabelecidas, com uns dias na cadeia, quando não recebe ainda por cima alguns *mimos* dos irracionaes que teem um *regulamento especial* para quem se mette com elles...

Foi tambem costume na Moita dar no fim da corrida um boi para a musica, que, depois de estar uma tarde inteira a tocar, tinha o capricho de se prestar gratuitamente ao toureio, sendo em geral recompensada com tremendas colhidas.

E' costume tresmalharem os touros quando são conduzidos para a praça, principalmente se o lavrador ou promotor da corrida não gosa de sympathias, ou mesmo sem motivo algum.

O maior prazer para o moitense é assistir de perto ás correrias do gado pelas ruas da villa, arremessar-lhe pedras, espicaçal-o com grandes varas, embora d'esse alvoroço enorme e inqualificavel barbaridade resultem muitos ferimentos, prisões numerosas e até conflictos com a tropa.

*

* *

Em 1872 foi inaugurada a praça da Moita que se renovou em 1888.

Tem quatro mil logares e 42 camarotes; é de pedra e madeira, e pertenceu a José Lopes, José Felix Cabanas, Jeronymo do Carmo, Manuel José Antunes e á viuva de Almeida Ratinho.

Ainda ha poucos annos na Moita, a imitação das tradicionaes danças precedia as touradas.

Consistiam essas danças n'uns homens mascarados, que faziam lembrar as cegadas do carnaval e que entravam na praça apenas para se mostrarem, se ás vezes não preferiam ficar acompanhando o S. Martinho, na taberna mais proxima.

Aldegallega

As corridas dão-se dentro d'um pateo na povoação, onde ha uma praça que comporta cerca de tres mil espectadores.

A primeira tourada effectuou-se em 29 de junho de 1888, sendo n'esse tempo empresario Antonio Dimas.

Na tarde de 17 de julho de 1906, o forcado José Peixinho, natural de Aldegallega, ao pegar um touro, foi colhido no peito.

Soffreu tão violenta pancada, que momentos depois era cadaver.

Alcochete

Um acto de coragem de D. João II

Em Alcochete tem havido touradas sumptuosas com a assistencia da familia reinante e dos mais altos dignitarios da côrte.

Nas diversas praças que ali se teem feito, figuraram os mais nobres fidalgos e despenderam-se rios de dinheiro com essas grandiosas festas que primavam pelo luxo e riqueza que n'ellas se ostentavam.

Nas antigas touradas em Alcochete, deu-se um facto que revela o sangue frio de D. João II, e que foi descripto por Garcia de Resende no capitulo LXXVI da sua *Chronica*, assim:

«Do que el-rei fez indo, com a rainha, a ver correr toiros em Alcouchete.

«Estando el rei em Alcouchete, indo um dia, de casa, a pé com a rainha e damas e senhores e muitos fidalgos a vêr correr toiros no terreiro, junto da egreja, acertou que, mettendo um toiro na cancella, fugiu do curro e veio para a rua principal, por onde el-rei ia, e, deante do toiro, vinha muita gente fugindo, com grande grita. Foi o receio tamanho nos que iam deante d'el-rei que todos fugiram e se metteram por casas e travessas; e el-rei, só, tomou a rainha pela mão, e poz-se deante d'ella com a capa no braço e a espada apunhada, com muito grande segurança. Esperou, assim, o toiro, que quiz Deus que passou sem entender n'elle, do que muitos fidalgos e outros homens ficaram mui envergonhados e elle com muita honra, e foi sorte que, se el-rei o vira fazer a outrem, lhe fizera por isso muita mercê, segundo estimava as coisas

bem feitas. E porque D. Jorge de Meneses, seu pagem da lança, que lhe trazia a espada, não vinha pegado com elle e ficava um pouco atraz com as damas, quando pediu a espada e o não viu, posto que lh'a deu muito prestes, o arrepelou primeiro que a tomasse.»

*
* *

Até 1840 as corridas effectuavam-se no largo de S. João, que se rodeava de palanques.

Houve tambem touradas no largo do Marquez de Soidos e Rocio.

Estas corridas eram verdadeiramente populares e gratuitas; n'ellas todos se divertiam na melhor harmonia e paternal amizade. Na lide entravam amadores distinctos e artistas dos mais reputados.

Os touros do Santo

Nas touradas que se deram até 1843, foram corridos quasi sempre os *touros do Santo*, assim chamados, porque provinham d'um novilho e tres novilhas, que foram offerecidos a S. João Baptista, no dia da sua festividade. Os animaes procrearam, e tempo depois havia uma grande manada de bravissimos touros pertencentes ao referido Santo; gosando o gado o privilegio de pastar onde quizesse, porque nenhum lavrador se oppunha a isso.

Houve tambem a praça de S. João, de Francisco Diogo Costa, situada no «Chão do Conde», terreno que era dos Morgados da Casa de Abrantes.

Este circo fez-se em dois mezes, e deu se

n'elle a primeira tourada em 24 de junho de 1860, dia de S. João.

*
* *

O bando que annuncia as touradas é muito apreciado em Alcochete e faz-se com grande pompa.

*
* *

N'um pateo do palacete da familia Soidos, no tempo de D. Antonio, deram-se touradas apparatosas, em que houve tambem tremendas colhidas.

Applausos a um toureiro

CAPITULO XXI

O toureio na Extremadura

As primeiras praças de Salvaterra de Magos

A fertil e alegre villa de Salvaterra acha-se rodeada de lezirias e verdejantes campinas, onde ha touros em abundancia.

Salvaterra foi berço de artistas distinctissimos, taes como os saudosos Robertos; de amadores tauromachicos de grande renome e de notaveis creadores de gado bravo, sendo, portanto, natural que as touradas fossem sempre o mais dilecto passatempo d'aquelle povo resoluto e corajoso.

*

* *

Em Salvaterra deram-se touradas reaes. N'algumas d'essas estrondosas festas, houve renhidos e sangrentos combates de touros com javalis. (V. *Lisboa n'outros tempos*, pag. 226).

No reinado de D. José I, realisavam-se as touradas no Largo do Palacio.

Um dos mais notaveis cavalleiros d'aquelle tempo foi o marquez de Marialva, que deixou regras consideradas ainda como verdadeiras leis na difficilima arte de cavalgar.

E' conhecido o facto de este fidalgo ver morrer

seu filho, o conde dos Arcos, na praça de Salvaterra.

Foi um successo grandemente doloroso e um feito altamente heroico, primorosamente descripto por Rebello da Silva.

A descripção da fatal tourada apresenta-nos todos os vultos d'aquelle drama com relevo tal, que quasi affecta os sentidos.

A anciedade e agonia dos que viam o conde dos Arcos moribundo; a figura nobre e veneranda do marquez de Marialva, descendo á arena e cravando a espada illustre na espadua do touro, com toda a bravura que a dôr de pae accrescentava ao natural esforço; o marquez de Pombal, severo e irritado, accusando a nobreza de se matar em combates de touros, quando a patria exigia os seus serviços contra os inimigos d'ella, são vultos de seculos, já pertencem á tradição, mas ainda valem muito por si e pelo historiador que os descreveu.

* * *

Uma partida de D. Miguel

Em 1823, D. João VI e a sua côrte achavam-se em Salvaterra, e D. Miguel divertia-se ali a maior parte do tempo a picar touros de sociedade com os fidalgos, arriscando todos a vida em lances perigosos da arte do toureio a pé e a cavallo, em corridas que então davam brado pela grandeza e brilhantismo de que eram revestidas.

A arena era n'um espaçoso recinto que tambem servia de picadeiro; vendo-se ainda hoje

as paredes que lhe davam uma fórma quadrangular.

Entre os varios populares que coadjuvaram D. Miguel nas lides tauromachicas, teve grande nomeada, por ser eximio no manejo do capote, José Vicente Safra, que foi tambem um caçador de fama e acompanhava D. Miguel nas suas excursões venatorias.

No dia 13 de maio, era o anniversario do nascimento de D. João VI; havia por isso beija-mão obrigatorio. De Lisboa foram prestar homenagem ao soberano todos os altos dignitarios, nobres, militares, magistrados e funccionarios de elevadas categorias.

A sala de recepção era no pavimento terreo do palacio. Grandiosa, com o cunho especial das casas solarengas, tinha numerosas portas e janellas que recebiam luz, quasi todas, d'um amplo jardim.

No dia de gala, o salão encheu-se, e, antes de o monarcha apparecer, tornava-se difficultoso conter mais gente, de tal modo os cortezãos se apinhavam.

O conjuncto d'essa selecta reunião era realmente deslumbrante, resplandecendo as fardas de bordaduras valiosissimas, e os trajes sumptuosos das damas decotadas conforme o rigor da epocha, e cobertas de riquissimas joias.

O cerimonial em Salvaterra era ainda mais exigente do que o do Paço da Ajuda.

Inesperadamente sentiu-se ranger os gonzos d'uma porta. Houve um silencio profundo e a assistencia esperou n'um fremito de anciedade, de cabeça inclinada para o chão, que o reposteiro-mór annunciasse el-rei. Ouviu-se no salão um estranho resfolgar, todos então estremece-

ram possuidos d'um instinctivo pavor; os medrosos ficaram petrificados, incapazes de se mover; os mais afoitos olharam e viram assomar o mais horroroso monstro...um realissimo cornuto.

O animal era negro, cornialto e *abrigado* de carnes. Estacou á entrada da porta, abysmado com o novo espectaculo que se lhe deparava. Durante um momento, estranhando o terreno que pisava, a falta de ar livre e a massa humana que se erguia na sua frente a incital-o, quebraram-lhe a natural braveza; ficou por assim dizer acanhado no meio d'aquella sociedade que não era das suas relações.

A surpresa de tão extraordinaria apparição, que paralysára subitamente os musculos de tantas pessoas, pouco a pouco restituiu a alguns a coragem e o sangue frio.

Os militares, sempre intrépidos, desembainharam as espadas; os magistrados levantaram as togas para poderem ficar com as pernas livres e safar-se mais facilmente; as damas, coitadas, desmaiavam, ou possuidas d'um pavôr que fazia dó, pediam que as salvassem; os mais palacianos procederam conforme o temperamento lhes permittia, fugindo ou encarando destemidamente o perigo.

Na maioria, a primeira idéa foi abrir as portas, mas infelizmente estavam fechadas por fóra.

A irresolução do touro durou um instante. Por detraz d'elle appareceu a cara trocista de D. Miguel. Um *aviso* de vara, applicado á cernelha da fera, decidiu-a a investir contra a luzida barreira. Todos recuaram espavoridos. Os vidros das janellas fizeram-se em estilhaços,

as almofadás das portas rebentaram e as molduras partiram-se em bocados. A multidão impetuosa encontrou emfim uma saída.

O touro, n'um desespero terrivel, não podia *humilhar* para marrar; a grande quantidade de gente ali junta não lh'o permittia; satisfez a sua furia em afocinhar descaradamente os collos nús e seductores das bonitas fidalgas e enxovalhar os bordados scintillantes dos cortezãos. O medo, porém, auxiliava a phantasia e o perigo tomava proporções assombrosas.

Houve quem se julgasse atravessado pelas agudas pontas do animal e suppuzesse nunca mais ter o gosto de beijar a mão ao sympathico D. João VI; alguem pensou que o temivel quadrupede era mais alto do que o zimborio da Estrella; as pobres senhoras, olvidando o natural recato que tanto as distingue, mostraram na afflicção tudo o que Deus lhes deu.

Os magnates, que não jaziam no chão, espezinhados e com os fatos em miseravel estado, espalharam-se pelo jardim e esconderam-se onde melhor puderam.

Era enorme a confusão. Havia pessoas feridas, chapéus amachucados, restos de vestuario rasgado, um espectaculo devéras extravagante!

O touro, ancioso por recuperar a liberdade, entalára, ao sair, uma das armas de encontro a uma batente.

Fóra, andavam já por ordem de João VI, a quem tinham communicado o caso, campinos e cabrestos para arrebanhar o companheiro da leziria, origem de tantos sustos e semsaborias.

D. Miguel gosava a partida que fizera, n'um grupo de rapazes da sua edade, apesar da reprimenda do pae.

N'uma janella, a rainha D. Carlota Joaquina ria com satisfação, como boa hespanhola que era, do terror comico da sua côrte.

Mais touradas em Salvaterra

Em 1855, a praça de touros era no largo de S. Sebastião, hoje largo do Arneiro. As corridas n'aquelle tempo excediam todas as da provincia em apparato e grandeza.

Faziam-se ornamentações lindissimas no circo, e nos camarotes, enfeitados com ricas colgaduras e colchas, viam-se as mulheres mais formosas com *toilettes* esplendidas, imprimindo á festa a nota mais agradavel. Durante a lide os applausos aos toureiros chegaram ao excesso; commettiam-se actos de verdadeira coragem na lucta com os touros, e os amadores e os artistas caprichavam nas sortes a pé e a cavallo em ultrapassar os limites do valor, provocando assim as maiores e mais justas manifestações de apreço. Os lavradores, á porfia offereciam curros soberbos: um dia mandavam vinte rezes malhadas, de bella estampa e bravura inexcedivel; n'outro, a mesma quantidade de touros caraças (os que teem a fronte com pello de côr differente ao do resto da cabeça), e, em tres ou quatro touradas que havia pelos festejos a S. Sebastião, as rezes eram sempre de pellagem egual, em cada tarde.

* * *

Antonio Roquette teve uma praça de madeira n'um quintalão seu, onde houve touradas desde 1871 até 1890.

No largo do Charco fez-se tambem uma arena com cinco mil logares que pertencia á sociedade do monte-pio do Senhor das Almas, protectora dos campinos, sendo inaugurada em 2 de agosto de 1891.

Ahi se realisaram muitas corridas de beneficencia, com o concurso de amadores e artistas e com touros offerecidos por diversos creadores. Esta praça ardeu em 8 de agosto de 1902, suppondo-se que o fogo fosse lançado por mãos criminosas.

*
* *

Em Salvaterra possuia o marquez de Niza a sua quinta da Foz. Pelo S. João de 1845 deu uma tourada em que tomaram parte o conde de Vimioso, que matou um touro empregando sete rojões; D. João de Meneses, Cazuza, Luiz Roquette (depois barão de Salvaterra), José Horta, morgado Cabral de Setubal, Luiz Pereira Forjaz que foi um famoso pegador de cernelha, Francisco Zagallo (o Salles Patusco) e Marciano de Azevedo.

*
* *

Em Muge, freguezia de Salvaterra, possuem os duques de Cadaval vastos dominios e muitas manadas de gado bravo.

Nos tempos de D. Miguel de Bragança, aquelles fidalgos offereciam os seus touros para corridas, os quaes tiveram alta reputação em Portugal e Hespanha.

Depois da mudança das instituições miguelistas, foi expressamente prohibido correr touros da Casa Cadaval.

Uma vez, os duques deram á Misericordia de Santarem uma porção de rezes para abater.

Alguem soube da offerta e comprou os referidos animaes, sem dizer os seus projectos.

Dias depois deu uma corrida n'aquella cidade, lendo-se no cartaz que se «picavam bois de Cadaval.»

A praça teve uma enchente, mas os proprietarios do gado tentaram um processo contra o empresario, que se livrou de ir parar á cadeia por ter annunciado que se *picavam bois* e não touros.

*
* *

A uns doze kilometros de Salvaterra, fica o logarejo Gloria, onde nos principios do seculo XIX existia uma praça de touros e n'ella tourearam Antonio Roberto, Antonio de Mello, José Vicente Tinoco e Joaquim Emygdio, sendo este ultimo de Villa Franca.

Benavente

E' uma villa antiquissima onde muitos lavradores se dedicam á creação de gado bravo, havendo por isso numerosos individuos affeiçoados devéras ás corridas, que ali tiveram principio ha centenas d'annos.

A praça de touros era de Manoel Camillo Xavier, que foi grande enthusiasta do toureio.

A arena é pequena; nas trincheiras que a circumdam, cabem apenas setecentas pessoas.

As touradas realisam-se geralmente por occasião dos festejos á Senhora da Paz.

*
* *

Samora Correia

Em Samora Correia, freguezia de Benavente, houve no tempo do infantado, em 1828, uma praça onde tambem D. Miguel de Bragança toureou.

O actual circo taurino tem lotação para dois mil e quinhentos espectadores e acha-se construido com todos os rigores exigidos para o fim a que se destina, não lhe faltando tambem a elegancia. Deve-se aos esforços e boa vontade do padre Pedro Felicio Tobias, João Pedro d'Oliveira, Joaquim Marques Rodrigues e João Casimiro dos Reis e Oliveira, que engrandeceram a sua terra com aquelle attractivo, fazendo uma subscripção para o levar a effeito.

A madeira para a construcção tambem foi cedida gratuitamente pela companhia das Lezirias.

A praça fica situada a poucos metros de um frondoso pinheiral.

A primeira corrida teve logar no dia 27 de maio de 1906, tomando parte na lide os arrojados cavalleiros Carlos Freire e Carlos Salgueiro e os bandarilheiros Henrique Freire, Eduardo Perestrello, Futscher e Carlos Botelho, coadjuvados por artistas.

O curro foi de João Pedro d'Oliveira, abastado creador em Samora.

Coruche

N'esta villa, uma das mais productivas e la-

boriosas do districto de Santarem, ha muitos lavradores creadores de touros que teem alcançado justa fama e alta cotação pelos excellentes curros apresentados em differentes praças do paiz, assim como tambem a celebridade attingiu alguns amadores e profissionaes nascidos em Coruche, que ali praticaram em arenas, demonstrando depois a sua incontestavel coragem e decidida vocação para o toureio.

As corridas de touros realisam-se ali ha muito tempo.

Apesar de não haver ainda praça effectiva, o que na verdade é para estranhar, fazem-se circos em qualquer sitio, sendo em geral escolhido o Rocio, por ser mais espaçoso.

As touradas quasi sempre costumam ser gratuitas, e as despesas da festa são por conta dos maiores proprietarios da terra. A's vezes, porém, o seu producto liquido reverte a favor do monte-pio de Coruche, custando os bilhetes de sombra 240 réis e os de sol 120.

Nos dias dos festejos a Nossa Senhora do Castello, em agosto, tem chegado a haver dez touradas seguidas!

No mez de setembro, pelas festas a Nossa Senhora da Graça, tambem se effectuam corridas, mas estas não são certas; tanto assim que já se deixaram de dar n'um periodo de dezoito annos.

*

* *

Na herdade dos Gamas, do lavrador João de Sousa Falcão, houve touradas em 1896.

No *tentadeiro* de Luiz Patricio, muitas corridas se teem realisado.

Em Santo Antonio do Couço, freguezia de Coruche, armou-se uma praça e deu-se uma tourada em 6 d'agosto de 1901.

Picaram-se touros de Ferreira Jordão, sendo lidadores alguns artistas e o amador Manoel Augusto de Azevedo.

No dia seguinte houve outra corrida, com touros de Alfredo Vieira.

Santarem

Os santarenos gostam a valer das corridas de touros e um dos seus maiores prazeres consiste ha muito na lide de rezes bravas, quando os seus affazeres lh'o permittem em dias de folguedo e descanço dos trabalhos ruraes.

Incendio n'uma praça

Construiu-se a primeira praça de Santarem nas ruinas do antigo convento de S. Domingos, mas, nas vesperas da corrida inaugural, algum mal intencionado largou-lhe fogo, destruindo a quasi totalmente.

Causou grande contrariedade este facto, mas as pessoas empenhadas em dar a tourada conseguiram, fazendo trabalhar de noite e de dia operarios, vel-a reconstruida e realisar a corrida no dia 15 de agosto de 1858, conforme se tinha annunciado.

Proveiu d'este desagradavel incidente haver ainda maior interesse por ver essa tourada, não ficando um bilhete por vender, apesar de chegarem a alto preço.

Foi afinal uma festa brilhantissima em que amadores distinctos, como foram o conde de

Vimioso, D. José Loulé, Athaide da Fonseca, Nuno Pinto, Isidro Caldas e Canavarro, grangearam as mais estrondosas ovações.

*

* *

A actual praça de Santarem é no mesmo local da que acabo de falar.

Bem construida e com commodidades, tem lotação para tres mil e setecentos espectadores.

Pertence á Misericordia d'aquella cidade, por doação publica, da qual foi principal iniciador o padre João Ribeiro.

A primeira tourada teve logar a 20 de maio de 1894, assistindo a familia real, que se achava de passeio em Santarem.

Almeirim

O rei D. Sebastião e os pretos — Enthusiasmo pelas touradas — D. Miguel e os touros

A pittoresca villa de Almeirim é rodeada de vastas charnecas e possue tambem pastagens onde se criam manadas de touros.

Não se sabe quando principiaram as corridas em Almeirim, mas é da historia que el-rei D. Sebastião ia áquella terra fazer os seus exercicios tauromachicos.

Conta-se que n'uma tourada, a que assistiu aquelle monarcha, se offereceu um preto para matar um touro á espada e que o rei, admirado de tanta ousadia, permittiu que o inesperado lidador mostrasse as suas façanhas e ordenou-lhe que saltasse á praça.

O *escarumba*, sem talvez saber no que se mettia, foi para o meio da arena, fez caretas medonhas á fera, que escavava na terra, furiosa e prompta a investir; mas não se atreveu a aproximar se do seu figadal inimigo.

Fez girar no espaço um espadalhão enorme, para vêr se assim amedrontava o touro; e, reconhecendo n'um dado momento que tinha em perigo imminente o *cadaver*, deitou a fugir como um louco.

O rei, então vendo que fôra ludibriado pelo negro, mandou arcabuzal-o.

*
* *

Diz-se mais que indo D. Sebastião apartar o curro ás charnecas de Almeirim, para ser toureado na praça de Xabregas, antes da sua partida para Alcacer-Kibir, foi assaltado tambem por um preto, recentemente chegado da Africa, e que teria sido victima de uma traição, se não lhe acudissem algumas pessoas da sua comitiva.

*
* *

Vae falar agora o velho campino Antonio Vieira, de quem obtive as informações seguintes:

«A primeira corrida qae me lembro de ter havido em Almeirim, antes de D. Miguel dar aqui muitas touradas, foi dentro da villa, no largo do Pisco.

«Os touros eram do Salinas e a praça foi arranjada com carros, havendo palanques para o povo ver a funcção.

«Deram se tambem corridas onde hoje existe o mercado; e, no quintal de Deodato Pisco, um dia, Antonio Caneco picou um touro, montado n'um boi castrado.

«N'outra tourada n'esse quintal, morreu de uma colhida o trabalhador Antonio Felicio, que se atreveu de mais com o seu inimigo pontudo.

«Conheci D. Miguel — continua a falar o Vieira—era n'esse tempo um rapaz de 21 annos, bella figura, de barba loira, bonito e elegante. Esperava as raparigas que regressavam da monda, enganava-as e dava-lhes beijos. Era um grande bréjeiro.

«Pedi-lhe a benção muitas vezes e elle deu me dinheiro.

«Vi-o picar a cavallo, na quinta do marquez de Alorna. Sabia da arte e nunca conheci ninguem mais afoito do que elle.

«N'essa praça de que ainda ha vestigios, mataram se touros á espada e a rojão, das primitivas manadas do conde de Sobral, dos Costas e do Lemos, de Coruche».

*
* *

Em Santa Martha de Bemfica, houve tambem uma praça do conde de Atalaya, para diversão de amadores.

*
* *

Modernamente deram-se touradas no Reguengo, n'uma propriedade de Faustino de Sá, assistindo muita gente de Lisboa.

*
* *

No propriedade de Antonio Rodrigues Santo, em Almeirim, houve corridas de touros e vaccas, em que tomaram parte, além de amadores, os artistas Fernando d'Oliveira, Manoel dos Santos e outros.

Pombalinho

Uma corrida nocturna com illuminação a archotes

As corridas de touros no Pombalinho, proximo de Santarem, teem-se effectuado sempre n'um amplo largo em frente da abegoaria dos Barões de Almeirim e do palacio d'aquelles titulares, que se acha em ruinas.

N'um grande pateo contiguo ao solar, houve tambem bellas touradas, em que D. Miguel picou a cavallo.

Correram-se n'uma tarde vinte touros, morrendo muitos cavallos e havendo ferimentos nos peões que coadjuvaram a lide.

Foi sensacional uma corrida nocturna, que se realisou com illuminação a archotes seguros por creados, collocados em redor da praça.

O que, porém, mais surprehendeu n'esta festa taurina foi as rezes bravas trazerem presos nas armas fachos accesos, e serem assim toureadas a cavallo e a pé, por D. Miguel e amigos dos Barões d'Almeirim.

*
* *

No tempo dos lavradores Carqueijos, deram-

se touradas na quinta do Outeiro, perto de Pombalinho, em que tambem entrou D. Miguel de Bragança.

*
* *

Pelas festas do Espirito Santo, tem havido quasi todos os annos corridas em Pombalinho.

Chamusca

A primeira arena da Chamusca foi no Largo do Arneiro, a segunda no da Egreja, e a terceira no Nicho, quasi em frente da praça actual, que tem quatro mil logares, o curro e a barrreira de pedra.

Foi inaugurada a 13 de setembro de 1888, e mais tarde cedida a propriedade ao Monte-pio Artistico da Chamusca.

Cartaxo

As corridas de touros no Cartaxo datam de 1836 e deram-se em varias praças provisorias.

Por subscripção publica, que rendeu 7:800$000 réis, foi construido um circo taurino, todo de alvenaria, á excepção das bancadas e dos camarotes que são de madeira. Comporta cerca de oito mil espectadores, e foi doado ao hospital de Santa Cruz d'aquella terra.

Na corrida inaugural, que teve logar a 23 de agosto de 1874, tomaram parte o cavalleiro Mourisca, e os bandarilheiros Manoel Cadete, Peixinhos, Sancho e Calabaça, lidando-se touros de João Ignacio da Costa, de Vallada.

As corridas no Cartaxo dão-se annualmente,

sempre com verdadeira animação e bastante gente.

No dia 1 de novembro de 1898, pelas 8 horas da tarde, houve um incendio na praça, que começou pelo lado do sol, sem se saberem as causas do sinistro.

Tinha havido tourada, que é certa no dia de Todos-os-Santos, e na arena achavam-se ainda os touros e cabrestos para seguirem para as manadas. Tiveram por isso que os fazer sair immediatamente, dando origem a que muitas pessoas abandonassem a feira.

O fogo extinguiu-se rapidamente, sendo pequenos os prejuizos.

Caldas da Rainha

As thermas das Caldas attrahem no verão numerosos forasteiros áquella estancia, assim como a familia real, a sociedade elegante e abastada, incluindo muitos hespanhoes que vão ali procurar allivio ás suas enfermidades.

N'essa temporada ha nas Caldas muitas diversões, entre as quaes se contam as corridas de touros, vaccadas e tentas de gado bravo.

O primeiro circo taurino, construido no Campo da Choca, que agora é conhecido por Praça Nova, foi inaugurado em 1840; entraram na lide, picando a cavallo, os lavradores Faustino da Gama, que foi um afamado creador de touros, José Ferreira da Silva, José Salles Henriques, Nuno Paes de Figueiredo e mais curiosos da arte de tourear.

Houve tempo em que as touradas se fizeram tambem em arenas arranjadas dias antes das festas.

Em 13 de julho de 1883, inaugurou-se a praça mandada construir por Faustino da Gama n'um grande largo ao pé da rua dos Arneiros.

E' um bom circo tauromachico, de alvenaria e ferro, com lotação para cinco mil espectadores, tendo quarenta e dois camarotes, junto dos quaes se acham as cadeiras reservadas.

*
* *

Uma espera de touros

Gado tresmalhado — Desastres

A entrada do gado para a praça e a sua conducção desde as pastagens, tem muitos admiradores.

Espera-se com anciedade esse dia e rejubila-se de contentamento quando algum boi foge da manada, dando occasião a correrias pelas ruas e campos.

Os resultados é que não são geralmente muito agradaveis.

Na tarde de 14 de agosto de 1896, vespera de uma tourada nas Caldas, foram buscar os touros á leziria, montando soberbos cavallos, os aficionados dr. Duarte Pinto Coelho, Luiz da Gama, Francisco Figueira, José Amado, Manoel Castelbranco, Joaquim Alves, Wanzeller, Victorino Froes, Henrique Salles e outros equites de nomeada.

Proximo da praça e nos sitios onde os touros deviam passar, achavam se muitos individuos a pé, a cavallo e de trem, para gosarem a funcção o melhor que podiam.

Ouviu-se por fim ao longe o chocalho dos ca-

brestos que annunciavam a chegada do curro.

Um momento depois, uma poeirada enorme se levanta, os bichos seguem na *ponta da unha* no meio d'um tropel de cavalleiros destemidos e de campinos experientes, e, ao approximarem-se do taurodromo, um dos bichos reponta, volta de querena, e, n'um instante, arremette desapiedadamente contra a chusma.

Com elle seguem o mesmo caminho outros «socios» da manada.

E' indiscriptivel a confusão que logo se estabeleceu.

O povo foge espavorido; as carruagens, n'uma carreira desordenada, tomam direcções diversas.

O trem em que iam as filhas do lavrador Emilio Infante, por um triz, que não se volta.

Por toda a parte se ouviam gritos angustiosos e de terror.

Os cavalleiros tentam ainda conter o gado, mas baldados são todos os seus esforços.

N'um momento, o cavallo que Henrique Salles montava, é estripado por um touro.

Um panico medonho!

A muito custo conseguiu-se finalmente levar para o campo á ponta de vara o gado tresmalhado, que só de madrugada foi arrebanhado e então encurralado.

Nazareth

Em 1807 havia dentro das muralhas da praia da Nazareth uma praça de touros, onde se effectuaram muitas corridas.

Diz-se que este circo taurino foi incendiado pelos francezes quando invadiram Portugal.

Nem uma cousa nem outra posso assegurar.

Mais tarde, talvez em 1838, José Bento Salazar, do Cartaxo, mandou fazer um côrro na Bizina, que explorou bastantes annos, até que lhe lançaram fogo em 1874.

O administrador da Real Casa da Nazareth, dr. Manoel Rodrigues França, aforou o terreno onde se achava aquella praça, a Roberto da Silva Barbosa, com a condição de reconstruir ali uma outra, pagando á Real Casa vinte e cinco mil réis por anno, contracto que cumpriu durante bastante tempo, dando touradas em setembro, que é o mez dos banhistas e dos festejos.

Outro administrador, Porphirio José Caiado, não se conformando com a transacção feita pelo seu antecessor, intentou acção judicial contra o referido Barbosa, e desapossou-o da propriedade, por allegar que elle não satisfazia as condições do seu contracto.

Em 1891, a praça foi arrendada a Victorino d'Avellar Froes por doze annos, com a obrigação de entregar trezentos e vinte e quatro mil duzentos e cincoenta réis, annualmente, á Real Casa.

Não vigorou muito tempo este contracto, porque o taurodromo mais uma vez foi devorado pelas chammas.

Foi a administração da Real Casa que ultimamente renovou a praça, gastando com as obras cinco contos e quinhentos mil réis.

O cavalleiro Maradas morto por um touro

N'uma corrida da Nazareth, em setembro de 1860, era cavalleiro Augusto Maradas, ex-cabo de artilheria e cunhado do bandarilheiro Caixinha.

Poucos mezes antes do desastre que lhe causou a morte, dedicára-se á profissão instigado pelos camaradas do regimento, que gabavam o seu excellente calção.

Como era natural, quasi nada sabia das regras de tourear, mas com a pratica é que ellas se adquirem. Assim lhe affirmava toda a gente.

N'essa tarde fatal, presentiu uma grande desgraça; disse que os touros lhe inspiravam grande receio, e que, se escapasse ao perigo, não se mettia n'outra empresa egual.

O cavalleiro Diamantino Pontes que presenceou a colhida de Maradas, contou-me o caso assim:

«O meu pobre collega entrou na arena para picar o primeiro touro; vinha branco como a cal. Todo elle tremia; inspirava dó.

Citou para a sorte de gaiola um tremendo bicho das manadas de Francisco Bate-Folha.

Vi logo que o infeliz moço estava fóra do seu terreno, e calculei uma colhida certa.

Assim foi: o animal arrancou com rapidez e atirou a terra cavallo e cavalleiro, que bateu fortemente com a cabeça no arção da sella, abrindo uma grande brecha no craneo, que lhe causou a morte em poucos momentos.

Ninguem mais se importou com a tourada embora se corressem ainda alguns touros.»

Leiria

Em differentes epocas, até nas mais longinquas, tem havido em Leiria corridas de touros, sendo algumas organisadas a capricho e com grandeza.

Em 18 de maio de 1891 estreou-se uma pra-

ça, que fica na falda do monte, onde está o santuario de Nossa Senhora da Encarnação.

Esta arena, que tem as paredes de pedra, foi construida por subscripção publica, e comporta cerca de quatro mil espectadores.

No logar dos Pousos, a tres kilometros de Leiria, teem-se realisado touradas, com grande gaudio das povoações circumvizinhas.

Alcobaça

Da cerca do mosteiro de Alcobaça, n'um sitio chamado *Rachadouro dos Frades*, por ser ahi que os frades rachavam lenha, provavelmente para desenvolver os musculos e abrir o appetite, foi mandada construir a primeira praça de touros, por Manuel Sarabua, que aproveitou parte do material que servira na praça de Porto de Moz.

As corridas viam-se das janellas do mosteiro e das bancadas que se fizeram em volta da arena. Houve ali touradas desde 1866 a 1868, anno em que abateram parte dos madeiramentos das trincheiras, ferindo-se n'essa occasião bastantes pessoas que assistiam a uma corrida.

Os aficionados Victorino Froes e José Rino tiveram de sociedade outra praça em Alcobaça, com logares para seis mil espectadores, onde se deram algumas touradas.

—Em 1860 foi armada em Porto de Moz uma arena e durante alguns annos se correram ali touros.

Barquinha

Morte d'um empresario — Incendio na praça — Espectadores burlados — Varias desordens

Alguns incidentes desagradaveis se teem dado nas praças de touros da Barquinha, não obstante a pacatez e bondade dos habitantes d'aquella bonita povoação.

Fez se ali uma arena, em 1864, talvez a primeira, porque d'outra mais antiga não ha memoria.

A corrida estava marcada para o dia 18 de junho do anno referido, e o empresario procurava revestil-a de todos os attractivos.

Propalou-se na vespera da tourada que estava na praça em exposição um *jogo de cabrestos* rarissimos, porque eram todos os bois de pello branco.

Em poucas horas a praça encheu-se á cunha. O publico, n'uma anciosa espectativa, pedia para se abrir a porta do curro, porque desejava ver os decantados animaes.

Os basbaques convencidos por fim de que tinham sido enganados, porque taes cabrestos não havia, troçaram por tal fórma o empresario José Filippe, que nem culpa tivera do gracejo, que o pobre homem soffreu tamanho desgosto, resultando-lhe uma congestão, de que morreu antes de levar a tourada a effeito.

*
* *

A mesma praça foi depois parar ás mãos de Manoel Alves da Silva, de Laveiras, que não

passou d'esta para melhor como aconteceu ao seu antecessor, mas tambem não pôde realisar uma tourada que tinha em projecto, porque um incendio destruiu o circo no dia da estreia.

*
* *

N'uma tarde de touros, em 14 de agosto de 1894, o intervallo da corrida era preenchido pelo comilão d'Almada, que ao tempo era notado pelas suas brutalidades gastronomicas.

Esse attractivo chamou uma concorrencia extraordinaria á praça.

O *artista*, em frente d'um alguidar a trasbordar de iguarias, d'olhos em alvo e cara alvar, deu começo ao seu «exercicio de mastigação». Mas, a meio do monstruoso *menú*, foi obrigado a abandonar a arena, porque, de proposito, lhe soltaram um touro, para impedir que elle comesse mais, mesmo porque talvez fosse impossivel cumprir o programma.

D'ahi proveiu um «charivari» espantoso; taboas da trincheira partidas e arremessadas á praça, cabeças quebradas, etc.

Teve a policia que pôr cobro a taes desmandos, fazendo prisões.

*
* *

N'outra tourada a 13 d'agosto de 1899, houve tambem grandes desordens na Barquinha, por terem faltado as «niñas toreras» annunciadas no cartaz.

Fizeram-se taes desatinos que até uns patus-

cos forçaram a porta da praça, e, uma vez lá dentro, tentaram deitar fogo ás bancadas, sendo necessario tambem a intervenção da auctoridade.

Um dos desordeiros feriu n'um sobr'olho o regedor.

Fizeram-se tambem muitas prisões e a corrida não se effectuou.

Gollegã

O fallecido cavalleiro amador Carlos Relvas, que tantos triumphos obteve no toureio, foi um dos principaes influentes das corridas na Gollegã.

Por sua conta fizeram se praças na rua Direita do Campo e em Marvilla, logarejo proximo.

Tinha a primeira cerca de oitocentos logares e a segunda cinco mil.

Estas arenas nunca foram alugadas. As corridas davam-se com curiosos e artistas, revertendo o producto d'ellas a favor da pobreza.

A lide era sempre abrilhantada por Carlos Relvas, marquez de Castello Melhor, marquez de Bellas, Maniques, Ferreira Pinto, Alfredo Marreca, etc.

*

* *

Na Azinhaga houve tambem um circo tauromachico, inaugurado em 23 de maio de 1899 e mandado construir pelos festeiros do Espirito Santo.

As touradas effectuaram-se com rezes offerecidas pelos lavradores Carlos Marques, Maxi-

mo Falcão, João Raphael e João Marcellino Chamusco, de Alhandra.

Merceana

Na Aldeia Gallega da Merceana, freguezia de Alemquer, houve touradas, e uma d'ellas, em 1876, ficou na lembrança de todos, por ter havido uma grande desordem entre o povo e a tropa, de que resultaram ferimentos e prisões sem conto.

Torres Novas

Nas primeiras touradas picaram-se touros dos lavradores Caldas, de Santarem, dos Farias, da Azinhaga, e de Vasconcellos Correia, da quinta do Canil.

Em 1850, as corridas eram n'um terreno atraz do quartel; em 1855 na Horta das Pedras, correu-se gado de João Caldeira Mendonça, o morgado da Alveza.

Em 17 de maio de 1895 começou a exploração da praça de Leonel Sirgado.

*
* *

Em Casaes Gallegos, a uns quatro kilometros de Torres Novas, havia um circo de madeira, onde se effectuou uma tourada em 28 de setembro de 1903, pelas festas a S. Sebastião.

N'esta corrida entraram Joaquim José Ferreira Junior, Antonio Lopes Junior, Joaquim Fernandes, Manoel Dias da Silva e Joaquim dos Santos Ribeiro Junior.

*
* *

Em Alcanena, tambem houve uma tourada no dia de S. João de 1906.

Villa Nova de Ourem

Ao pé da quinta da Caridade, a dois kilometros de Ourem, Joaquim Vieira e José Ezequiel mandaram fazer uma praça com lotação para dois mil espectadores, havendo touradas desde 1870 a 1882.

Constancia

Em 1850 existia uma praça de touros, de qual se vêem ainda os muros exteriores.

Esta arena pertenceu a um negociante d'aquella terra, de nome Manoel dos Martyres. Foi construida no Moinho de Vento, nos suburbios da villa.

Thomar

Na popular festa dos Taboleiros, em maio de 1894, começou a funccionar a praça de Thomar, com lotação para seis mil pessoas, tendo sido empresarios Antonio Maria David, Joaquim Nazareth Vaz e Augusto Cesar Prista.

Este circo vae ser reconstruido.

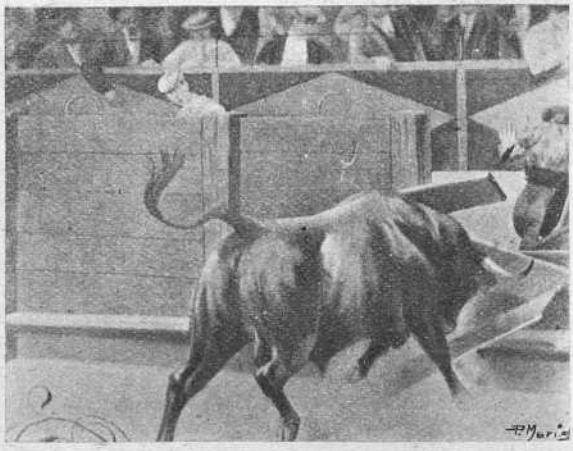
*
* *

Na freguezia de Santa Cita ha ainda restos da arena que ali mandou fazer o dr. João Rodrigues Pena e onde se realisaram touradas de 1843 a 1857, sendo nocturna e illuminada a gaz uma das funcções.

Abrantes

São vulgares em Abrantes as corridas de touros, vaccadas e garraiadas.

O jardim contiguo á cerca do Quartel de Caçadores n.º 8, é quasi sempre o local escolhido para se transformar em arena, e ahi muitos amadores da arte de tourear teem dado o *corpo ao manifesto* em differentes espectaculos tauromachicos.



Arrombando uma barreira

CAPITULO XXII

Touradas no Porto e seu districto

A cidade do Porto, segunda capital do reino, é extremamente laboriosa e industrial por excellencia; certamente este facto tem influido para que o portuense, nas suas horas de ocio, procure outras distracções mais proprias da sua indole, do seu temperamento reflectido e sensato, não ligando maior importancia ás touradas e tanto assim que poucos ou nenhuns lavradores da região do Douro se teem dedicado á procreação de gado bravo.

Comtudo, é certo que se construiram praças nos ultimos quarenta annos, nas quaes amadores distinctissimos do norte do paiz demonstraram nas arenas a sua incontestavel coragem e invejavel sangue frio, defrontando na lucta os mais temiveis touros.

Li algures que as corridas, começaram no Porto no seculo XVIII; todavia, não asseguro que assim fosse.

No Douro, ha muitos annos estão em uso as corridas á vara larga, e no Porto fizeram-se tambem essas funcções, mettendo um boi em qualquer recinto fechado, onde o picavam.

Na Foz, no largo de Cadouços, houve uma praça de Calhamar Pinto da Silva e Raymun-

do dos Santos, a qual abriu ao publico em 29 de agosto de 1869.

Esta praça era de madeira, sem commodidades algumas para os espectadores, que por vezes estiveram em risco de partir as costellas, caindo das trincheiras, tão mal feitas ellas eram.

Construiu-se depois a praça da Bôa Vista, assim chamada por se achar situada na rua que tem aquelle nome; fica proxima dos campos de Cedofeita e do hospital militar D. Pedro V.

Era propriedade do mestre de carpinteiros José Moreira de Mattos que, para levar a obra a effeito, se associou a outros capitalistas. Tinha camarotes e trincheiras, onde cabiam cerca de cinco mil pessoas.

A primeira corrida foi a 25 de março de 1870, com touros dos campos de Coimbra, e os artistas Batalha, Pontes, Calabaça, Faria, Bruno e Roque.

Na tarde de 15 de maio do anno referido, Luiz Rodrigues picou um touro em bicycleta, conseguindo metter uma farpa no cornuto no momento em que este investiu com a machina, para a fazer em pedaços.

*
* *

O alquilador Raymundo, que fôra empresario da praça na Foz, no intuito de competir e prejudicar a da Boa Vista, mandou fazer uma arena no largo da Aguardente, com seis mil logares, dando a primeira tourada em 17 d'abril de 1870, isto é, vinte e quatro dias depois de funccionar aquella com que queria rivalisar.

N'esse dia, houve corridas nos dois taurodromos; comtudo, foi tanta a affluencia de povo á praça da Aguardente que acabaram por arrombar a porta, e entrar á força sem bilhetes, ficando as pessoas que os tinham, privadas de vêr a funcção porque as bancadas foram invadidas por *borlistas*.

A'cerca d'esta tourada conta um chronista d'um jornal do Porto, o seguinte:

«Calculo que estivessem na praça da Aguardente para mais de oito mil pessoas.

Na Boa Vista, comquanto a concorrencia não fosse tão extraordinaria, ainda assim os logares inferiores estavam apinhados, e só um ou dois camarotes e alguns logares de sombra, se viam vasios.

Parece incrivel *que n'uma cidade onde se não gosta de touros*, houvesse gente para encher duas praças!

Os attractivos principaes da tourada foram um curioso de Santarem, que toureou a pé, e o Pae Paulino e seus dois filhos (?)»

Confirma o citado jornalista que o portuense não gosta de touros.

Fala nos dois filhos de Pae Paulino, que naturalmente eram adoptivos, porque não consta, que aquelle intervalleiro de côr tivesse próle.

Nas referidas praças realisaram-se na temporada de 1870 vinte e oito corridas!

Afinal os dois empresarios perderam dinheiro; ardeu a praça da Aguardente, e a outra foi deitada abaixo.

*
* *

Em 1887 houve corridas na Serra do Pilar.

Era uma praça para cinco mil espectadores, toda de madeira e sem elegancia alguma.

*
* *

Em 28 de julho de 1889 effectuou-se a primeira tourada no Coliseu Portuense, a melhor arena que tem havido no Porto.

Era solidamente construida de cantaria e ferro, com camarotes, trincheiras e logares reservados; sendo a sua lotação para cerca de oito mil logares.

Funccionou oito annos, havendo boas touradas.

Esta praça foi demolida por conveniencia dos melhoramentos da cidade, em fevereiro de 1898.

*
* *

Na Serra do Pilar construiu-se outra praça para sete mil espectadores onde se deu a primeira tourada em 30 de março de 1902 e da qual eram proprietarios Calhamar e Silva Neves.

O circo taurino da Alegria, inaugurou-se em 4 de maio de 1902 e tem lotação para seis mil pessoas.

Estas arenas, ultimamente renovadas, explora-as o seu proprietario Santos Segurado, empresario da praça de Algés, que as adquiriu em 1906.

Praça da Senhora da Hora

Nos arredores do Porto existiu uma pequena

praça de madeira no sitio da «Senhora da Hora», onde se deu a primeira tourada em 7 de outubro de 1900.

Corriam-se ahi touros dos taes que já sabem os cantos á casa.

Os toureiros tambem eram muito conhecidos das pessoas de sua familia...

Mattosinhos

A arena de Mattosinhos serve, principalmente na estação balnear, para divertimento dos amadores que se reunem n'aquella excellente praia.

Toureia-se toda a qualidade de rezes, e assim se passam algumas horas alegremente, quando os lidadores não apanham algum boleu mais forte para se consolarem.

Povoa do Varzim

Entre os varios circos tauromachicos d'esta estancia balnear, houve um, inaugurado em 14 d'agosto de 1890, com hespanhoes e touros de Alberto Carlos Vaz.

Villa do Conde

Deu-se a primeira tourada na moderna praça de Villa do Conde, em 20 d'agosto de 1899, havendo grande enthusiasmo e calculando-se ser a assistencia superior a mil e duzentas pessoas.

Foi cavalleiro o amador D. José de Siqueira (S. Martinho), que obteve immensos applausos, dos quaes compartilhou o empresario Frederico Nunes.

A esta tourada foram aficionados do Porto, Povoa e freguezias ruraes.

N'outras corridas em Villa do Conde teem tomado parte festejados toureiros.

Espinho

No tempo dos banhos, são vulgares as touradas na praia de Espinho, uma das mais *chics* do norte do paiz; por isso é frequentada então por muitas senhoras, algumas das quaes da colonia hespanhola.

D'este facto provéem a animação e o interesse que ali ha pelas corridas, que chamam a Espinho numerosos forasteiros.

A primeira praça foi inaugurada em 15 de agosto de 1889, e tinha logares para mil e quinhentos espectadores.

A segunda, que é de pedra e madeira, custou dois contos e quinhentos mil réis, e póde considerar-se uma boa arena. Tem lotação para cinco mil pessoas, e fica proxima da estação ferro viaria.

Pertence a uma empresa da qual são maiores accionistas Henrique Brandão e Manoel Francisco de Castro.

Amarante

N'esta villa e nas suas freguezias, o toureio de toda a especie tem muitos aficionados.

Em 1880, corria-se o gado bravo n'uma praça que se construir na parada do extincto convento de S. Gonçalo, pelos festejos que em junho se zem áquelle Santo.

Mais tarde as touradas eram no Campo da Feira no alto da povoação, n'um pequeno circo.

Em Amarante, não se apuram muito na escolha de touros nem de lidadores; comtudo, as corridas agradam sempre muitissimo.

No Alto do Lirea, houve tambem em 1902 e 1903 touradas de curiosos.

Penafiel

No mez de junho, pelos festejos do Corpo de Deus e S. João, são certas as touradas em Penafiel, nas quaes a maioria das vezes tomam parte praticantes do toureio.

A praça arma-se no largo de S. Bartholomeu e não fica um logar vago, quando ha tourada.

Antonio de Azevedo é um dos grandes influentes de Penafiel, e mais d'uma vez tem sido empresario das corridas.

Nas freguezias d'aquella cidade está muito em moda picar touros á vara larga.

Louzada

Em dezembro de 1904, o cavalleiro Arnaldo de Sousa Coelho mandou construir uma praça de touros perto de Louzada, junto á estrada que segue d'aquella villa para Penafiel.

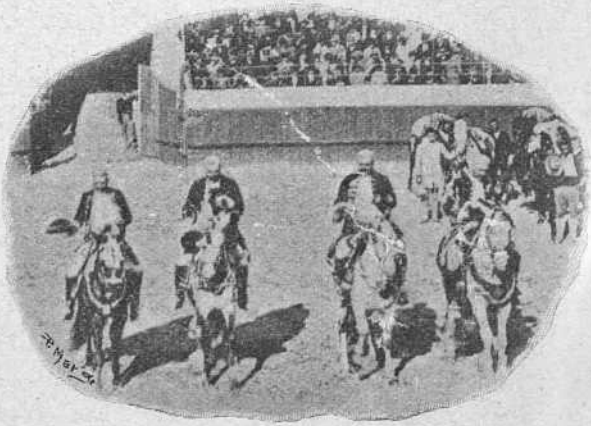
A primeira corrida realisou-se em 26 do referido mez, por ser dia da feira annual.

A concorrencia foi regular, sobresahindo na lide o amador acima referido.

Os restantes curiosos diligenciaram agradar; se o não conseguiram, livraram-se pelo menos do frio que houve em toda a tarde, porque se fartaram de correr e transpirar, sem que fosse necessario que algum touro os aquecesse por favor.

Mira

N'esta villa foi inaugurada uma praça em 23 de julho de 1893, feita por conta do visconde da Corujeira. A lotação do pequeno circo era de mil logares e tinha um só camarote.



Os cavalleiros fazendo as cortezias

CAPITULO XXIII

Corridas de touros no Douro

Em Coimbra

Correram se touros n'uma arena feita em S. Bartholomeu, hoje praça do Commercio, e no largo das Ameias.

Entre outros episodios da lide, em que o perigo é imminente, morreu um homem no mesmo circo.

Em consequencia d'este triste acontecimento passaram-se vinte e oito annos sem haver touradas em Coimbra, até que em 1850 se construiu outro côrro na horta de Santa Cruz, onde está agora o mercado D. Pedro V.

A primeira corrida foi a 7 de junho do referido anno, apesar das reclamações do vigario geral, que não queria que se picassem touros n'um dia em que tambem se celebrava a cerimonia religiosa do Coração de Jesus, no templo de Santa Clara, que de mais a mais era ao pé d'aquelle circo tauromachico.

Os desejos do vigario não foram satisfeitos, mas as corridas tambem não duraram muito tempo.

Depois houve arenas na insua de S. Domin-

gos e no pateo de S. Miguel sito na rua Sophia, até 1873.

No areal do Mondego deram-se corridas em 1890 e 1891.

Em Cantanhede, Taveiro e Nazareth da Ribeira tem egualmente havido touradas.

Figueira da Foz

A Figueira é na actualidade uma das praias mais concorridas por gente abastada, incluindo n'esse numero os hespanhoes que lhe dão a preferencia.

Vê-se na parte moderna da cidade bellos *chalets*, predios magnificos, casinos, clubs, e na temporada dos banhos a animação é extraordinaria, a vida passa-se alegremente, no convivio de mulheres gentilissimas e n'uma variedade de festas agradaveis, em que não faltam as corridas de touros.

Na Figueira e arredores picavam se touros á vara larga e improvisavam-se circos taurinos, nos largos do Pinhal e do Touril, na Praça Velha e na Praça Nova, isto ha mais de sessenta annos.

A primeira arena de madeira e pedra que se construiu na Figueira, foi no largo da Misericordia.

Depois fez-se o Coliseu Figueirense, sendo inaugurado em 25 de agosto de 1895, e n'elle todos os annos se realisam touradas com bons artistas portuguezes e hespanhoes.

Esta praça comporta cerca de sete mil pessoas, e acha-se nas melhores condições de segurança e de commodidade para o publico, sendo realmente uma das melhores da provincia.

*
* *

O destino d'um gato

A proposito das touradas na Figueira, contou-me o fallecido cavalleiro Calhamar Pinto da Silva, alcunhado «Pintasilgo», o caso seguinte:

«Fui empresario de varias praças de touros, —disse-me elle.—Os lucros das corridas repartia-os pelos toureiros, sendo o primeiro a receber o *laureado* cavalleiro, que era sempre este seu creado.

Uma vez, farto de perder dinheiro com touradas, annunciei na Figueira, que no intervallo da corrida, subiria em balão um *conhecido habitante da terra*. Foi uma idéa excellente! A praça encheu se á cunha; não havia um bilhete e a gaveta abarrotava de dinheiro, que fui distribuindo pelas minhas algibeiras.

A curiosidade era espantosa. Vi-me doido com perguntas, porque toda a gente queria saber quem era o *arrojado mancebo* que se prestava a ir por ares e ventos.

Chegou o momento critico.

O balão encheu-se na arena, e, quando prompto para largar, um rapazote, a quem pagei adeantadamente, metteu um bonito gato dentro da barquinha.

Coitadito do animal que lá foi até ás nuvens pagar com a vida, a minha invenção sensacional!

Depois é que foi o demonio. A gritaria e as blasphemias contra mim, principalmente do publico do lado do sol, foram medonhas!

Tomei por fim a resolução de me esconder

dentro do curro, e, nem ao menos me lembrei que podia por lá encontrar algum boi para companhia, que me désse alguma *sopa de pontas ao natural*, para me entreter o estomago.

Assim esperei, encurralado, que socegassem os animos, para voar da Figueira, senão com certeza partiam alguma aza ao seu amigo «Pintasilgo».

O Calhamar foi cavalleiro de «grandes recursos», chegando a explorar praças de touros, mas bastante infeliz.

Morreu pobrissimo.

Aveiro

No largo do Terreiro houve uma praça n'uma propriedade do visconde de Almeidinha, onde se realisaram muitas corridas.

Quando em Aveiro se dava uma tourada, era tal o enthusiasmo, que se formavam logo commissões para n'esse dia haver á noite arraiaes e outras festanças populares.

Effectuaram-se magnificas corridas de touros em 16 e 19 de setembro de 1875, n'um tauródromo feito no Campo de S. João, em que entraram na lide o marquez de Castello Melhor e outros rapazes do seu tempo, taes como Ferreira Pinto, D. Alexandre da Gama, Diogo Manique, Domingos Poeira, etc.

Essas touradas foram em beneficio do asylo José Estevam.

A ultima corrida em Aveiro foi a 12 de agosto de 1877.

*
* *

Proximo de Aveiro, junto ao «pharol da barra», construiu-se um pequeno circo, onde se deram touradas, que começaram no dia 15 de setembro de 1902.

Os donos da praça eram João da Costa Freire e Antonio Joaquim Gloria.

Na lide tomaram parte profissionaes.

Ilhavo

Proximo de Aveiro fica a villa de Ilhavo onde se acha em Vista Alegre uma fabrica de porcellana.

Os empregados d'esse estabelecimento fabril, que gostam de tourear, fizeram uma praça para se divertirem nas horas vagas.

Os touros vinham da Gadanha, e eram das manadas dos campos de Coimbra.

A primeira tourada effectuou-se a 4 de agosto de 1896.

Mealhada

N'esta villa foi uso antigo as corridas á vara larga, para as quaes offereciam rezes os lavradores mais importantes da terra e povoações circumvizinhas. Realisavam-se estas funcções taurinas no ultimo domingo de junho e dias seguintes, em que se fazem as festas á Senhora de Sant'Anna. Em cada tarde picavam-se sete touros, com grande prazer do publico que se satisfazia vendo os burlescos episodios da lide.

A arte de tourear começou a ser praticada por amadores em 1861.

Annos depois fez-se a primeira praça por iniciativa de Luiz Diogo Figo, Manuel Joaquim Duarte e José Rodrigues Breda, que foi logo desmanchada.

Em 1869 houve outro circo tauromachico, com bancadas e camarotes, que foi explorado por João Simões Ajuda, até 1884.

Em 1885, construiu se mais uma arena de que foram empresarios Ferreira Baptista, Luiz Dias Figo e Antonio Ferreira Jorge.

Por ultimo inaugurou-se um taurodromo, com tres mil logares, a 30 de junho de 1899.

Pombal

A' custa de Nuno José Dias Ribeiro armou-se no largo do Arnado, em Pombal, uma praça, que começou a funccionar em 20 de junho de 1856, sendo corridos touros da viuva Caldas, pelos bandarilheiros Cadetes, Robertos e Caixinhas.

Ainda em 1877, havia touradas em Pombal, sendo principaes influentes d'essas funcções o dr. José Ferreira de Andrade, João Carvalho da Motta e Eduardo Monteiro.

Nas ultimas corridas foi muito festejado o cavalleiro Francisco Gaspar, de Coimbra.

*
* *

Na freguezia de Abiul do conselho de Pombal, as corridas de touros teem muitos adeptos.

A ultima tourada teve logar a 8 de outubro de 1899.

Ponte de Lima

(Mais touros do Santo)

A lide de rezes bravas começou n'um largo d'esta villa, que ainda hoje é conhecido por «Campo dos Touros».

Alguns lavradores presentearam ha annos a confraria de S. João com uns cornutos, que no dia da festividade áquelle santo, eram corridos em arenas que se arranjavam de momento. Esses animalejos foram creando carnes e «exercitando-se na arte de tourear» e por fim davam lições aos curiosos que os picavam, sem lhes exigir pagamento, contentando-se apenas em lhes dar nos costados com as hastes, quando os discipulos não seguiam as regras, que tão brutos professores lhes ensinavam.

Sorte de bandarilhas

CAPITULO XXIV

Touradas no Minho, Beiras e Traz-os-Montes

Nas provincias que este capitulo indica, o toureio conta tambem bastantes aficionados.

As funcções tauromachicas, em que se incluem as corridas á vara larga, são amiude praticadas com o concurso de amadores, e n'essas lides cheias de incidentes, não se tornam indispensaveis as boas regras da arte para o bom exito do espectaculo.

Vianna do Castello

As touradas foram primeiro no Campo do Forno, transformado agora em Praça da Rainha.

Em 1871 a arena era no Campo do Castello, e nas corridas entravam muitos pretos, naturalmente para revestir a lide de mais attractivos, com a mudança de côr dos toureiros.

*
* *

A 18 de agosto de 1891 principiaram as cor-

ridas na praça que mandou fazer Antonio Barbosa Cardiellos, a qual leva quatro mil pessoas em bancadas de sombra e sol e em quarenta e tres camarotes.

As touradas em Vianna effectuam-se sempre no referido mez, em que tem logar a feira annual.

Braga

Na quinta da Horta havia um pateo, onde se realisaram touradas em 1867.

Dois annos depois, as corridas eram no Campo de Sant'Anna d'aquella cidade.

A 3 d'abril de 1899, foi a corrida inaugural da praça do Campo de D Luiz 1.º, da qual foi empresario Antonio Jacintho Inglez.

Uma tarde, o gado tresmalhou-se e passeou pelas ruas. Um dos bichos teve o descaramento de entrar no atrio da administração do concelho, mas, como não tinha multas nem decimas atrazadas a pagar, foi enxotado a cacete para fóra da porta.

Guimarães

Ha muitos annos que n'esta cidade não havia corridas de touros, mas, em 1906 a commissão que organisou os festejos annuaes a S. Gualter, construiu uma praça de madeira no largo do Proposto, dando algumas touradas, das quaes as primeiras foram em 5 e 6 de agosto do citado anno.

Em Guimarães não ha muitos apreciadores do toureio; de mais a mais os espectaculos não agradaram em virtude da má qualidade do gado,

obstando assim a que os artistas, que tomaram parte na lide, fizessem boa figura.

A praça foi desarmada ao terminar a epocha tauromachica.

Vizella

No parque do estabelecimento thermal de Vizella, freguezia de Guimarães, mandou Victorino Theophilo Lourenço construir uma praça, onde tem havido touradas com profissionaes e praticantes do toureio.

A primeira corrida foi a 5 de julho de 1900.

Vouzella

Antes de se fazer por subscripção publica a praça que se acha ao pé do hospital de Vouzella, que comporta cerca de seis mil pessoas, os torneios tauromachicos realisavam-se n'um largo junto da Ermida de Nossa Senhora do Castello.

Entre os curiosos que ali se teem tornado conhecidos na lucta com os touros, salientou-se o José Padre, que não prégava sermões, mas apreciava immenso, ao que consta, ser acariciado pelos chavelhudos, que lhe causaram muitas contusões.

Lamego

Disse-me um respeitavel ancião natural de Lamego, que as touradas ali véem já do tempo de D. Affonso Henriques.

Não será tanto assim; mas creio bem que, desde que ha touros por aquelles arredores, os lidadores não teem faltado.

Recentemente fez-se uma praça proximo da cidade, e, para levar a effeito a sua construcção, interessaram-se muito os aficionados d'aquella cidade, Francisco Antonio Pereira de Magalhães, Duarte Simões e dr. Manoel de Carvalho.

Tondella

Com madeiramentos que já tinham servido na praça de touros em Taveiro, arranjou-se em Tondella um circo tauromachico, effectuando-se corridas em julho e agosto de 1891 e em maio de 1902.

O promotor d'essas touradas, que, aliás, não deixaram saudades aos tondellenses, foi José Pereira d'Almeida, de Vizeu, que não ficou com vontade de se metter em novas empresas do mesmo genero.

São Pedro do Sul

Foi em 13 de junho de 1869, que os habitantes de São Pedro do Sul gosaram pela primeira vez touros de palanque, e n'esse tempo já ali havia muitos admiradores da lide de rezes bravas.

A ida da rainha D. Amelia áquella terra, com seus dois filhos, deu motivo a que se fizessem grandes festejos e se construisse uma praça á altura da gravidade das circumstancias, com boas trincheiras e camarotes, onde cabiam perto de tres mil espectadores.

A corrida inaugural foi a 10 de junho de 1894, entrando na lide profissionaes que se houveram com pericia, tendo bastos applausos.

*
* *

As arenas de S. Pedro do Sul não estão, como succede a quasi todas, isentas de desastres.

Uma tarde, em 1870, o bandarilheiro Torres, ao saltar a barreira, fracturou uma perna, e tão mal curado foi, que não pôde mais ser toureiro.

N'outra corrida, o laureado cavalleiro Manoel Casimiro, que, n'esse tempo era ainda curioso, ao pegar um touro, este não esteve pelos ajustes, e deslocou-lhe um braço na refrega.

Foi uma recordação da terra natal, visto que o referido artista nasceu em S. Pedro do Sul.

Vizeu

As corridas de touros realisam-se em Vizeu no Campo de Viriato, onde se tem feito a praça, para comportar mais de quatro mil pessoas e onde não fica nunca um logar vago.

Effectuam-se tres a quatro touradas por anno, que começam geralmente pelo Santo Antonio.

Os touros em Vizeu jámais tiveram principio nem terão fim, no dizer d'um enthusiasta da terra, mas que não soube dar-me outras informações que pudessem interessar os leitores.

Moimenta da Beira

Um touro sacrilego —Destroços n'um templo

Era costume em Moimenta aproveitar o Largo da Egreja para dar corridas.

N'um dia festivo, repicavam os sinos, havia missa cantada e arraial.

Estava tambem annunciada uma tourada de estrondo.

Foram armados os palanques no largo citado, e as janellas que o circumdavam, estavam apinhadas de espectadores.

O povo, vestindo os seus trajos de gala, enchia o recinto da lucta.

A' hora marcada entraram na arena os corajosos lidadores, que resolutamente iam bater-se com os bichos, para relembrarem a sua fama já tão apregoada.

A multidão victoriou n'um enthusiasmo louco a vistosa quadrilha.

Entrou na *sala das conferencias* o primeiro animal, de *boa presença*, e com mais velocidade nas patas do que um automovel. Acceitou sem pretexto os primeiros ferros; mas, percebendo depois que não podia tirar partido d'outro modo, encostou-se ás taboas a tomar o fresco...

Um dos toureiros, rapaz mais denodado, chegou-se á cara do bruto e estendeu lhe a capa nas ventas. Confiado no inimigo, corre o da querença, mas, *faltando-lhe as faculdades*, viu-se obrigado a fugir para a barreira. O touro, que era tambem leve como um gamo, fez o mesmo; foi atraz d'elle, e, fóra do côrro, galgou em seguida por cima d'um palanque, distribuindo marradas gratuitamente, causando com taes «amabilidades» um alvoroço enorme e trambulhões formidaveis.

Apanhando-se em liberdade, foi ainda perseguido por alguns populares que tentaram subjugal-o, mas baldados foram os esforços empregados.

O animal correu espavorido até á porta da egreja, que estava aberta, estacando indeciso so-

bre se havia ou não do entrar no templo. N'um momento mirou com desdem o sacristão, a quem tão estranha visita deixou surprehendido e sem pinga de sangue nas veias.

Os devotos que oravam na egreja, sem lhes importarem os touros, horrorisados ao verem a tromba medonha da féra entre portas, gritavam desesperadamente, chamando em seu auxilio todos os santos e santas da côrte do céu.

O brutinho incitado pela vozearia e *maravilhado* tambem pelas reluzentes vestes das imagens e brilho das luzes, rompeu furiosamente pelo templo, de orelhas arrebitadas, olhos chammejantes e ventas estendidas, e investiu contra um altar, deitando a terra os santos que se fizeram em mil estilhaços no solo.

Houve então um panico horrivel, desmaios e contusões de todo o tamanho.

A' força de pulsos foi agarrado o *sacrilego animal* e conduzido com difficuldade para o curral.

A tourada não continuou, e este desagradavel incidente ficou gravado na memoria de muitas pessoas, que ainda hoje vivem em Moimenta da Beira.

*
* *

Em 24 de junho de 1899 houve corrida n'uma praça que se fez dias antes, sendo picados seis touros de Alberto Vaz, pelo cavalleiro Manoel Prudencio e bandarilheiros José Cecilio e um hespanhol, deixando a tourada optima impressão, tanto pelo trabalho dos artistas, como pela qualidade do gado.

Guarda

As Constituições da Guarda, feitas em 1500, referem, segundo affirma Gama Barros, tom. I, pag. 528, «que eram vulgares as touradas e que costumavam correr-se touros nos adros das egrejas, garrochando-os ou alanceando-os.»

Deprehende se d'isto que a propria cidade onde se lavrou o decreto, não era alheia ao facto.

O terreno em que está hoje edificado o Asylo da Infancia Desvalida, na Guarda, era antigamente conhecido pelo nome de «O Curro» e por isso se julga que foi ahi que tiveram começo as touradas.

Em 1870 realisaram-se corridas á vara larga nos quintaes de Antonio Freire Cortez, de João Guedes e de Sá Rebello.

Para levar a effeito taes diversões que se prolongavam até aos arredores da cidade, adquiria-se em Hespanha um touro que custava uma bagatela, e que no fim da lide nem para cozinhar servia, porque a carne ficava tão moida que parecia salada.

No dia de S. João de 1894 houve tourada no Campo da Dorna, junto á estrada que vae até Celorico da Beira.

A praça era de madeira, cabiam n'ella duas mil e quinhentas pessoas e foi explorada por Zeferino Lopes de Sousa, Isidro Balha e Mello, Almeida Junior, Pizarro e Germano de Oliveira.

Outras corridas com artistas tiveram logar na Guarda, por conta de José Rojões, de Vizeu.

Covilhã

Colhida fatal do bandarilheiro Minuto

Na Gollegã são tambem as touradas o divertimento favorito do povo.

O facto mais notavel que ali houve, foi a colhida do bandarilheiro hespanhol Filippe Aragó, *Minuto*, na qual soffreu taes contusões, na tarde de 2 de maio de 1897, que cinco dias depois morria no hospital d'aquella cidade.

Minuto toureava em Portugal desde 1879, sendo considerado um excellente peão de «brega» e poderoso auxiliar dos cavalleiros.

A praça abriu ao publico em 28 de junho de 1895, e tem quatro mil e oitocentos logares e cincoenta camarotes.

Gouveia

Em 1840 foi construida em Gouveia a primeira praça de touros, de que se recordam pessoas ali residentes.

Por conta de Joaquim Cardoso fez-se tambem em 1896, nas Tapadas, n'uma propriedade do dr. Antonio Mendes Duarte e Silva, uma arena com 31 camarotes e tres mil e oitocentos logares de sombra e sol.

A primeira tourada teve logar a 8 d'agosto do anno referido.

Chaves

No forte de santo Eleutherio, em Chaves, ha um espaçoso recinto, assim como n'outros pontos da cidade, e ahi tem havido praças que se fazem nas vesperas das touradas.

Em agosto de 1895, Firmino Soares deu por sua conta umas funcções taurinas, que tiveram de melhor os episodios hilariantes da lide que era executada por curiosos.

O peor de tudo foi que o empresario não ganhou dinheiro; teve até que o desembolsar para satisfazer todas as despesas.

Idanha a Nova

N'esta villa estreiou-se no dia 22 de junho de 1906 uma praça de touros, onde varios rapazes exhibiram as suas habilidades tauromachicas, e embora as regras da arte não fossem cumpridas em absoluto, o gado fez a diligencia de contemplar com *mimos* os arrojados lidadores.

Touradas em Bragança no seculo XVI

Além das recentes touradas, houve em eras remotas jogos de touros na cidadella e no largo de Camões em Bragança.

Para confirmação d'este facto acha-se archivado na Camara Municipal d'aquella cidade um manuscripto, datado de 15 de fevereiro de 1549, que faz sentir ao juiz, vereadores e procuradores de Bragança que as despesas dos jogos de touros são enormes.

Esse documento, é assignado por J. Goduy, em nome d'um duque que residia em Villa Viçosa.

Transcrevo a seguir a parte do documento que interessa a este trabalho, alterando-lhe apenas a orthographia.

Diz assim:

«Portanto quero ordenar que todas as despesas que ha, se emendem e evitem, e parece-me que onde as ha maiores é nos touros que se correm á custa da cidade.

Gasta se n'isso muito, e n'isso me parece que se podia poupar.

Eu não quero que se deixe de correr touros mas quero que nas rendas da cidade sejam incluidos os jogos de touros, marcando o dia e jogos que se hão de dar.

E, quando não bastassem as rendas para em cada uma se metterem os jogos de touros, a cidade poderá só dar mil réis ou tres cruzados por cada jogo de touros.

E' vergonhosa a despesa que se faz com os touros, sem proveito nenhum para a cidade que é um extremo e precisa seis peças de artilheria para a sua defesa».

Se o tal duque, em nome de quem Goduy escreveu, e que devia ser homem de tino, viesse agora ao mundo, com certeza punha as mãos na cabeça e gritava «ó da guarda», pedindo depois que o mettessem outra vez no caixão.

*
* *

Arthur Poceiro Valladares explorou uma praça construida em Santo Antonio, ao pé de Bragança, a qual abriu ao publico em 29 de junho de 1899.

Regoa

A primeira praça de touros, inaugurada em 18 de abril de 1869, era na Ponte Gallega, e foi mandada construir por Joaquim Penhor.

Nos terrenos do Americano, houve outra arena, com dois mil logares, sendo o seu proprietario Bernardo de Barros Carpio que deu a primeira tourada em 13 de junho de 1882.

Existe actualmente nos Quatro Caminhos um circo taurino para quatro mil espectadores, que começou a ser explorado a 13 de agosto de 1899, por uma empresa de que foi gerente o dr. Antão de Carvalho.

N'este dia não houve cavalleiro, porque custava muito caro e os lucros não chegavam para tanto apparato.

Villa Real

As antigas corridas de touros

O illustre escriptor transmontano o conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco, em um jornal de Villa Real, escreveu em folhetim o artigo que a seguir transcrevo, com a devida licença do seu auctor:

«Desde remotas epochas foram as corridas de touros o predilecto folguedo dos habitantes de Villa Real e das povoações circumvisinhas. Memorias escriptas e a tradição attestam a preferencia que se dava a este divertimento sobre qualquer outro, mais ou menos popular, e está gravada na memoria dos contemporaneos a recordação do enthusiasmo extraordinario que excitavam as antigas corridas, a que os melindres nervosos da civilisação puzeram termo, ha vinte annos approximadamente.

Vinha de mui longe o costume de serem os touros apresentados pelos marchantes, e era lhes imposta no contracto do fornecimento das carnes a clausula de darem touros para as corridas.

No dia em que a arrematação devia effectuar-se, o povo não ia fiscalisar se a camara lhe tutelava os seus interesses alimenticios, precavendo as fraudes hypotheticas dos magarefes; concorria exclusivamente para verificar se eram respeitados os seus antigos e imprescriptiveis direitos tauromachicos.

Se o *senado* (assim era denominada a camara) hesitava em consignar aquella condição, o povo resmoneava, dava signaes de desprazer, e lá se desvanecia a popularidade dos vereadores com a negativa dos *circenses*, a unica regalia politica que deveras então se apreciava,—o direito de tourear,—mais importante para o bom povo, do que o do suffragio; pois que este, á mingua da leitura das sessões parlamentares, nem ao menos lhe serve para rir.

As corridas deviam inaugurar-se annualmente no dia da solemnidade de Corpo de Deus, terminando no dia de S. Pedro. Desde a Paschoa, porém, era costume, aos domingos, percorrerem as ruas de Villa Real, magotes de individuos mascarados, rufando tambores, uivando por trombetas de lata, mugindo por buzinas, tangendo os chocalhos, fazendo com estes instrumentos e com as algazarras do rapazio uma matinada estrepitosa, asperrima, selvatica.

Se o *senado* se deixava adormecer no coxim de frouxel columbino do esquecimento, chylificando os melhores e mais baratos tassalhos de lombo de ruminante, o clangor das trombetas, o tinir da guisalhada e as vozerias dos mascarados despertavam-no da lethargia, recordando-lhe a clausula dos touros prescripta aos marchantes.

Lá partiam estes para Hespanha, em demanda das mais sanhudas e corpulentas alimarias.

Impetrada a licença para as corridas, cuja concessão era festejada com as referidas demonstrações musicaes, iniciava-se a construcção do corro.

Em todas as classes se patenteava o mais franco jubilo.

A obra dos palanques, estacadas e outros reductos, era visitada diariamente, e com frequencia, pelos amadores das corridas, que se demoravam contemplando o lavor pouco divertido de alçar renques de pinheiros e de pregar ripas.

Annunciava-se a chegada dos touros. E era um geral alvoroço, um acontecimento fausto.

As feras apascentavam-se n'alguma matta das cercanias da villa.

Bandos de pessoas de todas as categorias sociaes e sexos diariamente se dirigiam ao local, para lhes medirem a corpulencia. A mais leve manifestação de braveza, o sacudir da cabeça minaz, o escarvar, um mugido animava o jubilo dos espectadores; referiam-se proezas das corridas anteriores; comparavam-se os touros com outros, cujas sortes eram já assumpto das lendas populares; pediam-se aos pastores informações sobre o nome dos bichos, e finalmente cada um, pela catadura, pela côr da pelle, por qualquer signal, prognosticava os futuros riscos dos picadores, as provaveis peripecias e catastrophes das proximas corridas.

Os diluculos matinaes do dia de Corpo de Deus não se infiltravam nas habitações, em Villa Real, pelas fendas das janellas cerradas, penetrando nas camaras resguardadas dos ricos e nas mansardas dos pobres.

As janellas e gelosias patentes recebiam todos

os esplendores da aurora. Ninguem se deitava durante a noite. Quem poderia dormir ?

Os clamores festivos dos rapazes, o estrondear dos zabumbas, a balburdia dos varios instrumentos não era interrompida em toda a noite.

Os ranchos de pessoas das povoações circumvisinhas e d'outras mais remotas, antes do alvorecer, começavam a confluir para a villa, e o ruido das vozes, dos descantes e das musiquetas, engrossavam cada vez mais o rumor estrepitoso, os barbaros alaridos, que similhavam as festas dionysicas d'Athenas.

Sahia a procissão da egreja de S. Domingos. Na vanguarda avultava a figura gigante e esgrouviada de S. Christovam, com a sua tunica vermelha, com um carão que apavora as creanças, que lhe contemplam a cabeça sobranceira, muitas vezes, aos telhados.

Enfileiravam-se na procissão diversos corpos de bailes. A fórma caprichosa dos trajos, as suas côres variadas, o grotesco das mascaras, as figurarias das danças, onde apparecia o requebro do bailar andaluz e as momices dos antigos machatins, revelava tudo gentilicas recordações, as quaes, porém, não entibiavam a piedade da multidão, que tão religiosamente se atropelava para ver os bailes, como o cortejo do bellicoso S. Jorge, como o clero, como os fidalgos portadores do pallio, ou outras figuras menos profanas.

A solemnidade verdadeira, a que era esperada com impaciencia, celebrava se de tarde.

Escancaradas as portas do circo, vagalhões de povo se arremessavam para dentro com impetuosidade igual á das ondas, em maré crescente, que se arrojam para a praia, rompendo pelas gargantas das penedias escarpadas.

Era incalculavel a affluencia de espectadores, já porque a diversão tinha especial attractivo, já por ser gratuito o ingresso para quantos apparecessem mascarados ou revelassem indicios de quererem entrar no circo e correrem as aventuras de combater com touros desembolados, ou, por qualquer modo menos arriscado, concorressem para a variedade dos espectaculos.

Os vereadores do municipio, com os seus vestuarios proprios, occupavam o palanque adamascado que lhes designava a pragmatica da festa. As figuras, ordinariamente pandas, dos vereadores assumiam no meio de tantas folias e burlesco regosijo, uma gravidade comicamente senatorial.

A um signal do porteiro da camara, mestre das cerimonias da corrida, encaminhavam-se para a frente do *senado* os galhardos toureadores com as garrochas alçadas, a fim de serem examinadas as dimensões das puas e a robustez dos picadores.

Feitos estes preparativos, era ordenado o despejo da praça e annunciada a saída do touro.

Succedia-se um momento de silencio e de comprimida anciedade. A fera apparecia espantada, inquieta, indecisa, tôrva, sinistra; os rufos dos tambores, o som das trombetas e das buzinas, os assobios estridulos, o berro das roncas, as momices de destros toureiros, as pancadas com bexigas, o desfrechar das choupas, o estourar das bombas, envolviam a alimaria n'um torvelinho de ruido infernal, que lhe duplicava a sanha.

Emquanto os menos denodados toureadores corriam pela arena, desafiando o touro com gatimanhos e fóscas de intrepidez, os piçadores

armados de garrochas mantinham-se firmes, enristadas as varas, estudando ensejo de se adiantarem para o touro, ou aguardando a sua enfurecida arrancada.

A alimaria esporeada com as innumeras choupas que certeiramente contra ella desferiam, assanhada com as negaças, remettia-se espumante para a fila das garrochas, e se, muitas vezes, lhe era aparado o impeto da investida e se via forçada a deter-se, a recuar, ou a tergiversar, no meio dos apupos tumultuosos e applausos da multidão, não raro succedia romper a linha dos valorosos picadores, e então, emquanto o *senado* e povo fremiam de enthusiasmo, lá eram uns derrubados, dobados outros no ar, um vulnerado com as armas agudas, outro despedido, como ariete, ás defesas da praça.

As negras impressões d'estes episodios tragicos desvaneciam-se com as danças executadas nos intervallos.

Quando algum touro se esquivava ás sortes, a multidão impaciente e soffrega de peripecias reclamava que *fosse lançado ao poço.*

Desciam á arena duzias de espectadores. O touro era investido por um enxame de farfantes, que, umas vezes, domavam o animal, e o arrojavam ao tanque do chafariz, que ficava dentro da area do corro, outras fugiam de arrancada, como um rebanho acommettido por um lobo cerval.

O *senado* premiava as bizarrias dos lidadores, distribuindo fitas, como ainda hoje usam os governos galardoar os pimpões das luctas do suffragio.

D'estas heroicas e burlescas diversões, ha hoje sómente uma saudosa recordação, e em poucos

lustros a tradição apenas dirá os destemidos arrojos dos contendores, e a narrativa ha de envolver-se na neblina colorida da lenda, como o combate de Hercules com o leão da Nemêa.

Quid non imminuit dies... dizia Horacio.

A craveira pela qual se mediam os valentes baixou.

A rijeza da musculatura cedeu a primazia á sensibilidade fina e melindrosa dos nervos.

Nas ultimas corridas de touros, em Villa Real, appareceram bandarilheiros destros; o povo, porém, depositario fiel das tradições sagradas, concorreu aos espectaculos; mas nos applausos e palmas não mostrava o enthusiasmo d'outr'ora. Os olhares da multidão não faiscavam relampagos de contentamento, como d'antes.

Propalou-se que os touros eram artificiaes, e os capinhas uns trapaceiros, á similhança d'um estrangeiro que, annos antes, exhibira ao publico um gallego introduzido na pelle d'uma phoca, no dizer do vulgo.

A' puridade murmurava-se até da espontaneidade dos que se prestavam á mentida metamorphose.

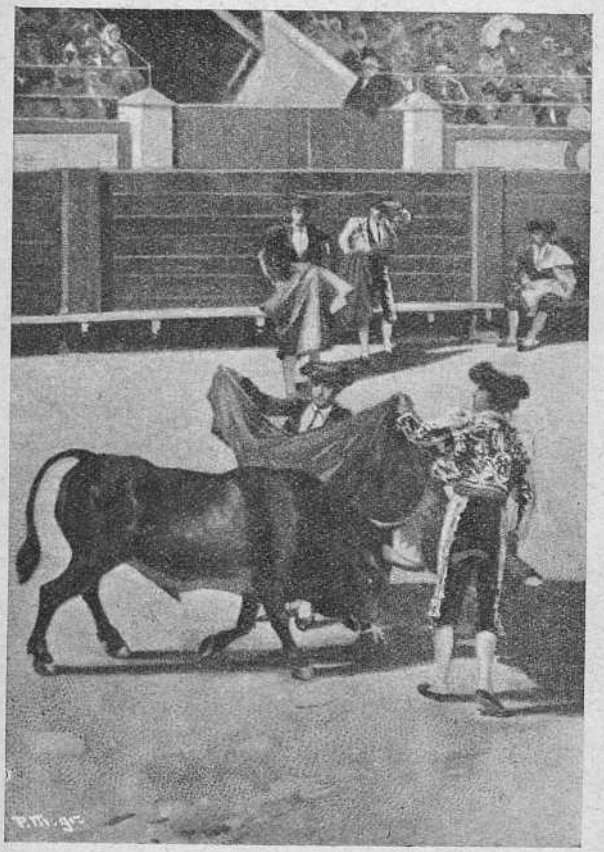
O' toureadores chibantes, fechou se o cyclo heroico de vossas façanhas.

Os vindouros hão de crer-vos mythologicos; um allemão investigará a veracidade da vossa existencia; virá a Villa Real, a Matheus, a Mouços, á Campeã.

Grandia que effossis mirabitur ossa sepulcris».

Em 10 de junho de 1894, inaugurou-se uma praça com tres mil e quinhentos logares, tendo 44 camarotes, que foi explorada por Manuel Rodrigues de Freitas.

N'esta praça realisaram-se as primeiras corridas em fórma.



Capeando al Alimon

CAPITULO XXV

A lide no Alemtejo

Numerosas touradas de espavento se teem dado na provincia do Alemtejo.

Além das arenas de que vou tratar, ha em Reguengos de Monsaraz e n'outras terras alemtejanas, vestigios de antigas praças de touros.

Era costume, nos pateos contiguos á residencia de lavradores e nos solares da velha nobreza, correr-se gado bravo.

O marquez d'Alvito deu n'um recinto murado, adjacente ao seu palacio n'aquella povoação, algumas corridas, e, entre ellas, houve uma em 1870, em que se tornaram notaveis na lide o marquez de Bellas, D. Luiz Lobo da Silveira, Correia Corvo e outros.

Em Rio Maior foram muito frequentes os torneios tauromachicos.

Na villa do Crato realisaram-se duas corridas em 28 e 29 de julho de 1897, nas quaes entraram curiosos, coadjuvados por artistas. Picaram-se touros do barão de Gaffete.

Em Valle do Peso houve uma garraiada em 25 de junho de 1903, offerecida por Romão Calhaço a Silva Martinho.

Em Alter do Chão fizeram-se varios circos,

sendo o toureio de rezes bravas sempre muito apreciado.

Na Ponte da Pedra ha todos os annos funcções taurinas, nos festejos ao Martyr.

Montemór-o-Novo e suas freguezias

A arena tauromachica de Montemór era no Rocio de S. Domingos; tinha trinta camarotes e lotação para cinco mil pessoas.

Foram empresarios d'esta praça, onde se effectuou a corrida inaugural a 6 de agosto de 1882, Gabriel Nunes, Antonio Pedro Sameiros e Francisco de Sousa Sameiros.

Houve touradas até 1889, anno em que a praça foi condemnada por se achar em mau estado de conservação.

*
* *

Na herdade dos Carias, o conde de Santo André deu touradas particulares em 1876.

*
* *

O visconde da Amoreira da Torre teve uma praça na sua propriedade em Chões; ahi realisou uma garraiada em 17 de setembro de 1902.

A concorrencia a essa interessante funcção foi demasiada, calculando-se mais de quatro mil pessoas vindas de Arrayolos, Evora, Vendas Novas e Lavre.

O aspecto do circo era soberbo, destacando-se por toda a parte as côres garridas das *toilettes* das senhoras.

Duas philarmonicas ostentando vistosos fardamentos, abrilhantavam esta corrida.

Foram cavalleiros João Manuel Malta e João Malta Junior, e trabalharam alguns bandarilheiros, recebendo todos unanimes manifestações de apreço.

*
* *

Na herdade do Pimpolho, em Lavre, ha uma arena pertencente ao lavrador Simão da Veiga, onde este curioso do toureio, que se tornou distincto nas sortes de bandarilhas, se exercitava, picando rezes bravas das suas manadas.

Na aldeia de Lavre houve tambem touradas em agosto de 1877.

*
* *

Em Vendas Novas já se picavam touros em 1838.

N'uma praça de José Valerio, feita em 1862, houve tambem corridas de gado bravo.

Esta arena foi devorada pelas chammas em 1875, por descuido d'uns soldados da Escola Pratica de Artilheria, que deitaram fogo sob as bancadas.

Não escapou uma taboa, e os militares foram castigados severamente para dar uma satisfação ao povo, que ficou deveras contrariado com a falta de touradas.

*
* *

Vidigal

A casa de el-rei — Fainas de campo e touradas

A praça «tentadeiro» de Vidigal pertence a el-rei D. Carlos. Fica cerca de dois kilometros arredada da estação do caminho de ferro de Bombel, n'um ermo rodeado de charnecas, no meio do qual se espalham algumas arvores.

N'um alto que domina a praça, está a casa que o monarcha habita, quando ali vae passar alguns dias, a qual se chama «Monte Real.»

O «tentadeiro» foi construido em 1896; tem um camarote sobre o curro para se verem as fainas do campo ou sejam as tentas, ferras, desmammas e enchocalhações, que ali se fazem com facilidade, em consequencias da boa disposição do curro.

Quando el-rei assiste a estas diversões, é sempre acompanhado de alguns convidados, e n'esses dias o Vidigal, não obstante a sua solidão, torna-se festivo e animadissimo.

Uma apartação de gado

O soberano, seguido de muitos cavalleiros, vae ás pastagens apartar o gado para uma tenta ou ferra.

A numerosa cavalgada, depois de atravessar caminhos escabrosos, que obrigam a fazer prodigios de equitação, descobre afinal na verdejante campina as rezes que procura.

Os animaes, surprehendidos e assustados com

a inesperada apparição dos intrépidos cavalleiros, querem refugiar-se, fugindo em diversas direcções.

Então o maioral dos campinos e os mais praticos n'estes exercicios indicam a *manobra* que ha a fazer para arrebanhar as rezes que se desejam escolher.

Ha n'essa occasião peripecias, e muitas vezes é perigosa a investida d'um touro em campo aberto.

Depois de vertiginosas correrias, consegue-se juntar os novilhos apartados, para a tenta ou ferra, separando-os das vaccas e dos touros, não sem bastante trabalho.

Mettido o gado entre os cabrestos, segue na frente o «boi de guia» ou «choca mestra», indo «á cabeça» da manada e na rectaguarda d'ella os campinos e outros cavalleiros.

A marcha faz-se em geral vagarosamente no intuito de não cançar as montadas que podem ser necessarias para ir em busca d'algum novilho que se tresmalhe dos companheiros.

Quando a manada chega proximo da praça, é costume «apertar», isto é, fazer correr o gado e mettel-o na «manga», especie de corredor que dá entrada na arena.

*
* *

Ao terminar uma tenta no Vidigal, é costume picarem-se alguns garraios.

N'estas corridas em que teem tomado parte amadores distinctos, taes como Victorino Froes, Duarte Pinto Coelho, Jorge Rebello da Silva, Antonio Perestrello, José Calazans, visconde de

Alverca, etc., commettem-se actos de valor e primores da mais requintada arte do toureio a pé e a cavallo.

O monarcha-lavrador fica então satisfeitissimo quando os seus touros demonstram na lide bravura e bom sangue, o que tem succedido muitas vezes, não só ali como tambem no taurodromo do Campo Pequeno e em outros.

Alcaçovas

Uma anecdota

O morgado João de Azevedo possuia em Alcaçovas muitas propriedades e n'uma d'ellas, na Ribeira de Santo Estevam, em que residia, tinha por habito, no dia do seu anniversario natalicio, 1 d'abril, que tambem é o dia das mentiras, offerecer uma garraiada, para a qual convidava amigos para verem a festa, e outros a quem obsequiava com *presentes* fornecidos pelos cornutos nos varios lances da lide, quando por acaso se chegavam mais do que as regras estabelecidas para cada um se atrever com semelhantes brutos.

Uma tarde de tourada, estava João de Azevedo, mais conhecido por morgado das Alcaçovas, em companhia d'uns individuos, a conversar, e um pouco distantes do pateo onde se achavam os touros encurralados. Por um descuido qualquer, um dos bichos safou-se, e partiu direito ao grupo, que não estava preparado para receber os seus cumprimentos.

João de Azevedo, que era destemido cavalleiro, e que tantas vezes tinha visto ao pé de si *habitantes das lezirias, armados,* disse aos ami-

gos: — «Agora, rapazes, é preciso ter presença de espirito».

A isto respondeu logo um d'elles:—«Presença de espirito, não; é necessario fazer ausencia de corpo» — e, n'um instante, desappareceu.

O touro mudou de rumo e não chegou felizmente a incommodar pessoa alguma.

Não sei se o caso é veridico; dou-lhe o desconto de se ter passado em dia de pêtas, mas, como tem graça, e a sua narrativa não offende, ahi o apresento.

— O lavrador Luiz Feliciano Fragoso tambem deu corridas n'um recinto vedado, junto da sua casa em Alcaçovas.

Evora

Um acto heroico de Gonçalo Velho na praça de touros em Evora

O dr. Gaspar Fructuoso escreveu no seculo XVI, a respeito de frei Gonçalo Velho, descobridor da Terra Alta, em 1416, e dos Açores, em 1431-1432, tornando-se tão celebre que era fallado em todos os factos notaveis que se deram no seculo XV, o seguinte:

«Era Gonçalo Velho, o famoso commendador de Almourol e primeiro capitão, que foi, da ilha de Santa Maria e d'esta, de S. Miguel, tão valente da sua pessoa, que, mandando el-rei D. João correr touros em Evora, mandou elle fazer um cadafalso para levar a vê los umas sobrinhas suas, D. Cecilia e D. Catharina e outras parentes. Estando já o curro cerrado, entrou elle com as sobrinhas, e, passando com os dois pagens, que iam diante, para o cadafalso, estava para

se correr um touro poderoso e bravo; mandou el-rei o lançassem no curro a Gonçalo Velho, que ia passando com as sobrinhas.

Tanto que o touro entrou no curro, foi arremettendo a elle; recolheu, com o braço esquerdo, para traz, aos pagens, junto das sobrinhas, e, chegando o touro, já muito perto, abaixando a cabeça e fechando os olhos, como costumam para acommetter, tirou elle de um terçado, que levava na cinta, e, dando lhe um golpe no gerilho, junto dos galhos, no logar que lhe dão quando os matam, derrubou-lhe a cabeça, de maneira que caiu o touro por terra, perneando e acabando a vida.

Alimpou o terçado no mesmo touro, com muita quietação, dizendo:

Aos rapazes, que cá vos mandam, outro tanto lhes fizera eu, se cá os apanhára.

Levou as sobrinhas ao cadafalso.

João Rodrigues da Camara, quarto capitão d'esta ilha de S. Miguel, contava, por o ouvir na côrte, onde andava, esta historia miudamente».

Estou d'accordo que o valentão désse cabo da vida do touro, com a cutilada que lhe arrumou entre os galhos; o que não creio é que a rez fechasse os olhos quando marrou, porque nunca dei por tal cousa e tenho visto milhares de chavelhudos investir e colher, mas com os olhos bem abertos, e até procurando o sitio onde mais faz doer.

Nem as vaccas deixam de ver, quanto mais os bois!

Um rasgo de generosidade de D. João II

E' sabido que D. João II dava o cavaquinho

pelas corridas de touros, e, se nunca arriscou a pelle a luctar com as rezes bravas, foi porque lhe disseram que uma chavelhada era bem peor do que um sinapismo na lingua.

N'uma chronica que escreveu Garcia de Rezende, da vida d'aquelle monarcha, lê-se o seguinte:

«Estando, um dia, el-rei vendo correr toiros em Evora, no terreiro dos paços, estava uma tranqueira mal concertada e com muita gente n'ella, e um toiro, muito bravo, quiz sahir por ella, e a gente toda fugiu. Ficou, sómente, um homem, que estava detraz dos outros, embuçado com uma capa e um sombreiro, o qual levou da capa e da espada e, só, ás cutiladas, muito valentemente, defendeu a passagem ao toiro e o fez tornar atraz. Poz el-rei, os olhos n'elle, pelo tão bem fazer, e o mandou logo chamar e perguntou-lhe que homem era e com quem vivia e o que fazia na Côrte, e tanto apertou com elle que o homem lhe disse que tinha morto um homem, em Lamego, e que, por não ser conhecido na Côrte nem em Evora, andava ahi escondido.

Mandou, logo, el-rei chamar o corregedor, e, cuidando o homem que era para o mandar prender e justiçar, lhe disse: *Corregedor, encommendo-vos muito que me livreis este homem de qualquer maneira que puderdes, que receberei n'isso muito prazer.*

E o corregedor o fez assim, e, tanto que foi livre, el-rei o tomou por seu creado e lhe fez mercê, e, d'esta maneira, estimava e favorecia os valentes homens.»

*
* *

Touradas antigas

Na suprareferida obra de Resende, intitulada *Chronica dos valorosos e insignes feitos de D. João II* diz-nos tambem que nos festejos que houve em Evora no anno de 1490, por occasião do casamento do filho de D. João II, D. Jorge, supposto herdeiro do throno, com a infanta D. Brites de Vilhena, filha dos reis de Hespanha, «houve na praça da cidade e no terreiro dos paços, muitas vezes, muitos touros, com muitos galantes a elles.» Ruy de Pina nos seus *Ineditos* confirma o facto.

Mais corridas em Evora

Na praça publica do Geraldo, que é a mais importante d'aquella cidade, ha a Rua dos Touros; por ella entrava o gado bravo, quando se celebravam as touradas.

Pertence á historia uma corrida que ali se effectuou em 1838, para festejar o anniversario natalicio de D. Maria II, e tambem foi sumptuosa a tourada que houve em 1858 para solemnisar o casamento de el-rei D. Pedro V.

Estas funcções foram gratuitas e organisadas pela Camara Municipal.

*
* *

Em 24 de junho de 1848 inaugurou-se uma arena, solidamente construida dentro da cerca

do Convento das Mercês, a qual tinha vinte camarotes e tres mil logares nas trincheiras, onde se deram muitas corridas.

Era esta praça de José Pereira Palha que a explorou alguns annos, vendendo-a depois a Vicente Joaquim da Gama.

*

* *

Houve outra praça em 1851 no antigo terreiro do quartel de cavallaria n.º 5, que está agora transformado em passeio publico.

Tinha lotação para cinco mil espectadores e pertencia a José Ricardo Calado.

No pateo das Salgadas tambem se effectuaram duas touradas no anno de 1863, revertendo o seu producto liquido a favor da infancia desvalida de Evora. Na lide tomaram parte individuos que aprenderam a arte de tourear sem mestre.

O pateo citado é conhecido pela *Torre das Cinco Quinas* e fica proximo do passeio de Diana.

Em 1878, deram-se touradas n'um quintalão da antiga *Cadeia dos Estudantes* que passou a chamar-se *Cadeia Civil*.

N'estas corridas entraram empregados no matadouro municipal.

Em 24 de junho de 1888, deu-se a primeira tourada no novo circo Eborense, que comporta oito mil pessoas, incluindo as que cabem em cincoenta e oito camarotes.

E' de alvenaria e tem vigamentos de ferro.

Foi explorada pelos seus proprietarios João Barreiros de Torres Vaz Freire, Antonio Torres, Ramos Ribeiro e José Vassallo.

Em Evora ha por anno tres a quatro touradas, sendo certas quando se realisa a feira.

Arrayolos

No programma das festas a Nossa Senhora dos Remedios, em Arrayolos, entraram tambem duas garraiadas que se effectuaram nos dias 8 e 9 de setembro de 1896, fazendo-se a praça n'um terreno ao pé do castello.

Na herdade do Monte Branco, propriedade de Oliveira Fernandes, houve uma arena onde os amigos d'aquelle lavrador picaram oito vaccas e dois novilhos, na tarde de 4 de junho de 1903.

Azambuja

Em 1857 fez-se na Azambuja a primeira praça de touros, que era de madeira, e, com as reparações que soffreu, durou perto de trinta annos.

A nova arena, de que foi dono o fallecido conde das Galveias, forma um grande edificio circular, do qual a parte exterior se compõe de casas de habitação, tendo interiormente a liça, bancadas de sombra e sol, que assentam sobre abobadas, e uma espaçosa galeria. A sua lotação é de cinco mil logares.

Deu-se a corrida inaugural em 10 de setembro de 1887.

Esta praça foi depois arrendada por dezenove annos a José Joaquim Evaristo.

As touradas em Azambuja foram muito tempo promovidas pelo ex-cavalleiro José Monteiro.

Correram-se tambem ali touros do conde da Costa e visconde da Amoreira da Torre.

Estremoz

Em 1840 já se picavam touros no claustro do convento de Santo Antonio de Estremoz, nos dias de festa ao referido santo.

No baluarte de Santa Catharina edificou-se depois uma praça de pedra e madeira, com sessenta e quatro camarotes e trincheiras, que levava quatro mil pessoas.

Para se fazer esta arena, que era propriedade de accionistas, influiu principalmente Francisco Vicente da Costa Cardoso que foi o empresario desde a inauguração em 13 de junho de 1878 até 1898; organisando em 28 de agosto de 1887 uma corrida nocturna que foi muito falada por ser ali novidade.

O edificio foi mais tarde comprado por João Pedroso, que o mandou renovar e deu corridas com praticantes e gado amestrado no officio.

Fizeram acquisição d'este circo tauromachico Roberto Reynaldo e Manoel Graça, que o reedificaram e offereceram á Associação de Beneficencia de Estremoz.

*
* *

Villa-Viçosa

Touradas em 1573 e 1906—Dança interessante

No «Compendio de noticias de Villa Viçosa», do padre Joaquim José da Rocha Esperança, lê-se o seguinte:

«Em 24 de abril de 1537, realisou-se o casamento do infante D. Duarte com D. Isabel.

El-rei D. João III veiu de Evora com os infan-

tes seus filhos, todos montados em cavallos, trazendo numerosa comitiva. O concurso de espectadores adventicios era enorme, e desde Borba até Villa Viçosa havia danças e folias em honra dos regios hospedes.

No dia do casamento deu-se um sarau em que só dançaram homens com homens, fazendo-o El-rei com o duque D. Theodosio, irmão da noiva. Não houve banquete publico n'essa noite: cada um comeu nos seus aposentos á sua vontade; e assim se recolheram aos seus leitos. No outro dia houve missa rezada pelo bispo de Lamego.

Houve jantar publico, mas com apartamento de sexos, e com todas as etiquetas da epoca. De tarde, fizeram-se justas no Terreiro do Paço, com premios para os vencedores. A 26 foi el-rei a cavallo ouvir missa a Nossa Senhora do Castello, com toda a sua comitiva; e, como á sua chegava salvassem outra vez as bombardas do Castello Novo, quiz el-rei ir vel o no fim da missa, e lá foi o duque mostrar-lh'o.

A' tarde repetiram-se as justas ou escaramuças no Terreiro do Paço, assistindo el-rei, das janellas; e acabou-se o divertimento por uma tourada em que D. Theodosio teve cócegas de tomar parte; mas D. João III, assustado com o perigo que corria o duque, mandou-o retirar da praça.

No dia 27, depois de ouvirem missa no mosteiro de Santo Agostinho, já com fatos de viagem, partiram para Evora pela via de Estremoz, acompanhando-os D. Theodosio e seu cunhado até Borba. Durante as noites precedentes houve luminarias na villa. Prolongaram-se ainda

por muitos dias as touradas e divertimentos populares até se retirarem os noivos.

Em 1573, achando-se o duque de Bragança (depois D. João I) passando a primavera na Tapada de Villa Viçosa com sua familia, chega-lhe a noticia de vir visital-o el-rei D. Sebastião, que, regressava d'uma excursão ao Algarve; e foi isto com tão pouco intervallo que teve de recebe-lo na casa de campo da mesma Tapada; mas o soberano prometteu voltar breve, como fez ainda no mesmo anno, sendo então recebido na villa e esperado pelo joven duque de Barcellos, que apenas contava sete annos. Houve salvas de artilharia e tourada no Terreiro do Paço.

Em 1603 casou D. Theodosio II, o senhor de Villa Viçosa, com D. Anna Velasco e Giron, filha de D. João Velasco, 7.º condestavel de Castella e Lion.

No dia 18 de junho do referido anno, começaram as festas populares que duraram mais de um mez. A 20 retirou-se o conde de Haro com os fidalgos hespanhoes, mas isso não obstou a continuação dos jogos, danças, encamisadas, touradas, fogo d'artificio e toureio (1.º e ultimo feito n'esta villa) que teve logar em 6 de julho.

Em 15 de setembro de 1872, emquanto se fazia a tourada por occasião da festa do Senhor da Piedade, houve desordens gravissimas, que tornaram o arraial festivo quasi n'um campo de batalha. A origem d'este conflicto foi a recusa d'uma fita em premio d'uma pega feita em novilho, por curioso; vindo o pegador ás mãos com o distribuidor da recompensa. Tanto bastou para se intrometterem logo amigos de ambos; e vendo cada qual os seus parentes ou afeiçoados envol-

vidos na lucta, qualquer entrava na lide sem saber a razão d'isso.»

O citado auctor não entra em pormenores sobre as touradas, e talvez assim procedesse por não encontrar descripções d'ellas.

Em compensação, fala na dança que houve de homens com homens e do galante par formado por D. João III e o duque D. Theodosio.

Que grandes pandegos!

*
* *

A praça actual é nos Capuchos; foi inaugurada em 12 de setembro de 1897, não estando ainda concluida a sua construcção. Na lide entraram alguns individuos que se estrearam no toureio, levando, para amostra, as respectivas chavelhadas.

Em 11 de setembro do anno seguinte, achando-se então terminadas as obras do edificio, houve duas corridas.

Elvas

N'esta cidade, tão proxima de Hespanha, não admira que as touradas tenham tantos predilectos.

De facto, fala-se ali de touros, com se fôra o assumpto do dia.

Ha um club tauromachico, muitos lidadores e aficionados do toureio, que são entendidos na arte e sabem discutil-a com conhecimento de causa.

Já em 1835 havia uma arena em Elvas, onde se realisavam corridas á hespanhola, com curiosos de Badajoz.

Em 1846 fez-se uma praça para tres mil pessoas, e n'ella tem havido muitas corridas annualmente.

Cuba

As touradas em Cuba são antiquissimas.

O gado corria-se onde calhava, e os lidadores nunca faltavam.

Apanhado o boi na arena, via «um calor». Levava paulada de crear bicho, mas tambem se algum mais atrevido se aventurava muito nas sortes, pagava por todos, se era agarrado a geito.

Uma victima do toureio

Em 20 de setembro de 1897, realisou-se em Cuba uma tourada em que morreu José da Carlota, padeiro em Beja.

O desgraçado teve a má ideia de saltar á praça e pegar um valente touro, julgando talvez ser cousa tão facil como pôr o cabaz do pão ás costas; mas enganou-se: o boi atirou com elle tão fortemente contra a trincheira, que nunca mais pôde servir os freguezes.

Houve por isso protestos e uma gritaria medonha; comtudo a funcção continuou e até se repetiu no dia seguinte.

Beja

No cap. I d'esta obra lê-se que el-rei D. Sebastião, acompanhado do infante D. Duarte e de varios fidalgos, foi ao Alemtejo e Algarve, e no dia 4 de janeiro de 1573 correu touros em Beja.

Por isto, se sabe que as touradas n'aquella terra véem já de ha muitos seculos.

Lembra-me de uma praça de madeira, com trincheiras e camarotes que havia na Porta de Aviz, um grande campo que hoje está ajardinado.

Foi esta arena feita por subscripção, e arrendada por Emilio de Roure e José Valerio, de Vendas Novas. Inaugurou-se em 9 de agosto de 1876 e durou apenas dois annos.

Aljustrel

N'um circo tauromachico, que tem capacidade para mais de tres mil espectadores, deu-se a primeira tourada em 11 de junho de 1906, na villa de Aljustrel.

Esta praça chama-se «Thomaz da Rocha», nome d'um festejado bandarilheiro, e pertenceu a José Filippe Baptista, Luiz Serrano, José dos Santos, José Pereira Maltez e José Luiz Graça.

Vidigueira

Em 1691, o segundo marquez de Niza era senhorio da Villa da Vidigueira. Organisou ali touradas com grande pompa, com o concurso de fidalgos, que expressamente iam de Lisboa para tomarem parte na lide.

Fizeram-se praças em differentes locaes.

Em 28 e 29 de setembro de 1898, houve duas magnificas corridas de touros, picando a cavallo os lavradores Luiz da Costa, Antonio Cançado e Francisco Paulino Garcia.

Correu-se gado de João Sabino, de Benavente.

Toureio original

Na Vidigueira realisam-se tambem umas diversões taurinas, especie de corrida á vara larga, que se fazem do seguinte modo :

Homens mascarados, de ambos os sexos, entram no recinto da lide, dando os braços e bailando.

O grupo é victoriado delirantemente.

Sae do curro um boi matreiro, impingido por marchantes, que o vendem, porque talvez, mesmo, nem a carne se possa aproveitar para o talho.

Os pseudo-toureiros esperam a rez de vara empunhada e espicaçam desalmadamente o animal, que se enfurece e procura a todo o transe defender-se.

Os primeiros a ser contemplados com as delicadezas do touro são os lidadores que vestem de mondadeiras e ceifeiras, porque as saias se lhes embaraçam nas pernas e não pódem correr tão facilmente.

O boi farta-se de dar lambada, e só termina a festa quando os picadores de vara estão de todo estropeados, com os fatos rotos e as carnes a descoberto.

O populacho ria a bom rir dos episodios d'esta original tourada.

*

* *

Na Quinta do Carmo, ao pé da Vidigueira, possue o visconde da Ribeira Brava um pateo onde tem havido muitas garraiadas.

Vera Cruz

N'esta aldeia tiveram logar muitas funcções taurinas pelas festividades ao Santo Lenho, no mez de setembro.

Em 1896, nos dias 13, 14 e 15 do mez referido, realisaram-se corridas com a assistencia de mais de cinco mil pessoas.

Uma das touradas foi em honra dos cyclistas portuenses, entrando na lide Fernando Lopes e D. José Gil que picaram a cavallo, e D. Sebastião Gil, José Luiz Ribeiro, José Ernesto Leitão, José Francisco Pereira e Manuel Marques, que serviram de bandarilheiros.

Salientaram-se com a muleta, José Leitão, e nas pegas, Luiz Beltrão, Francisco Vaquinhas, Izaias Teixeira, Antonio Figueira e Francisco Pedro da Silva.

Nem tudo foi conforme os festeiros desejavam, porque se deu

Um desastre fatal

No fim da corrida foram convidados os rapazes da terra a lidarem um touro. Uma chusma d'elles pulou logo para a arena, mas um dos mais ousados e inexperientes foi colhido com tal violencia que morreu, ficando tambem outro companheiro em perigo de vida.

Guardou-se grande reserva d'este facto.

Portalegre

E' de suppôr que ha bastantes annos as corridas de touros em Portalegre tivessem começo, sendo notorio o interesse extraordinario que ellas ainda ali despertam.

Inaugurou-se em 15 de setembro de 1894 uma boa praça para quatro mil espectadores, mandada fazer por José Antonio Incha, Eduardo Maria Mulato e Francisco José Romão, a qual foi intitulada «D. Luiz do Rego», por ser este o nome d'um intrepido cavalleiro tauromachico, que tem propriedades e gado bravo em Almarjão, que fica pouco distante da cidade.

Proximo d'esta arena construiu-se outra, com tres mil e duzentos logares, a qual pertencia a Francisco Serrão que deu n'ella touradas na mesma tarde em que se effectuaram na de «D. Luiz do Rego», resultando da competencia e rivalidade dos empresarios poucos lucros para ambos.

Aviz

A' entrada d'esta villa depara-se-nos um grande largo, onde se tem feito quasi todos os annos uma praça, empregando-se madeira offerecida para esse fim á Misericordia, pelos lavradores Manoel Vaz Couceiro, das Galveias, e Francisco Vaz Monteiro, de Ponte de Sôr.

A arena ficava com um diametro de 38 metros, e a praça tinha dois mil e quinhentos logares de trincheira.

As corridas em Aviz, a maior parte das vezes, não primam pela excellencia das sortes do toureio, porque poucas ali se executam; resumem-se n'uma especie de corridas á vara larga. Ainda em 17 de dezembro de 1903 um homem perdeu a vida n'uma d'essas diversões, ficando tambem gravemente feridos tres individuos que lhe quizeram acudir.

Apenas em setembro de 1893 houve uma corrida com artistas, em que entrou tambem o

cavalleiro amador Antonio Filippe da Silva.

*
* *

Em Alcórrego freguezia de Aviz, arredada d'esta villa seis kilometros, existiu uma praça desde 1860 a 1865, onde se deram funcções taurinas por occasião das festas á Senhora Mãe dos homens.

Santa Eulalia

Entre as aldeias do Alto Alemtejo onde se dão touradas, Santa Eulalia é uma das mais enthusiastas pela arte de tourear.

Ha ali uma elegante praça de alvenaria, com trincheiras e camarotes, sendo a sua lotação para tres mil pessoas, approximadamente.

A corrida inaugural teve logar a 16 de junho de 1895.

O edificio pertencia á familia Lobão Rasquilho e á de Sebastião Rodrigues Tenorio Ponces.

Arronches

E' costume antigo n'esta villa realisarem-se touradas em 24 de maio, dia de feira annual, e em 1894 inaugurou-se uma praça com tres mil logares e trinta e sete camarotes.

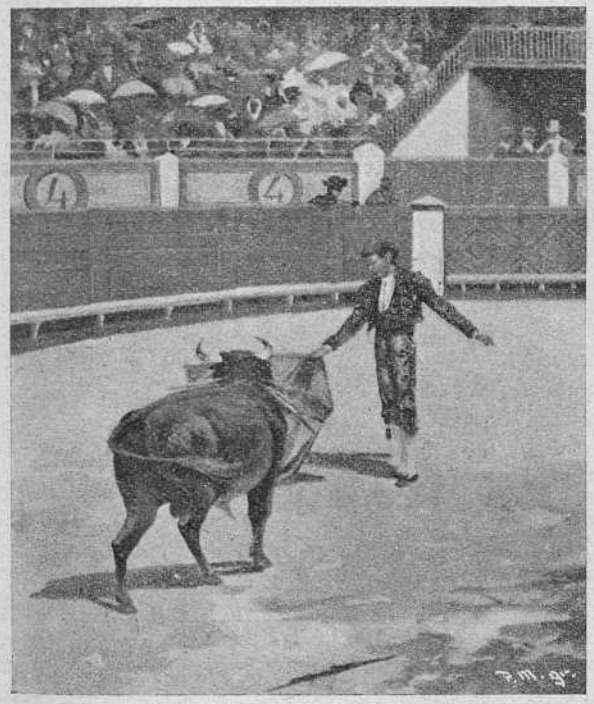
Tem havido tambem touradas pelos festejos a Nossa Senhora da Luz, padroeira de Arronches.

Brotas

N'esta aldeia, freguezia da villa de Móra, diz-se que principiaram as touradas em 1749, anno

em que se edificaram os primeiros predios da povoação.

Foi inaugurada uma praça na herdade do Monte da Vinha em 20 de junho de 1877, tendo os camarotes sobre os outeiros que a circumdavam.



Passes de muleta

Foi este circo, durante algumas epochas tauromachicas, de Joaquim Eduardo Nunes Barata que lhe fez melhoramentos, construindo de pe-

dra o muro exterior e o curro, que eram de madeira.

Em Aldeia Velha e no Paço, ha uns curraes de Antonio Leonardo d'Almeida e dr. Joaqnim Nunes Mexia, onde se procede a ferras e tentas de gado e, por consequencia, onde tambem se lidam touros.

Ponte de Sôr

As touradas começaram em Ponte de Sôr, n'um côrro que havia junto de uma propriedade do lavrador Joaquim Vaz Monteiro, no dia 18 de Setembro de 1887.

Proximo á egreja matriz, abriu-se outra praça em 15 de agosto 1896.

Monforte

Existiu em 1879 n'esta villa um circo tauromachico nos claustros do convento do Bom Jesus, que era de João Maria da Silva Sardinha e de José Antonio Lopes.

José Augusto Portel foi cavalleiro muito destemido e victoriado nas corridas de Monforte.

CAPITULO XXVI

As arenas nas Ilhas—Corridas á corda

Na Terceira

Um facto notavel—Os touros servem tambem para a guerra

Da altiva historia da ilha Terceira vamos arrancar para aqui umas paginas, risonhas e tragicas a um tempo.

N'aquella terra das corridas á corda e em que toda a especie de lide de rezes bravas tem os mais devotados amadores, houve tambem uma tourada de guerra em que os cornutos insulanos «pregaram umas calças», por detraz de uma barreira, a algumas centenas d'homens de uma raça insigne de toureiros.

Resumirei o caso: Em 1581, desbaratado em Alcacer-Kibir, vendido, atraiçoado, dobrado ao poder formidavel de Filippe II, de Hespanha, Portugal era um dominio hespanhol e parecia uma nação irremediavelmente perdida.

Comtudo, nem todo o Portugal era ainda uma conquista da Hespanha.

Batido na campanha da Ponte de Alcantara, foragido no estrangeiro, o pretendente D. Antonio podia ainda contar em seu favor com um

pedaço de terra portugueza. Era a ilha Terceira. N'essa ainda não imperava o poder de Filippe II. Não se vendia, não se entregava. Era o ultimo baluarte do Prior do Crato. O ultimo e o unico. Do corpo moribundo de Portugal o coração era aquelle, a pulsar ainda com admiravel energia!

Tornava-se necessario conquistar aquella ilha insubmissa. Mas antes da conquista, envidaram-se esforços paravencer os partidarios de D. Antonio por meio do afago, do suborno, da rendição e das boas promessas.

Filippe II confiou o encargo a Don Pedro Valdez e deu-lhe uma esquadra de dez navios e mais umas pequenas embarcações. Recommendou-lhe que procurasse chamar a ilha á obediencia por meios pacificos e lhe promettesse plena amnistia. Aquella esquadra era apenas para lhe dar apoio e auctoridade. Mas, se os ilheus lhe repellissem as propostas e insistissem na rebeldia, não caísse na temeridade de invadir a ilha, sem receber o reforço de outra esquadra que ia mandar para os Açores.

Eram estas as instrucções do rei.

Em junho a esquadra surgia nas aguas da Terceira.

Os homens da ilha não se intimidaram e repelliram as propostas do almirante.

Abespinhou-se com esta sobranceria o orgulho de D. Pedro Valdez, e, esquecendo as recommendações do monarcha, planeou tomar de surpresa a ilha.

Pareceu-lhe empresa segura.

Sabia que na Terceira havia apenas soldados bisonhos, milicianos, mal armados e observou que o littoral estava insufficientemente vigiado.

Não era homem para hesitações. Uma noite,

mandou approximar da villa de S. Sebastião os navios ligeiros da esquadra e preparou um desembarque entre Angra e Villa da Praia, junto da «Casa da Salga».

Desembarcaram ali duzentos soldados dos seiscentos que D. Pedro tinha a bordo.

Para lhes fazer frente havia apenas n'aquelle sitio um destacamento de cincoenta dos nossos.

Defende se intrépidamente, com sobrehumano esforço, aquelle punhado de patriotas.

Toca a rebate na cidade e na villa; espalha-se o alarme por toda a ilha.

Os «cincoenta» não fogem.

Agora já tinham a investil-os mais outros duzentos soldados. Cincoenta contra quatrocentos!

Era esmagador.

Chegaram reforços da villa, milicianos tambem. A lucta prosegue. Defende-se heroicamente a «Casa da Salga».

Amanhecia. Já estão pelos côrros cerca de tres mil milicianos, infelizmente bisonhos e mal armados.

A defesa não esmorece.

As mulheres véem tambem para a lucta, como em Diu e Chaul.

Os hespanhoes levantam umas ligeiras trincheiras; estão protegidos pelos fogos da esquadra.

Os pobres milicianos não ousam atacar nas suas trincheiras aquelles soldados da mais famosa infanteria da Europa; mas tambem não cedem um palmo das suas posições.

A cada assalto dos hespanhoes, novos prodigios de esforço dos ilheus. Agora, as mulheres

já não se limitam a trazer munições e a socorrer os feridos; agora, combatem tambem.

E' uma causa heroica!...

Deu meio dia e a lucta estava indecisa. Um frade cruzio lembrou a historia dos elephantes de guerra nas batalhas entre carthaginezes e romanos. Nas primeiras batalhas os bichos puzeram em debandada as legiões de Roma, colhidas de surpresa.

—Mas nós aqui não temos elephantes!

—Temos touros.

—Pois vamos buscar os touros, e acaba isto n'uma tourada de morte.

Veiu uma soberba manada de touros bravissimos.

Os bichos mugiram medonhamente e os soldados de D. Pedro Valdez esbugalharam os olhos com estranheza.

—Larga! Eh! touros valentes! — bradavam os pastores, os campinos de lá, espicaçando os bichos.

—«Las fieras de cuernos!» grita um arcabuzeiro.

De cabeça baixa, pescoço recurvo, a cauda em arco, os touros arremettem n'uma corrida doida, a soprar, a bramir medonhamente.

Adivinho já o que o leitor está suppondo.

E' isto sem tirar nem pôr:

A trombetas castelhanas dão o signal de «toro en plaza». D. Pedro Valdez, em vez de clamar por Santiago» grita «que empieze la faena», as sentinellas não bradam ás armas, mas gritam: *Banderillas! Banderillas!* D. Diogo Valdez e D. Luiz de Basan collocam-se em frente das «puntas de los toros» como dignos precursores de Frascuelo e do kalifa Raphael Guerra.

Pois engana-se redondamente, caro leitor.

Fez uma idéa errada d'aquella tourada de guerra, a primeira de todos os tempos.

Colhidos de surpresa, os invasores perdem o animo e fogem desordenadamente, n'um pavor doido!

Cada bramido dos bichos lhes parecia o echo d'um tiro de artilheria.

Nem pareciam da terra do «pan y toros!»

—Vêde se os pegaes de cara, negregados!— gritavam zombeteiros os pastores.

Mas aquella tourada singular, em que todos os bichos saltaram á trincheira, teve um desenlace profundamente tragico.

Quasi toda a «cuadrilla de picadores y peónes» desappareceu d'este mundo. Os milicianos cairam sobre os invasores que se puzeram em desordem, e, na furia do combate e em impulsos de velho odio de nacionalidade, praticaram as costumadas crueldades das guerras do seu tempo.

Foi um desbarato completo! Dos seiscentos soldados de D. Pedro Valdez apenas escaparam cincoenta.

Os outros morreram a ferro e fogo ou afogados no mar. Até dois dos seus officiaes mais illustres, D. Luiz de Bazan e D. Diogo de Valdez, deram tambem n'essa occasião a alma ao Creador.

Uma tourada em Angra no anno de 1759

Na Bibliotheca Real do Paço de Mafra existe uma collecção intitulada *Opusculos Varios*, sendo um d'elles, *Jubilos festivos, epanáphora an-*

grense, que trata de uma tourada na cidade de Angra.

Relatam-se ali as reaes festas que, com obsequioso culto e generosa fidelidade, fizeram os cavalleiros da muito nobre e sempre leal cidade de Angra, da Ilha Terceira de Jesus Christo, pela restaurada saude da preciosa vida da fidelissima magestade do nosso augusto soberano, o senhor D. José I, rei de Portugal, nosso senhor; escripta por um socio dos mesmos reaes obsequios e natural da mesma cidade. Lisboa, na officina de José Filippe — Com as licenças necessarias. — Anno de 1760.

A tourada realisou-se em 15 de junho de 1759.

O amphitheatro era magestoso e os palanques achavam-se cheios de espectadores.

Os touros foram corridos a cavallo por João Pereira de Lacerda, sargento-mór da cidade, e seu irmão Francisco Pereira de Lacerda, capitão de infanteria.

Vestia o primeiro de branco e verde, com ricas bordaduras, e o segundo de branco e encarnado. Montavam cavallos ajaezados a primor.

Era cada um acompanhado de dezeseis capinhas e numerosos creados de estribeira.

O segundo touro feriu o cavallo de Francisco de Lacerda, que esteve por isso em perigo imminente de ser colhido. Apeou-se, e com a espada deu no bruto forte cutilada, mas, partindo-se esta, não foi preciso servir-se d'outra, porque o irmão acabou de prostrar o touro aos pés, com um golpe tremendo que lhe vibrou.

Os cavalleiros trabalharam a duo, executando bonitas sortes, e matando muitos touros a rojão.

*
* *

As praças de touros em Angra

Os angrenses apreciam muito a diversão nacional. Tem havido em Angra toureiros de fama, amadores tauromachicos, que na lide provaram a sua competencia e invejavel coragem, assim como creadores de gado bravo que cuidam com esmero das suas manadas, apresentando nas arenas exemplares de raça taurina, bravissimos e finos.

Existiu um circo onde se correram touros e onde agora é a Praça da Restauração.

A arena de S. Sebastião foi de José Mendes, em 1851. Era no largo que hoje se chama Mercado de Gado.

Em 1867 teve Antonio Belbenuto um bom taurodromo na rua do Padre Jeronymo.

O circo taurino do Espirito Santo, era em Santa Luzia e foi construido em 1894 por subscripção. Tinha uma pequena casa que servia de bilheteira e de enfermaria, uma cavallariça e até um poço que fornecia abundante agua para regar o piso.

A lotação da praça era de dois mil oitocentos e oitenta logares.

Ardeu em 20 de agosto de 1900.

A arena de S. João foi inaugurada em 1870, e fica ao pé da «Madre de Deus».

As paredes do edificio são de alvenaria e nas dependencias ha tambem casas para bilheteiras, enfermaria e cavallariças.

Explorou esta praça, que comporta dois mil cento e quinze espectadores, Matheus Bernardo

da Silva que a arrendou á empresa proprietaria, de que fazem parte diversos accionistas.

E' uso em Angra, o reservar nas praças os logares de galeria para mulheres mal comportadas. Na praça do Espirito Santo havia trezentos d'esses logares, e na de S. João ha apenas cento e cincoenta. Não é muito para uma população de de 32:939 habitantes, como tinha a Ilha Terceira em 1906.

*
* *

Corridas á corda

Estas diversões taurinas constituem uma parte obrigatoria dos festejos que se realisam tanto nas freguezias ruraes como em Angra do Heroismo e servem muitas vezes para angariar sympathias politicas, principalmente quando ha rivalidades entre individuos de differentes terras.

As corridas á corda dão-se amiudadamente em S. João de Deus, S. Matheus, S. Bartholomeu, Ribeira, Porto Judeu, etc.

A' «Historia das Ilhas», de Maximiliano d'Azevedo, pertencem os periodos seguintes:

«A mulher do José de Mello (a dona de uma casa situada em uma das ruas onde era o divertimento), sentada a par da Isabel (uma convidada), disse-lhe que tomasse cuidado á passagem do bicho, porque eram já seis os touros que lhe tinham saltado para o mirante.

Mas o conselho não foi ouvido, porque o estalar de um foguete provocou immediatamente um enorme borborinho. Do touril, estabelecido n'um quintal proximo, acabava de sair o boi. Cor-

reram-lhe ao encontro os aficionados, pulando e gritando com desespero.

Appareceu finalmente um touro de pequeno corpo e de côr escura, preso, pelas hastes emboladas, a um comprido cabo, que quatro homens seguravam pela extremidade opposta, e largavam ou colhiam para dar fuga ao animal ou obrigal-o a parar.

Os mascarados de corda

Traziam, á laia de uniforme, calças brancas, alvas camisas avivadas de encarnado e *bonnets* de copa baixa, apenas differentes dos que usam vulgarmente os cozinheiros por terem tambem vivos d'aquella côr.

A *viseira* que lhes occultava a metade superior do rosto é que originou a denominação de *mascarados de corda,* com que o povo da ilha então os designava.

Todos os quatro coxeavam mais ou menos, visto que, em obediencia ao seu tradiccional plano de uniformes, traziam os pés, tão deshabituados de qualquer constrangimento, n'aquelle dia apertados em sapatos de bezerro, legitimos representantes, para o caso, dos celebrados borzeguins da tortura inquisitorial.

A lide

O touro passou de corrida pela frente do mirante do José de Mello. Um enxame de homens e rapazes seguia o de tropel. Tanta diligencia faziam por uma ou duas marradas, que ás vezes viam coroadas as suas aspirações.

N'isto, um d'elles, mais atrevido, tropeçou e

cahiu; d'aqui resultou que outros dois tambem se estatelaram na calçada.

O touro estava perto, e, ou porque os mascarados não pudessem a tempo segural-o, ou porque desejassem «animar o divertimento», conseguiu chegar aos tres, e, depois de uma focinhada prévia, dispunha-se já a mimoseal-os com festa mais valente, quando o cabo, esticado com força, lhe deu a *pancada*, obrigando-o a retroceder e arrancando-lhe um mugido doloroso.

Decididamente a tourada promettia ser boa.

Os tres levantaram-se no meio de risadas estrepitosas, e um d'elles, com a cabeça partida, foi curar-se á botica proxima, sem que mais ninguem désse importancia a semelhante bagatela.

Proseguia o divertimento na sua monotonia habitual. Percorridas as ruas do transito, o boi já vinha quasi a passar, pela segunda vez, em frente de uma casa, continuamente excitado pelos bordões, guardasoes, lenços e até pelos casacos despidos pelos capinhas improvisados, que assim toureavam em mangas de camisa.

Um incidente vulgar

Perplexo, estonteado, o boi estacou ao meio da rua, olhando em redor e escarvando o chão com as patas deanteiras. Afinal, escolhido o ponto de ataque, partiu como uma setta em direcção a uns cinco homens, mais impertinentes em atiçal-o, mas que desappareceram por encanto, mal suspeitaram a arremettida. Sumido o alvo, o touro não parou na corrida e foi galgar de um salto o mirante do João de Mello, antes que os *mascarados* lhe dessem a pancada.

Um reboliço, uma gritaria infernal.

Estes refugiavam-se esbaforidos no interior da casa, aquelles saltavam para a rua, e dois ou tres, paralysados pelo medo, deixavam-se ficar no mesmo sitio, de olhos fechados, mãos nos ouvidos, entregues ao seu destino.

Não deixaremos os touros da Terceira sem contar um caso acontecido com um amigo nosso, que foi ao interior da ilha em companhia de um cavalheiro angrense de finissimo trato—Manuel Basilio Coelho da Rocha, prematuramente roubado ao affecto dos seus e de quantos o conheciam.

Fazia-lhes companhia um caseiro de Manuel Basilio, que levava um comprido bordão, com que de quando em quando espertava os cavallinhos da raça peculiar da Terceira, em que os dois montavam, e que já pareciam menos espertos e promptos, do que habitualmente, em razão da extensa caminhada.

Tendo ido admirar a vista da Caldeira, muito menos bella que a do Fayal, dirigiram-se para as grutas por onde sahem ainda os vapores sulfureos, eis senão quando lhes surgiram pela frente dois touros.

Os cavalleiros entreolharam-se, pouco esperançados em qne as pernas tão curtas dos dois ginetes pudessem pôl-os a tempo fóra do alcance d'aquelles importunos.

O caseiro percebeu isto e disse apenas:

—Não tenham os senhores medo. Eu já os ponho com dono.

E, emquanto o dizia, despiu a jaqueta, pôl-a no alto do bordão, levantou este o mais que pôde com o braço direito bem estendido, e caminhou direito aos bois.

O effeito não se fez esperar.

Os dois cornutos olharam para o estranho vulto, fizeram meia volta e... pés para que te quero.

Ahi deixamos a receita para quem tiver algum mau encontro como aquelle».

*
* *

Quando el-rei D. Carlos e a rainha visitaram as ilhas, effectuou-se em Angra, em S. João de Deus, uma tourada de corda, no dia 4 de Junho de 1901, que muito agradou.

Tourada na Madeira

Na Madeira quizeram em 1876 fazer uma tourada, com uns touros que pastavam no grande planalto do Paul da Serra e que passavam por serem muito bravos.

Os toureiros eram uns hespanhoes de uma companhia acrobatica dirigida por um tal Sastre. Construiu-se uma praça, que se encheu á cunha.

Sae do touril o primeiro bicho, que, espicaçado com força pelos moços do curro, foi velozmente pela arena adeante, fazendo com que o bandarilheiro se desviasse prudentemente para o lado, e as damas empallidecessem nos palanques.

Mas, chegado ao meio da praça, o touro limitou-se a fazer uma coisa: deitou-se.

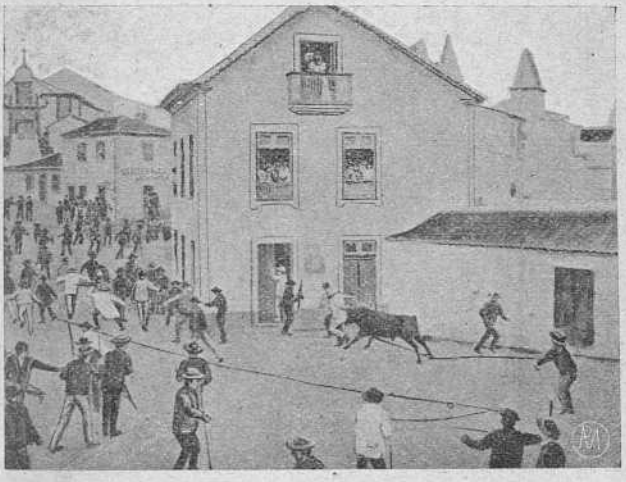
E não houve razões que o obrigassem a marrar.

Os mais liam pela mesma cartilha — permit-

tam nos a expressão—de sorte que o publico, não podendo reclamar o seu dinheiro desforrou-se dando cabo da praça.

Funcções taurinas em Ponta Delgada

Além das corridas á corda que se teem realisado n'esta ilha e seus arredores, onde ha muitos aficionados do toureio, realisaram-se tambem em 1881 quatro touradas, com seis touros em cada tarde.



Corrida á corda nas ilhas

Para se avaliar do exito d'estas funcções taurinas, basta saber-se que o gado tinha sido picado uma porção de vezes em Angra, d'onde tambem vieram os lidadores.

Naturalmente toureiros e touros conheciam-se de vista, uns sabiam as manhas dos outros, e d'ahi resultou um espectaulo sem nenhum interesse.

CAPITULO XXVII

Os touros em Africa

Estende-se até ás nossas possessões em Africa o prazer e gosto pelas touradas.

Nos ultimos annos, devido certamente ao progresso d'algumas cidades africanas e ao grande numero de aficionados que para ali tem ido occupar diversos empregos publicos, e no commercio, as corridas de touros fazem parte dos divertimentos mais favoritos.

Em Loanda –Morte d'um amador

Desde 1877 a 1892 existiu em Loanda uma praça de touros n'uns terrenos por detraz do Palacio do Governo, feita por iniciativa de Joaquim d'Almeida Louzada.

N'uma das touradas que ali houve, entraram na lide sargentos e policias, e um d'estes, chamado Malafaya, atreveu-se de mais com um bruto seu adversario, que, sem contemplação alguma, lhe ferrou uma tremenda marrada, que o mandou logo d'esta para melhor vida.

Mais outros desastres se deram nas corridas em Loanda, n'algumas das quaes até já teem degredados tomado parte como lidadores.

Em 26 de dezembro de 1897 foi inaugurado o circo tauromachico de S. Paulo, nas proximidades do hospital Maria Pia.

O edificio era de pedra, a trincheira de madeira, e os camarotes revestidos de zinco.

Tinha dois mil e quinhentos logares de sombra, outros tantos de sol, cem de galerias, e sessenta e quatro camarotes. Custou á empresa exploradora, representada por Bento Fernandes & C.ª, a importancia de quatorze contos e quinhentos mil réis.

Na primeira corrida a praça abarrotava de gente, notando-se comtudo que a funcção não teve muitos amadores, nos pretos, pois podiam contar-se os que ali foram attrahidos por esse espectaculo, que, para elles, era inteiramente uma novidade.

A tourada foi de curiosos, e, como era natural, deixou pelo trabalho muito a desejar.

Apenas se distinguiram os cavalleiros Domingos de Sousa, e o bandarilheiro Manoel Joaquim Monteiro Guimarães.

Os outros lidadores foram José Queiroz, João Maria Freire, Antonio Honorato de Sousa, Arthur Ricardo e Francisco Antonio Alberto.

O grupo de forcados portou-se bem na primeira parte, mas na segunda estava já estropeado em virtude dos *obsequios* recebidos dos animalejos.

Correram-se seis touros e uma vacca das manadas de Garrido Camara & C.ª

Para terminar o divertimento fez-se um intervallo que deu optima impressão á tourada.

Durante a funcção tocou a banda de caçadores n.º 2. O regente mandava tocar quando entendia, por não conhecer o preceito estabelecido nas touradas, de fazer ouvir a musica apenas quando se executa uma sorte de merito.

Poucas vezes se cumpre esta regra.

O gado em Loanda, destinado ao toureiro, é pequeno e feio; só depois de muito espicaçado se resolve a defender a pelle.

Possuem esta especie de animaes, Camara & C.ª, lavradores em Alvarenga, e Accacio Ferreira, Ferreira & Irmão, Ferreira & C.ª e Joaquim Filippe Amado, lavradores na Barra do Dande.

Em 13 de janeiro de 1901 começou uma serie de touradas em que brilhou o cavalleiro Fernando de Oliveira, que foi auxiliado na lide por individuos praticos no toureio.

Estas corridas agradaram muito.

Touradas em Lourenço Marques

Foi a primeira praça de Lourenço Marques construida em curto espaço de tempo, n'um terreno contiguo ás officinas dos caminhos de ferro, no topo da rua D. Luiz, sob a direcção do engenheiro Carlos Albers, director das linhas ferreas d'aquella cidade.

Era um edificio de madeira, com camarotes, trincheiras, cadeiras reservadas, e levava cerca de quatro mil espectadores.

A corrida de inauguração foi dada no dia 5 de setembro de 1897, em honra do commissario régio Mousinho de Albuquerque e das forças expedicionarias que regressaram da guerra de Gaza.

Picaram-se oito touros de Faustino Cabral e Lopes Gustavo.

Entraram na corrida David de Carvalho, Eduardo Moreira Lopes, Augusto Cabral e Raphael Silva Monteiro que tourearam a cavallo.

José Ferrão Castelbranco, José Sant'Anna e Vasconcellos, Gomes Ferreira, Leão Cagi, Bap-

tista Ferreira, Antonio Gil e Araujo e Sousa foram bandarilheiros.

O cabo de forcados era José Pinto; o abegão, Paulo Moraes Palmeiro; o director da corrida, Rodrigues d'Almeida, todos de Lisboa.

A tourada esteve deveras animada, sendo muitos os episodios engraçados que n'ella se deram.

A assistencia foi grande.

A segunda tourada effectuou-se a 28 de novembro do mesmo anno, por conta de José Lopes Gustavo.

A lide foi tambem confiada a curiosos, toureando a cavallo Eduardo Moreira Lopes.

O trabalho de bandarilhas esteve a cargo de Claudino Marques, Gomes Ferreira, Moreira, Gil e Côrte Real.

Abilio Silva capitaneou os forcados, e serviu de intelligente Jacintho Pinto.

Tourearam-se oito rezes de Lopes Gustavo.

Em 1899 foi desmanchada a praça de que venho falando, mas logo se organisou um grupo de capitalistas que mandou fazer outra nos terrenos ao pé do quartel da policia, cedidos pelo lavrador Lopes Gustavo.

Este circo tinha camarotes, trincheiras de sombra e sol e comportava perto de dez mil espectadores.

A primeira tourada realisou-se em 1900, no dia de S. João, cujo nome foi dado á praça.

Foram cavalleiros Fernando Moreira de Brito e José Quintino; bandarilheiros, Floriano Gustavo, Elias Gustavo, Francisco Paixão e E. Maia; moços de forcado, José Pires, Antonio d'Oliveira e outros.

Em 1 de janeiro de 1902, houve na referida

arena uma excellente tourada na qual brilhou Francisco Paixão.

O peor d'esta festa foi a incorrecção dos forcados, que se portaram de tal fórma, que o intelligente da corrida, que era o antigo aficionado Rivotti, pediu á auctoridade para os metter a todos na cadeia.

Os creadores de touros que gosam de mais fama em Lourenço Marques, são os lavradores José Gustavo e Carolino.

Corridas na Beira

Uma commissão sob a presidencia do intendente do governo, e de que fazia parte o secretario geral da Companhia de Moçambique, organisou duas touradas em beneficio das obras da egreja em construcção na Beira.

Trabalhou-se activamente na edificação d'uma ampla praça na Ponte Gêa, que ficou com capacidade para dois mil espectadores, empregando-se os maiores esforços para que as touradas fossem realisadas com o maior luzimento e attractivos, tendo para esse fim ido de Lisboa os petrechos necessarios, taes como: fardamentos para os lidadores, forcados para os pegadores, sellas de tourear, farpas, bandarilhas, etc.

A corrida deu-se no dia 8 de julho de 1900, sendo os curiosos alvo das mais excessivas manifestações de apreço.

Correu-se gado do Gavouro, que cumpriu relativamente, se attendermos á temperatura d'aquellas paragens e á desafinação em que se devem encontrar taes quadrupedes.

No dia 15 do mesmo mez realisou-se outra

tourada, e em cada uma d'ellas os camarotes custaram 36$000 réis, as cadeiras 4$500 réis, a sombra 3$500 réis e o sol 1$000 réis.

Tourada em Benguella

Na feitoria da Peça, em Benguella, fez-se a arena de «São Filippe», onde em 18 de novembro de 1900 se correram cinco touros de Ricardo Fonseca, que se dedica á procreação de touros. (?)

Serviu de cavalleiro Bernardo Alves Correia; foram bandarilheiros Estevam Mendes dos Reis, A. C. Nunes e David, e forcados, Cassiano Sampaio, Duarte Araujo, José Saraiva, José Maria Coelho e José Vianna da Costa.

Desempenharam o cargo de moços de curro Manoel Fonseca e Francisco Correia, e o de andarilhos, Coelho Alegria e Ricardo de Andrade.

A lide foi interessantissima, deixando aos *toureiros* saudosas recordações dos cornutos, que por vezes lhes forneceram alguns boléus.

*

* *

Diversas funcções taurinas

N'outras terras dos nossos dominios africanos, tem havido corridas em que se picam touros de todos os modos e feitios.

Em Cabo Verde effectuou-se uma d'essas touradas em 1870, e no Chinde em 1902.

Os pretos teem um medo enorme dos touros. Dizem que as marradas fazem enguiço. Doer é que ellas fazem.

Additamento ás touradas em Vizeu, São Pedro do Sul e Tojal

Das corridas em Vizeu, mencionadas na pagina 231 d'este livro, merecem especial referencia aquellas que até 1881 se realisaram no Campo das Freiras, tambem pela festividade a Santo Antonio.

Armava-se uma grande praça, e, nas vesperas do espectaculo, havia já um enthusiasmo louco.

No dia da festa, logo de manhã, notava-se uma alegria infinita, havia procissão, sermões por prégadores notaveis, e á tarde tourada.

A lide era originalissima, e não havia cavalleiro. Depois de os artistas bandarilharem e passarem de capote os touros, e de estes serem pegados pelos forcados, appareciam então homens mascarados com trajos de antigos lavradores da Beira, trazendo grandes chapeus, jaquetas, calções e grossos sapatos, e, com estes trajos, ou com outros de phantasia, encarregavam se de picar os touros a seu modo, no meio de hilariantes episodios.

O que, porém, tornava ainda mais interessante este facto, é que os referidos mascarados, em numero, ás vezes, superior a cem, viam de palanque especial a tourada, e só no momento critico saltavam á praça.

Curioso é tambem saber-se que esses individuos percorriam antes as ruas da cidade, e que no grupo figuravam as pessoas mais gradas da terra, como eram as da familia da casa Albuquerque do Arco, entrando tambem na funcção o popular padre Thomaz, que preferia perder o direito de dizer missa a deixar de entrar na lucta com os touros.

Foi muitas vezes censurado pelo bispo, mas nunca desistiu d'aquelle capricho.

Era tal a grandeza e pompa dos festejos que o mordomo d'elles recebia valiosos presentes, entre os quaes abundavam as vitellas.

O estimado cavalleiro Manuel Casimiro, que me prestou estas informações, desempenhou uma vez aquelle cargo e recebeu nada menos do que o valor de sessenta vitellas, que os offerentes lhe compravam alternadamente por boas libras.

Em São Pedro do Sul effectuaram-se tambem corridas com mascarados na mesma epoca em que se deram em Vizeu.

Tojal

No sitio do Tojal, de que trata a pagina 146, houve tambem uma tourada em 20 de maio de 1867.

A's 11 horas da manhã d'aquelle dia, ainda a praça não estava acabada nem os bois lá dentro.

O povo, agglomerado no Rocio do logar, esperava ancioso a chegada dos bichos, que eram corpulentos.

A um tempo começam os saloios e saloias a correr, rapazio a saltar para as arvores, e os «casacas» a encarrapitarem-se nos muros e nos telhados das casitas baixas.

Chegou finalmente o gado com os campinos, conduzindo-os tambem habilmente José Vaz de Carvalho.

Ainda não se começára a embolação e já uma parte da trincheira tinha abatido, deitando ao chão cerca de trinta pessoas, ficando duas gravemente feridas e outras com leves contusões.

Então o dr. Jayme da Veiga, que era administrador do concelho dos Olivaes, teve a idéa de prohibir a entrada do povo para a praça, para dar tempo a que ella se especasse convenientemente, e não haver maior desastre.

A' embolação não houve successo digno de mencionar-se; ás 4 horas, porém, é que foi o bom e o bonito!

O povo, zangado por não se abrirem as portas, principiou a insultar alguns soldados da guarda municipal que era commandada pelo capitão Cordeiro Feio.

O povo começou á pedrada aos soldados, e estes defenderam-se e prenderam varios individuos. Tres soldados ficaram muito feridos na cabeça]e a agitação tornou-se quasi revolucionaria.

A corrida correu irregular. O gado era bravo e varios bichos tão depressa estavam na praça como no collo dos espectadores.

Dois touros houve que se introduziram no corredor que dava entrada para as trincheiras, não saindo um para a povoação porque não quiz.

O maioral que andava na praça, a recolher um touro corrido, foi subitamente assaltado por um outro, que arrombou o touril, e, correndo desembolado em direcção ao pobre homem, metteu-lhe um galho pelos quadris, atirando com elle a grande altura! O maioral ficou ás portas da morte.

N'esta tourada um hespanhol quiz á viva força picar um touro desembolado, não obstante a isso se oppôr a auctoridade

D'ahi resultou tambem haver grande zaragata.

INDICE DOS CAPITULOS

Cap.		Pag.
I	**Onde e quando se correram touros pela primeira vez em Portugal?**	9
	O touro	9
	As primordiaes corridas	10
	Como se toureava outr'ora	10
	D. Sancho II e os seus *jogos*	11
	Touradas por occasião da visita de Filippe II de Hespanha, a Portugal	13
	Refere-se um facto notavel	14
	Divisão da area da creação de gado bravo	15
	Onde se toureava antes de haver praças.	16
	Modificações por que tem passado o toureio	17
II	**Monarchas-toureiros**	19
	Prova-se que determinados soberanos não podiam ser toureiros	19
	As façanhas tauromachicas de D. Sebastião, D. Affonso VI, D. Pedro e D. Miguel	25
III	**Prohibição de corridas — Os toureiros perseguidos**	27
	O papa Pio V e as touradas	27
	D. Pedro II manda serrar as pontas das armas aos touros	28
	D. João VI prohibe que se realisem corridas sem a sua especial licença	29

Cap. Pag.

Acaba-se com as touradas... 30
Revogação do ultimo decreto prohibindo a lide de rezes bravas. 30

IV—**Diversos modos de lidar touros** 31

Como deve ser uma corrida de touros... 31
As sortes de gaiola 32
Explicação de garraiada, corridas á vara. larga e á corda 33

V—**D. Sebastião na praça de Xabregas** 35

Onde vivia o monarcha 35
O luxo em Lisboa 35
A riqueza dos trajos dos lidadores. 36
A D. Sebastião pertencia de fôro picar o primeiro touro 37
Uma colhida 38
Deveres dos cavalleiros. 39

VI—**Touradas no Rocio de Lisboa** 41

O que era o Rocio n'outros tempos 41
Triduos de touradas antes do terremoto. 42
Presagios do povo 44
Touros hespanhoes 44
Ganhos e perdas com as corridas 44

VII—**Corridas no Terreiro do Paço, em Lisboa** 47

Aspecto da arena... 47
O Terreiro era uma grande praia, onde se fez a praça 47
A familia real assiste á tourada 48
As danças e os despejos da liça 49
Cortezias e a rega da arena 50
A quadrilha e a lide 51
Colhidas 53
Outras touradas no Terreiro do Paço... 54
Uma corrida monotona no tempo de D. João V. 55
O preço das touradas no seculo XVIII.. 56

VIII—**Corridas na Junqueira (1738-1874)** 61
A primeira praça—Deslumbrante tourada 61

Cap. Pag.

A concorrencia..... 62
A entrada dos cavalleiros e os cumprimentos..... 63
A lide..... 65
Um intervallo..... 68
Conclusão da tourada..... 68
A ultima praça da Junqueira..... 68
A corrida inaugural e os touros de Palha Blanco..... 69
Os curros de João Ignacio, de Vallada... 69

IX—**A praça de touros da Estrella, em Lisboa**..... 71

O bando em 1763..... 73
Ornamentações do taurodromo da Estrella 74
Desobstrucções da arena..... 74
Danças, mascaradas e carros allegoricos. 75
Os lidadores..... 75
Os intervalleiros..... 76

X—**Corridas no Salitre (1790-1830)** 79

Onde se achava construida a praça..... 79
A inauguração do circo, jogos preliminares..... 79
O intendente Pina Manique..... 80
A degollação dos carneiros..... 80
Corrida ás cabeças..... 81
Outro intervallo..... 82
A tourada..... 83
Programma d'outra corrida..... 84

XI—**Praças de touros no Campo de Sant'Anna, largo da Annunciada e Poço dos Negros, em Lisboa (1767-1889)**..... 87

Programma de corrida realisada na praça do Campo de Sant'Anna, e quem foram os artistas n'essa tarde..... 87
O ultimo circo tauromachico do Campo de Sant'Anna..... 89
A corrida inaugural..... 91
Lidadores que entraram na tourada..... 91
Um ex-alumno da Casa Pia, que aprendeu a tourear em Hespanha..... 91

Cap. Pag.

Quem foram os espadas da tarde..... 91
Touros mortos a rojão..... 91
Um documento que se refere ás touradas no Campo de Sant'Anna, antes de 1876 93
Os primeiros fatos dos capinhas portuguezes 94
Dava-se vinho aos toureiros para tomarem «calor»..... 94
Mulheres toureiras..... 94
Varios factos referentes á mesma praça. 95
O rendimento das touradas era para a Casa Pia, misericordias e institutos de caridade d'outras terras..... 95
Quando tourearam em Lisboa pela primeira vez, Ayona, Cuchares e Cuco 95
Estreia de Frascuelo..... 96
Debutes de Pollo, Sanchez e Gallito-Chico 96
Touros recolhidos por campinos a cavallo 96
A *montera* usada pelos portuguezes..... 96
Fallecimento de Victorino Marques..... 96
Quando terminaram as «cortezias finaes» 96
A primeira tourada nocturna..... 96
Prohibição das pégas..... 96
Os empresarios do Campo de Sant'Anna 97
Uma praça no largo da Annunciada..... 97
Outro circo tauromachico no Poço dos Negros..... 98

XII — **Corridas no Campo Pequeno (1741-1906)**..... 99

A primeira arena no Campo Pequeno.... 99
Programma d'uma tourada em 1741..... 99
A nova praça inaugurada em 1892..... 102
Iniciadores da sua construcção 102
O custo da praça..... 103
A commissão installadora..... 103
Como devia intitular-se o taurodromo do Campo Pequeno..... 103
Descripção do edificio..... 103
Lotação..... 105
A tourada inaugural..... 106
Propaganda das corridas á portugueza... 107
Numero de touradas effectuadas até 1906 108
Principaes amadores e artistas..... 108

Cap. Pag.

Creadores de touros 110
Tourada do Centenario da India 110
Como trajavam os lidadores e quem eram 111
A corrida 113
A conducção de touros e o seu enjaulamento 113
Os empresarios até á actualidade 114
Tourada na quinta de Metrass 115
Pinto de Campos e Sousa Bastos 115

XIII—**Morte do cavalleiro Fernando de Oliveira** 117

Pormenores da tourada 118
O começo da lide 119
A colhida mortal 120
Fernando moribundo 121
O seu fallecimento 122
Continuação da tourada 122
Notas biographicas 124

XIV—**O bando** 125

Como se fazia d'antes o reclamo ás corridas de touros 125
No tempo da praça do Campo de Sant'Anna 125
Transformações do bando 126

XV—**A espera de touros** 127

Os *marialvas* da *velha-guarda* 127
Como se conduziam os touros das pastagens 128
As guitarradas e as cantigas ao desafio 128
A saida dos touros para a praça 128
As correrias até Lisboa 129
Os batedores mais celebres e a bandeirinha 129
Touros tresmalhados 130
Ferimentos em populares 130
Um boi no mercado publico da cidade 131

XVI—**Moços de forcado** 133

Os monteiros da chóca e suas attribuições 133
Os melhores pegadores de touros 133
Forcados amadores e de profissão 134

Cap. Pag.

XVII—**Os intervalleiros**.. 137

Os antigos brincos ou intermedios jocosos 137
Os intervallos do Campo de Sant'Anna.. 137
O toureio comico de agora..... 137
Notaveis intervalleiros e intervalleiras... 138
Titulos de intervallos de sensação..... 138

XVIII—**O toureio nos arredores de Lisboa** 139

Episodios n'uma tourada no Campo Grande..... 139
Curiosos do toureio em 1848..... 139
Bulhão Pato, Mendes Leal e Lopes de Mendonça lidando touros..... 140
Um duello imminente..... 141
O conde de Vimioso na Porcalhota 141
D. Miguel de Bragança em Queluz..... 141
As praças nas quintas da Hespanhola e Bom Jardim, em Bellas. 142
As arenas em Massamá e Meleças..... 142
Uma corrida em Cintra, em 1820. 143
A praça dos Seteaes e uma tourada em 1853..... 144
Uma vaccada em 1904 e os seus promotores..... 145
Amadores que tomaram parte na lide ... 146
Corridas em Agualva e Tojal..... 146
Touradas em Belem, no anno de 1761... 146
Corridas em Pedrouços, no tempo de D. João V..... 146
A praça de Algés 148
Tourada na Cruz Quebrada, em 1891.... 149
Em que se tornou a praça da Cruz Quebrada..... 150
Projecto d'uma arena em Oeiras..... 150
Taurodromos em Paço d'Arcos e Cascaes 151
Corridas nos Olivaes..... 153
» em Sacavem, em 1647..... 154
Criticas..... 154
Um modo de obrigar a ir á tourada..... 156

XIX—**As praças de touros no districto de Lisboa**... 159

Corridas em Almada..... 159